

VANESSA TERRA DOS SANTOS

**ACACIEAE BENTH. (LEGUMINOSAE- MIMOSOIDEAE)
EM MINAS GERAIS, BRASIL**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Botânica, para a obtenção do título de *Magister Scientiae*.

**VIÇOSA
MINAS GERAIS – BRASIL
2010**

VANESSA TERRA DOS SANTOS

**ACACIEAE BENTH. (LEGUMINOSAE- MIMOSOIDEAE)
EM MINAS GERAIS, BRASIL**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Botânica, para a obtenção do título de *Magister Scientiae*.

APROVADA: 24 de fevereiro de 2010.

Prof^ª. Andreza Viana Neri
(Co-orientadora)

Prof^ª. Rita Maria de Carvalho-Okano
(Co-orientadora)

Prof^ª. Milene Faria Viera

Dr^ª. Valquíria Ferreira Dutra

Prof^ª. Flávia Cristina Pinto Garcia
(Orientadora)

**“Quando olhamos para o nosso lado,
Vemos que outros pés caminham conosco...
São negros, são rubros, são calejados pés,
Que juntos, e somente juntos,
Moldam o chão.”**

Carlos Drumond de Andrade

**A meus pais, Jorge e Guiomar,
com todo meu amor, respeito e admiração.**

AGRADECIMENTOS

Mais uma etapa sonhada chega ao fim. Muito devo a pessoas e instituições que, de alguma maneira, me apoiaram e merecem um agradecimento especial:

A Deus, pela vida, compreensão em momentos descrentes, pela saúde e família maravilhosa que me deu.

À Universidade Federal de Viçosa, pela oportunidade de realizar o mestrado em uma instituição de tamanho reconhecimento e ao CNPq, pela bolsa de mestrado concedida ao meu projeto.

À professora Flávia Cristina Pinto Garcia, pelos ensinamentos e orientação, e por todo o auxílio para conseguir a bolsa de mestrado e também de doutorado.

Aos professores do Departamento de Biologia Vegetal, pelos ensinamentos indispensáveis que me foram passados.

Aos funcionários do Departamento de Biologia Vegetal, em especial aos amigos Ângelo e Celso, pela imensa boa vontade e paciência com a qual atendem a todos nós.

Ao Instituto Estadual de Florestas (IEF) e ao IBAMA, pelas licenças concedidas.

Às professoras Rita Maria de Carvalho-Okano e Andreza Neri, minhas co-orientadoras, pela leitura e pelas valiosas sugestões dadas.

Aos membros da banca examinadora, Milene Faria Vieira e Valquíria Dutra, pela leitura minuciosa, opiniões e sugestões.

Ao amigo Reinaldo Pinto pelo seu trabalho maravilhoso, paciência e perfeccionismo invejáveis em suas ilustrações.

Aos curadores dos herbários, pelos empréstimos e pela recepção para a visita *in loco*, em especial Carolyn Proenca, que tão gentilmente me recebeu em sua casa.

Aos colegas do PPG Amanda Soares, Dayana Teodoro, Josiene Rossini, Thiago Pires, Valdneá Casagrande e Vinícius Kuester. Não tenho palavras para agradecer a Deus por ter encontrado vocês. Obrigada pelas conversas, conselhos e tantas outras coisas que nossa amizade me proporcionou. Tenho por todos vocês um carinho sem tamanho.

Aos colegas de herbário e irmãos de orientação, em especial José Martins e Valquíria Dutra. Zé, obrigada pelas plantas trazidas de campo, pelos ensinamentos e conselhos, principalmente nas horas da entrega da primeira versão! Valquíria, nem sei como te agradecer pela paciência de me ensinar as ‘manhas’ do ArcGis!

À minha querida orientadora de bacharelado Thaís Scotti do Canto-Dorow, que me iniciou na Botânica e me incentivou muito a vir para Viçosa. Eu não seria nada sem seus ensinamentos, sem seu carinho, amizade e companheirismo.

Ao colega Guilherme Ceolin, pela ajuda de sempre, desde os tempos de UFSM, pelos ensinamentos, idéias, ajudas, e palavras que me ajudaram a seguir em frente.

Aos meus amigos de infância Cristiane Copetti, Fabiano Fontoura, Paula Marra e Sinara Backes. Obrigado por sempre entenderem minhas escolhas, mesmo que isso tenha nos afastado geograficamente. Levo vocês no meu coração, sempre.

Às amigas da Bioquímica da UFSM, Nilce Peixoto, Fabiana Ourique, Fabiane Sônego, Micheli Figueiró e Juliana Lima Garcia, pela amizade e ensinamentos nos primeiros passos como pesquisadora. Saudade de vocês.

Aos meus queridos amigos Fernanda Zembruski, Daiane Kochhann, Igor Kaefer, Mariana Gomes, Leonardo Almeida, Caroline Turchiello e Alice Copetti. Nunca vou esquecer tudo que vivemos, nossa amizade, e o carinho gigantesco que tenho por vocês!

Ao João Paulo, pelo carinho, compreensão e apoio. Você não faz idéia de como seu sorriso, suas palavras e seu otimismo me ajudaram a vencer esta etapa. Muito obrigada por fazer dessa fase um período menos tenso! Te amo!

Aos meus pais Jorge e Guiomar, e meu irmão Fernando, por sempre terem acreditado em mim, mesmo quando eu mesma não acreditava. Obrigada do fundo do coração por entenderem que esses quase 3 mil quilômetros são necessários, e por sempre me apoiarem com sábias palavras e um bom colo, quando possível. Amo muito vocês!

Aos meus tios e primos, em especial a Tia Marina e Tio Alvacir, que sempre se orgulharam e incentivaram essa sobrinha/afilhada a seguir a vida acadêmica, mesmo longe da família.

Aos meus avós maternos e avô paterno que, tenho certeza, guiam meus passos de onde estiverem. Sinto muito a falta de vocês.

Peço desculpas se esqueci de alguém, mas agradeço, de uma maneira geral, a todos que, pessoal ou profissionalmente, ajudaram na realização deste trabalho. Fica aqui o meu mais sincero muito obrigado!

BIOGRAFIA

Vanessa Terra dos Santos, filha de Jorge Enio Pinto dos Santos e Guiomar Terra Batú dos Santos, nasceu em Santo Ângelo – RS, em 11 de setembro de 1984.

Ingressou no curso de Bacharelado em Ciências Biológicas em março de 2004, na Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, Rio Grande do Sul, graduando-se em fevereiro de 2008.

Iniciou o Mestrado em Botânica no Departamento de Biologia Vegetal da Universidade Federal de Viçosa em março de 2008, concluindo em fevereiro de 2010.

SUMÁRIO

RESUMO	ix
ABSTRACT	xi
1. INTRODUÇÃO	1
2. MATERIAL E MÉTODOS	5
2.1. Área de estudo	5
2.2. Levantamento florístico	7
2.3. Padrões de distribuição geográfica	8
3. RESULTADOS E DISCUSSÃO	9
3.1. Tratamento Taxonômico	9
3.1.2. Descrição do gênero	9
3.1.3. Aspectos morfológicos das espécies de <i>Acacia</i> em Minas Gerais	11
3.1.4. Chave para a identificação das espécies de <i>Acacia</i> ocorrentes em Minas Gerais	14
3.1.5. Descrições das espécies	15
3.1.5.1. <i>Acacia bahiensis</i> Benth.	15
3.1.5.2. <i>Acacia farnesiana</i> (L.) Willd.	17
3.1.5.3. <i>Acacia grandistipula</i> Benth.	19
3.1.5.4. <i>Acacia lacerans</i> Benth.	22
3.1.5.5. <i>Acacia langsdorfii</i> Benth.	23
3.1.5.6. <i>Acacia lewisii</i> Bocage & Miotto	26
3.1.5.7. <i>Acacia limae</i> Bocage & Miotto	29
3.1.5.8. <i>Acacia martii</i> Benth.	30
3.1.5.9. <i>Acacia martiusiana</i> (Steud.) Burkart	31
3.1.5.10. <i>Acacia monacantha</i> Willd.	34
3.1.5.11. <i>Acacia polyphylla</i> DC.	37
3.1.5.12. <i>Acacia polyphylla</i> DC. var. <i>giganticarpa</i> G. P. Lewis	41
3.1.5.13. <i>Acacia pteridifolia</i> Benth.	44
3.1.5.14. <i>Acacia riparia</i> Kunth.	46

3.1.5.15. <i>Acacia serra</i> Benth.	47
3.1.5.16. <i>Acacia tenuifolia</i> (L.) Willd.	49
3.1.5.17. <i>Acacia velutina</i> DC.	52
3.2. Utilização das espécies	56
3.3. Padrões de distribuição geográfica	58
4. CONCLUSÕES	64
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	65

RESUMO

SANTOS, Vanessa Terra dos, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, fevereiro de 2010. **Acacieae Benth. (Leguminosae – Mimosoideae) em Minas Gerais, Brasil.** Orientadora: Flávia Cristina Pinto Garcia. Co-orientadores: Rita Maria de Carvalho-Okano e Andreza Viana Neri.

Acacieae Benth. está composta por um único gênero, *Acacia* Miller, que faz parte de Leguminosae, a terceira maior família das angiospermas. Apresenta mais de 1450 espécies, distribuídas através de regiões tropicais e temperadas de todo o mundo. São reconhecidas por serem lianas, árvores ou arbustos; as folhas são bipinadas; a inflorescência axilar, espiciforme ou capitada; flores hermafroditas, usualmente 4-5-meras, brancas ou amarelas; estames de 15-150 por flor, livres desde a base; os frutos são do tipo legume, papiráceos, coriáceos ou lenhosos; as sementes possuem pleurograma. Neste trabalho são apresentados a diversidade e os padrões de distribuição geográfica das espécies do gênero *Acacia* no estado de Minas Gerais. Os estudos foram baseados na análise de cerca de 800 espécimes de 21 herbários, observações de campo e coleta de material botânico em 27 Unidades de Conservação de Minas Gerais. São fornecidas descrições, ilustrações, chave de identificação, nomes populares, distribuição geográfica, padrões de distribuição e dados sobre a floração e frutificação destas espécies. Foram reconhecidas 17 táxons dos quais somente *Acacia farnesiana* (L.) Willd. é introduzida, ocorrendo espontaneamente no estado e, sendo também, a única espécie pertencente ao subgênero *Acacia*, já que as demais pertencem ao subgênero *Aculeiferum*. *Acacia velutina* DC. tem aqui sua primeira citação de ocorrência para Minas Gerais. As espécies distribuem-se nos três biomas existentes no estado: Floresta Atlântica, Cerrado e Caatinga. *Acacia farnesiana*, *A. martiusiana*, *A. polyphylla* e *A. tenuifolia* ocorreram nos três biomas. As espécies encontradas exclusivamente na Floresta Atlântica foram *A. grandistipula*, *A. lacerans*, *A. pteridifolia* *A. polyphylla* var. *giganticarpa* e *A. serra*. As espécies exclusivas da Caatinga foram *A. bahiensis* e *A. limae*. *Acacia martii* e *A. velutina* foram exclusivas do Cerrado. Foram definidos oito padrões de distribuição geográfica para estas espécies: Ampla distribuição (5,88%), Neotropical (17,65%), América do Sul ocidental-centro-oriental (29,41%), Brasil Oriental Nordeste-Sudeste-Sul (5,88%), Brasil Atlântico Sudeste-Nordeste (23,53%), Brasil Atlântico Sudeste-Sul (5,88%), Endêmico Sudeste (5,88%), Endêmico Minas Gerais (5,88%). *Acacia lacerans*, *A. lewisii*, *A. martii*, *A. polyphylla* var. *giganticarpa*, *A. pteridifolia*, *A. serra* e *A. velutina* estão sendo indicadas para a lista de espécies

ameaçadas de extinção em Minas Gerais, na categoria criticamente em perigo. *Acacia bahiensis* é também indicada para a lista, na categoria em perigo, e *A. limae* e *A. monacantha* indicadas na categoria vulnerável. As espécies de *Acacia* de Minas Gerais possuem diversos usos, sendo que a utilização como plantas medicinais e o uso da madeira na construção civil e fornecimento de lenha e carvão são os mais freqüentemente citados na literatura. Tais dados demonstram a necessidade da criação de novas unidades de conservação e a implementação de programas de conservação em áreas não protegidas.

ABSTRACT

SANTOS, Vanessa Terra dos, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, February, 2010. **Acacieae Benth. (Leguminosae – Mimosoideae) in Minas Gerais, Brazil.** Adviser: Flávia Cristina Pinto Garcia. Co-advisers: Rita Maria de Carvalho-Okano and Andreza Viana Neri.

Acacieae Benth. consists of a single genus, *Acacia* Miller, belonging to Leguminosae, the third largest family of angiosperms. It comprises more than 1450 species, distributed through tropical and temperate regions worldwide. Lianas, trees or shrubs, leaves bipinnate, inflorescence axillary, spiciform or capitate; flowers hermaphrodite, usually 4-5 mere, white or yellow, stamens 15-150 per flower, free from the base; fruit a legume, papyraceous, leathery or woody, seed with pleurogram. This work describes the diversity and distribution patterns of the genus *Acacia* in the state of Minas Gerais. The studies were based on analysis of about 800 specimens from 21 herbaria, field observations and collection of botanical material from 27 protected areas of Minas Gerais. The study provides descriptions, illustrations, identification key, common names, geographic distribution, distribution patterns and data on flowering and fruiting of these species. Seventeen taxa were recognized, of which only *Acacia farnesiana* (L.) Willd. is introduced, occurring spontaneously in the state and, also, the only species belonging to subgenus *Acacia*, since the remaining belong to the subgenus *Aculeiferum*. Here we report for the first time, the occurrence of *Acacia velutina* DC. in Minas Gerais. The species are distributed in the three biomes in the state: Atlantic Forest, Cerrado and Caatinga. *Acacia farnesiana*, *A. martiusiana*, *A. polyphylla* and *A. tenuifolia* occurred in the three biomes. The species that were found exclusively in the Atlantic Forest were *A. grandistipula*, *A. lacerans*, *A. pteridifolia* *A. polyphylla* var. *giganticarpa* and *A. serra*. *A. bahiensis* and *A. limae* were exclusive to the Caatinga. *Acacia martii* and *A. velutina* were unique to the Cerrado. Eight geographic distribution patterns were defined for these species: Broad distribution (5.88%), Neotropical (17.65%), Western-Central-Eastern South America (29.41%), Eastern-Northeastern-Southeastern-Southern Brazil (5.88%), Atlantic-Southeastern-Northeastern Brazil (23:53%), Atlantic Southeastern-Southern Brazil (5.88%), endemic Southeastern (5.88%) and Endemic Minas Gerais (5.88%). *Acacia lacerans*, *A. lewisii*, *A. martii*, *A. polyphylla* var. *giganticarpa*, *A. pteridifolia*, *A. Serra* and *A. velutina* have been indicated to be included to the list of endangered species in Minas Gerais, in the critically endangered category. *Acacia bahiensis* has also been indicated to be included

to the endangered category, and *A. limae* and *A. monacantha* have been indicated to be included to the vulnerable category. *Acacia* species from Minas Gerais have several uses such as medicinal plants, lumber in construction, firewood and charcoal, which are the most frequently cited in the literature. These data show the need for the creation of new protected areas and implementation of conservation programs in non-protected areas.

1. INTRODUÇÃO

Leguminosae é a terceira maior família entre as Angiospermas, com 730 gêneros e 19.400 espécies, distribuídas em três subfamílias e 36 tribos, das quais 28 pertencem à subfamília Papilionoideae, quatro a Caesalpinioideae e as outras quatro a Mimosoideae (Lewis *et al.* 2005). No Brasil são encontrados cerca de 188 gêneros e 2.100 espécies (Lima 2000) com ampla distribuição geográfica, ocorrendo em diversos ambientes, desde os picos das montanhas até o litoral arenoso, da floresta tropical úmida até desertos, e também em ambientes aquáticos (Polhill *et al.* 1981). Parte do sucesso das Leguminosae pode ser explicada pela associação com bactérias fixadoras de nitrogênio que ocorrem em nódulos nas suas raízes (Sprent 2001).

Mimosoideae é a segunda maior subfamília de Leguminosae, com 3.270 espécies, cerca de 70 gêneros e quatro tribos (Mimoseae, Mimosygantheae, Acacieae e Ingeae), distribuídos nas regiões tropicais e subtropicais com diversos gêneros penetrando em regiões temperadas (Elias 1981; Lewis *et al.* 2005). Barroso *et al.* (1991) citam, para o Brasil, 580 espécies nativas agrupadas em 26 gêneros.

Acacieae Benth. está composta por um único gênero, *Acacia* Miller, considerado o segundo maior gênero de Leguminosae (Lewis *et al.* 2005). Este gênero apresenta mais de 1.450 espécies (Rico-Arce 2007), reconhecidas por serem predominantemente lianas, mas podendo apresentar também o hábito arbóreo ou arbustivo; as folhas são bipinadas; a inflorescência axilar ou terminal, espiciforme ou glomeriforme; flores hermafroditas, usualmente 4-5-meras, brancas ou amarelas; estames de 15-150 por flor, livres desde a base; os frutos são do tipo legume, papiráceos, coriáceos ou lenhosos; as sementes possuem pleurograma.

Muitas espécies são conhecidas pela capacidade de se associarem a bactérias fixadoras de Nitrogênio (Sprent 2001). Devido a essa característica e ao rápido desenvolvimento das plantas, são amplamente utilizadas em sistemas agroflorestais (exemplo: *Acacia mangium* Willd.) e para recuperação do solo, sendo introduzidas em vários países, o que ocasionou problemas de invasão de habitat de espécies nativas (Rico-Arce 2007).

Folhas, frutos, madeira e casca de muitas espécies de *Acacia* são utilizados para: alimentar o gado (embora alguns frutos e folhas contenham glicosídeos cianogênicos

tóxicos); lenha; medicinal; curtir couro (curtumes), pois apresentam tanino; extração de óleos aromáticos (Burkart 1979; Brandão *et al.* 2002). São também cultivadas como ornamentais (*A. farnesiana* (L.) Willd.); várias espécies produzem goma (exemplo: *A. senegal* (L.) Willd.) sendo utilizadas na produção de goma arábica (Rico-Arce 2007). Todas as espécies apresentam flores melíferas (Burkart 1979), sendo importantes nos sistemas agroflorestais para atração de polinizadores e como incremento na produção de mel (Brandão *et al.* 2002).

Acacia foi originalmente descrita por Philip Miller em 1754, em trabalho no qual descreve 24 espécies africanas e americanas (Orchard & Maslin 2003).

Em 1842, Bentham reconheceu Acacieae como uma das três tribos para Mimosoideae. Em uma série de publicações no período de 1842-1846, este autor, inicialmente, reconheceu dez gêneros em Acacieae. Em 1875, Bentham efetuou mudanças radicais nesta classificação, restringindo Acacieae a um único gênero, *Acacia*, e criando a tribo Ingeae para acomodar os outros nove gêneros (Murphy 2008).

Vários sistemas de classificação já foram propostos para o gênero. Bentham (1842) definiu seis séries: *Phyllodineae*, *Botrycephalae*, *Pulchellae*, *Gummiferae*, *Vulgares* e *Filicinae*. Estas séries foram baseadas, principalmente, em características foliares, na presença ou ausência de estípulas espinescentes e acúleos. Em 1845, o autor manteve esta classificação.

Vassal (1972), em seus estudos ontogenéticos e morfológicos de *Acacia*, estabeleceu três subgêneros: *Acacia*, *Aculeiferum* e *Phyllodineae*. Guinet & Vassal (1978) dividiram estes três subgêneros em sete seções, baseando-se em caracteres morfológicos, citogenéticos e palinológicos: o subg. *Acacia* com a seção *Acacia*; subg. *Aculeiferum* com as seções *Aculeiferum*, *Monacanthae* e *Filicinae*; e o subgênero *Phyllodineae*, seções *Uninervea*, *Heterophyllum* e *Pulchelloidea*.

Pedley (1986), em estudo cladístico utilizando dados moleculares, propôs uma nova classificação, estabelecendo três gêneros para *Acacia s.l.*: *Acacia sensu stricto*, *Senegalia* e *Racosperma*, correspondendo, respectivamente, aos subgêneros *Acacia*, *Aculeiferum* e *Phyllodineae* de Vassal (1972), com algumas alterações no arranjo das seções.

Estudos mais atuais baseados em dados moleculares mostram indicam que *Acacia s.l.* não é monofilética, e comprovam a monofilia dos subgêneros *Acacia* e *Phyllodineae* (Chappil & Maslin 1995; Miller & Bayer 2001; Luckow *et al.* 2003; Miller *et al.* 2003). Devido a esta falta de monofilia em *Acacia s.l.*, mudanças nomenclaturais foram propostas. Orchard & Maslin (2003) propuseram a substituição do tipo africano (*Acacia nilotica* L. Delile) por um australiano (*Acacia penninervis* DC.), argumentando, principalmente, que o nome *Acacia* deveria ser mantido para o maior número de espécies. A nova classificação proposta por estes autores inclui no gênero *Vachellia* as espécies africanas pertencentes ao subg. *Acacia*; em *Senegalia* as espécies americanas pertencentes ao subg. *Aculeiferum*, e mantém o nome *Acacia* para as espécies australianas do subg. *Phyllodineae*.

A proposta de Orchard & Maslin (2003) foi recomendada pelo Comitê das Espermatófitas e levada a Seção de Nomenclatura do XVII Congresso Internacional de Botânica no ano de 2005, em Viena. Até o início do Congresso, uma simples maioria era necessária para mudar qualquer decisão recomendadas pelos vários Comitês e aprovadas pelo Comitê Geral. No primeiro dia do Congresso, a resolução de que uma maioria de 60% dos votos seria necessária para mudar qualquer decisão recomendada pelo Comitê das Espermatófitas, na seção de nomenclatura, foi passada aos participantes. As demais decisões continuariam a ser alteradas com uma simples maioria. Durante a votação, 54,9% dos votos rejeitaram a recomendação do Comitê, enquanto 44,1% aceitaram, aconselhando-se, então, a retipificação do gênero (Smith *et al.* 2006).

Essa proposta de retipificação tem sido suportada e rejeitada por grupos de interesse amplamente diferentes. Os botânicos australianos geralmente concordam com a retipificação, enquanto a grande maioria dos demais botânicos rejeita (Smith *et al.* 2006) e procura meios de reverter tal decisão, no próximo Congresso Internacional de Botânica, que ocorrerá no ano de 2011, em Melbourne. Enquanto aguarda-se uma decisão nomenclatural, o conceito mais amplo do gênero é adotado no presente trabalho.

Acacia sensu latu é cosmopolita ocorrendo em todos os continentes, exceto na Antártica (Rico-Arce 2007). É um importante componente da vegetação da Austrália e de grandes áreas da África e do continente Americano e, embora seja frequentemente associado a florestas secas e vegetação secundária, várias espécies são elementos

florísticos das florestas tropicais sempre verdes (Rico-Arce 2007). A maioria das espécies é de floresta tropical decídua que se estende da América Central até o Chaco, na Argentina (Rico-Arce 2007), incluindo, no Brasil, os biomas Caatinga e Cerrado, altamente degradados e ameaçados. Até o momento, existe registro de apenas uma espécie extinta, *A. piptadenioides* G.P. Lewis, que ocorria na Bahia, mas não existe nenhum estudo sobre a conservação das espécies na literatura (Rico-Arce 2007).

No Brasil, o primeiro levantamento das espécies de *Acacia* foi publicado na *Flora Brasiliensis* (Martius 1876) onde são citadas 25 espécies. Burkart (1979) realizou o levantamento das espécies de Mimosoideae de Santa Catarina onde amostrou 13 espécies de *Acacia*. Silva (1990) estudou o gênero na Amazônia brasileira e encontrou 11 espécies. Para o Nordeste, há apenas o estudo de Lewis (1987) citando 15 espécies ocorrentes na Bahia. Rico-Arce (2007) estudou as espécies americanas citando 65 espécies para o Brasil. A Lista brasileira das espécies das Plantas Vasculares (em preparação), apresenta a ocorrência de 50 espécies do gênero.

Em Minas Gerais, a vasta superfície, o clima, o relevo e os recursos hídricos propiciam o aparecimento de uma cobertura vegetal extremamente rica e diversa, agrupada em três grandes Biomas: a Floresta Atlântica, o Cerrado e a Caatinga, com suas inúmeras formações fitoecológicas, responsáveis por uma grande diversidade de paisagens. Tal variedade resulta de uma riqueza extraordinária da flora, que se apresenta em diferentes tipologias, como as florestas estacionais semidecíduais montana e submontana, a floresta estacional decidual (Caatinga) e o Cerrado, com suas diferentes fitofisionomias (Drummond *et al.* 2005), onde se incluem os campos rupestres, vegetação com alta taxa de endemismos (Dutra *et al.* 2008).

Para este Estado, foram citadas oito espécies de *Acacia* na *Flora Brasiliensis* (Martius 1876) e 12 espécies por Rico-Arce (2007). No Cerrado, Sano & Almeida (1998) encontraram 11 espécies. Oliveira-Filho (2006) relata seis espécies arbóreas nativas em Minas Gerais. Na lista preliminar da Família Leguminosae na Região Nordeste do Brasil, César *et al.* (2006) citam 21 espécies deste gênero como ocorrentes nesta região. Queiroz (2009), em trabalho na Caatinga, faz menção a 16 espécies. Na Lista das espécies das plantas vasculares do Bioma Floresta Atlântica (em preparação), são citadas 26 espécies de *Acacia*.

Embora os trabalhos supracitados mencionem algumas espécies de *Acacia* para o Estado, esses dados não são suficientes, já que nenhum destes autores trabalhou especificamente com este gênero, e nem se ateve a revisão de herbários com depósitos de espécimes oriundas de Minas Gerais.

Assim, este trabalho visa a ampliar os conhecimentos morfológicos e taxonômicos sobre as espécies de *Acacia* no Estado de Minas Gerais, sendo apresentadas chave de identificação, descrições, ilustrações, comentários e informações sobre a distribuição geográfica e padrões de distribuição destas espécies no Estado.

Essas informações, certamente, poderão ser utilizadas como subsídio na implementação de áreas potencialmente importantes para a conservação.

2. MATERIAL E MÉTODOS

2.1. Área de estudo

O Estado de Minas Gerais ocupa uma área de 588.384 Km² e apresenta um relevo fortemente acidentado, com altitudes que variam de 79 metros, no município de Aimorés, a 2.890 metros, no Pico da Bandeira, na divisa com o Estado do Espírito Santo. A vegetação do estado distribui-se em três biomas (Figura 1), a Floresta Atlântica, o Cerrado e a Caatinga. As diferentes formas de relevo, somadas às características específicas dos solos, propiciam uma infinidade de paisagens com ambientes a serem preservados (Drummond *et al.* 2005).

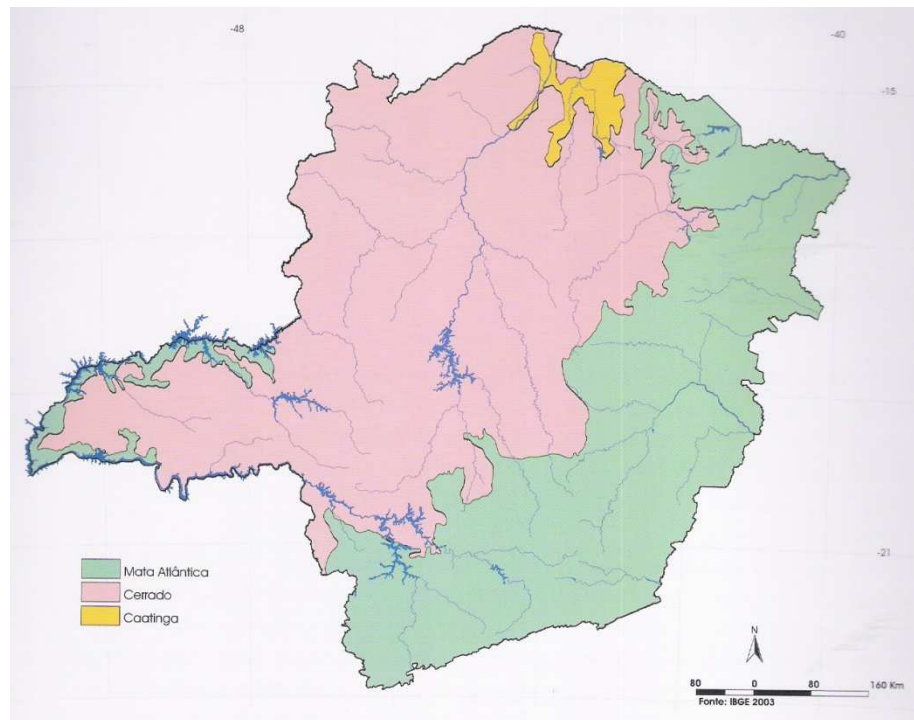


Figura 1: Principais biomas no Estado de Minas Gerais (Fonte: Drummond *et al.* 2005).

No quadro fitofisionômico de Minas Gerais destacam-se duas grandes unidades: a que se desenvolve em toda a porção centro-ocidental, constituindo a área de Cerrado, e a porção leste-sudeste, constituída por prolongamentos da Floresta Atlântica. São encontradas ainda expansões da Caatinga ao norte. As formações campestres que ocorrem nas áreas serranas, como os campos limpos e os campos rupestres, e as comunidades hidromórficas, como as veredas e os campos de várzeas, que aparecem em menor escala no bioma Cerrado (Mendonça & Lins 2000).

A Floresta Atlântica ocupa uma área de 41% do Estado de Minas Gerais e está representada principalmente pela floresta estacional semidecidual, também chamada de floresta mesófila. A formação baixo-montana está restrita a uma pequena área no Vale do Rio Doce, na divisa com o Espírito Santo. A formação ombrófila mista, que predomina no planalto meridional brasileiro, apresenta-se aqui em pequenas manchas, como disjunções florísticas da Serra da Mantiqueira. A floresta ombrófila densa, sempre verde, ocorre em pequenas manchas no lado mineiro do maciço do Itatiaia; as matas ciliares ou de galeria são encontradas em todas as regiões do Estado, recebendo influência florística dos tipos florestais adjacentes (Mendonça & Lins 2000).

O Cerrado ocupa cerca de 57% da extensão territorial no Estado de Minas Gerais, onde se incluem os campos rupestres, vegetação com alta taxa de endemismos e altamente ameaçada pelo uso desordenado (Drummond *et al.* 2005). No entanto, os remanescentes de vegetação primária do Cerrado correspondem somente a 20% da área original ocupada pelo bioma (Myers *et al.* 2000). Em Minas Gerais encontra-se nas regiões do Alto e Médio Jequitinhonha, Alto e Médio São Francisco, Campo das Vertentes, Zona Metalúrgica, Triângulo e Alto Paranaíba, ocupando relevo plano ou suavemente ondulado (Mendonça & Lins 2000).

O domínio da Caatinga na região norte do Estado de Minas Gerais, ocupa menos de 2% do território (Drummond *et al.* 2005), apresentando tipologias diversificadas conforme a posição no relevo e as condições edáficas locais (Mendonça & Lins 2000). É representada pela formação típica, suas variações e disjunções, com fisionomias que vão do arbóreo ao arbustivo, abertas ou densas. No período seco, de junho a setembro, a Caatinga e suas variações ostentam a peculiar fisionomia caducifólia, mas no período chuvoso, de novembro a março, esses maciços tornam-se notavelmente verdejantes (Mendonça & Lins 2000).

2.2. Levantamento florístico

O levantamento florístico das espécies foi realizado com base na análise morfológica de cerca de 800 espécimes de *Acacia*, provenientes de Minas Gerais, depositados nos acervos dos seguintes herbários: BHCB, BHZB, CEN, CESJ, DIAM, ESAL, GFJP, HUEFS, HUEMG, HUFU, IBGE, PAMG, R, RB, RBR, RFA, SP, SPF, UB, UEC e VIC, cujas siglas estão de acordo com *Index Herbariorum* (Holmgren & Holmgren 2009). Coletas complementares foram realizadas em Unidades de Conservação do Estado de Minas Gerais de dezembro de 2008 a março de 2009. Os parques visitados foram: Parque Estadual da Serra do Brigadeiro; Parque Estadual da Serra do Papagaio; Parque Estadual Montezuma; Parque Estadual da Serra da Boa Esperança; Parque Estadual Nova Baden e Parque Estadual Caminho Gerais. Para cada indivíduo amostrado, foram coletados, sempre que possível, cinco ramos férteis (com folhas, flores e/ou frutos). Os materiais coletados foram herborizados de acordo com Fidalgo & Bononi (1989) e, após a identificação, depositados no acervo do Herbário VIC, do Departamento de Biologia Vegetal, da Universidade Federal de Viçosa.

A identificação dos materiais foi realizada através de chaves analíticas de identificação, de comparação com diagnoses, descrições e ilustrações presentes na literatura (Martius 1876; Burkart 1979; Lewis 1987; Silva 1990; Rico-Arce 2007). A classificação infragenérica está baseada em Vassal (1972).

Com base na análise morfológica do material examinado foram elaboradas, para as espécies amostradas, descrições, ilustrações e chave para identificação dos táxons.

A terminologia morfológica para as descrições foi baseada em Rardford *et al.* (1974), exceto a classificação dos frutos que foi baseada em Barroso *et al.* (1999). As medidas das partes vegetativas se basearam no material herborizado, enquanto as partes florais foram medidas após a reidratação. Tais descrições apresentam a amplitude de variações morfológicas observadas nos caracteres vegetativos e reprodutivos.

As ilustrações foram realizadas com o auxílio de uma câmara clara acoplada a estereomicroscópio Zeiss, baseadas em material herborizado e reidratado.

Nos comentários são apresentados dados sobre a floração e frutificação, habitats preferenciais, distribuição geográfica e taxonomia. Os períodos de floração e frutificação e a distribuição das espécies foram observados durante as coletas no campo, bem como extraídos das etiquetas dos espécimes depositados nos acervos dos herbários.

Para a elaboração dos mapas de distribuição geográfica das espécies em Minas Gerais, foi utilizado o programa ArcGIS.

2.3. Padrões de distribuição geográfica

Os padrões de distribuição geográfica foram elaborados a partir de dados obtidos na literatura específica para o gênero, complementados com informações de etiquetas de espécimes de herbário. Tais padrões de distribuição foram adaptados de Morim (2006) e Ribeiro & Lima (2009), sendo eles: Ampla distribuição, Neotropical, América do Sul ocidental-centro-oriental, Brasil Oriental Nordeste-Sudeste-Sul, Brasil Atlântico Sudeste-Nordeste, Brasil Atlântico Sudeste-Sul, Endêmico Sudeste, Endêmico Minas Gerais.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1. Tratamento Taxonômico

3.1.2. Descrição do gênero

Acacia Miller, Garden. Dict. Abridg. edit. 4, 1754

Espécie tipo: *Acacia nilotica* (L.) Willd. ex Delile

Arbustos escandentes, lianas ou árvores com até 17 m alt. Ramos cilíndricos ou angulosos, inermes ou armados com acúleos retos, recurvos ou incurvos. Estípulas lanceoladas, espatuladas, cordiformes ou reniformes, podendo ser transformadas em espinhos geminados, glabras ou seríceas, caducas ou persistentes. Folhas bipinadas, pecioladas; pecíolo cilíndrico, canaliculado; ráquis foliar cilíndrica, canaliculada, inerme ou armada, com ou sem parafilídios; nectários sésseis ou estipitados, cilíndricos, pateliformes, cupuliformes, discóides, verruciformes ou cônicos, com posições variadas no pecíolo e na ráquis. Unidade básica da inflorescência do tipo glomérulo, espiga ou cacho, reunidos em fascículos axilares ou fascículos dispostos em panículas terminais ou axilares; brácteas caducas, lanceoladas ou espatuladas, glabras, tomentosas, estrigosas ou seríceas, localizadas em posições variadas no pedúnculo. Flores hermafroditas, actinomorfas, sésseis ou pediceladas; cálice tubuloso ou campanulado, glabro, puberulento ou estrigoso; corola tubulosa ou campanulada, glabra, estrigosa ou serícea; estames 45–150, livres desde a base, anteras dorsifixas com ou sem glândula no conectivo na pré-antese; ovário unicarpelar, plurióvulado, glabro, seríceo, tomentoso ou viloso, com estípite de comprimento variado. Legumes planos ou cilíndricos, lineares ou fusiformes, glabros, velutinos ou puberulentos; sementes numerosas, elípticas, com pleurograma.

Em Minas Gerais, foram encontradas 17 espécies distribuídas em dois subgêneros (Tabela 1). Apenas uma espécie encontrada (*Acacia farnesiana*) pertence ao subgn. *Acacia*, sendo também, a única introduzida. As demais espécies são nativas e pertencem ao subgen. *Aculeiferum*.

Trabalhos anteriores como o de Martius (1876) e Rico-Arce, (2007) citam a ocorrência de, respectivamente, oito e 14 espécies de *Acacia* em Minas Gerais. Rico-Arce (2007) citou, para o Brasil, a ocorrência de 65 espécies deste gênero. Logo, as espécies de Minas Gerais correspondem a 27% da riqueza do gênero no Brasil.

Em comparação com a flora de outros estados, Minas Gerais se mostra um estado rico em espécies de *Acacia*. Burkart (1979), Lewis (1987) e Silva (1990), amostraram 13, 15 e 11 espécies para Santa Catarina, Bahia e Amazônia, respectivamente.

No Estado, as espécies podem apresentar-se como lianas, arbustos ou árvores, sendo o hábito arbustivo predominante, como podemos observar na Tabela 1.

Tabela 1: Espécies de *Acacia* de Minas Gerais. N: Espécies nativas. I: Espécies introduzidas.

Subgêneros	Espécies	Hábito	Status
<i>Aculeiferum</i>	<i>Acacia bahiensis</i> Benth.	Arbustos ou árvores	N
<i>Acacia</i>	<i>Acacia farnesiana</i> (L.) Willd.	Arbustos ou arvoretas	I
<i>Aculeiferum</i>	<i>Acacia grandistipula</i> Benth.	Arbustos escandentes ou árvores	N
<i>Aculeiferum</i>	<i>Acacia lacerans</i> Benth.	Lianas	N
<i>Aculeiferum</i>	<i>Acacia langsdorffii</i> Benth.	Arbustos ou árvores	N
<i>Aculeiferum</i>	<i>Acacia lewisii</i> Bocage & Miotto	Arbustos escandentes	N
<i>Aculeiferum</i>	<i>Acacia limae</i> Bocage & Miotto	Arbustos	N
<i>Aculeiferum</i>	<i>Acacia martii</i> Benth.	Arbustos a arvoretas	N
<i>Aculeiferum</i>	<i>Acacia martiusiana</i> (Steud.) Burk.	Lianas ou arbustos	N
<i>Aculeiferum</i>	<i>Acacia monacantha</i> Willd.	Árvores	N
<i>Aculeiferum</i>	<i>Acacia polyphylla</i> DC.	Árvores	N
<i>Aculeiferum</i>	<i>Acacia polyphylla</i> DC. var. <i>giganticarpa</i> G. P. Lewis	Arbustos	N
<i>Aculeiferum</i>	<i>Acacia pteridifolia</i> Benth.	Arbustos escandentes	N
<i>Aculeiferum</i>	<i>Acacia riparia</i> Kunth.	Arbustos	N
<i>Aculeiferum</i>	<i>Acacia serra</i> Benth.	Arbustos escandentes	N
<i>Aculeiferum</i>	<i>Acacia tenuifolia</i> (L.) Willd.	Arbustos escandentes ou árvores	N
<i>Aculeiferum</i>	<i>Acacia velutina</i> DC.	Lianas	N

3. 1. 3. Aspectos morfológicos das espécies de *Acacia* em Minas Gerais

Hábito: as espécies do gênero *Acacia* apresentam-se, em Minas Gerais, como lianas, árvores ou arbustos, podendo estes ser escandentes ou não (Tabela 1).

Ramos: são cilíndricos (Figura 2, A) ou angulosos (Figura 2, D), canaliculados ou não, inermes (Figura 2, B) ou armados (Figura 2, A e D) com acúleos que podem chegar a 7 mm de comprimento. Os acúleos podem ser recurvos (Figura 2, A), retos ou incurvos (Figura 2, D), distribuindo-se aleatoriamente sob o ramo (Figura 2, A) ou em séries nos ângulos dos ramos angulosos (Figura 2, D). O indumento dos ramos é muito variável, podendo ser glabros, puberulentos, hispídeos, tomentosos, seríceos ou velutinos.

Estípulas: geralmente são caducas. Quanto à forma, podem ser lanceoladas (Figura 2, D), espatuladas, cordiformes (Figura 2, C) ou reniformes, geralmente com a margem ciliada. Podem também estar transformadas em espinhos geminados retos (Figura 2, B) que chegam a até 1,4 cm.

Nectários extraflorais: estão presentes em todas as espécies encontradas em Minas Gerais. Ocorrem no pecíolo e, geralmente, na ráquis, onde aparecem com a mesma forma do nectário peciolar, porém, em tamanho menor. Podem ser sésseis (Figura 2, G, H, I, J e K) ou estipitados (Figura 2, F), cilíndricos (Figura 2, F), pateliformes (Figura 2, J), cupuliformes (Figura 2, I), discóides, verruciformes (Figura 2, G e H) ou cônicos (Figura 2, K). Sua posição é variável no pecíolo, mas sempre se localiza na face adaxial. Na ráquis, usualmente ocorrem entre os últimos pares de pinas.

Folhas: todas as espécies possuem folhas bipinadas e pecioladas (figura 2, E). O pecíolo é cilíndrico, canaliculado na face adaxial, podendo ser glabro, glabrescente, puberulento, hispídeo, tomentoso, viloso ou velutino. A ráquis também é cilíndrica, canaliculada na face adaxial, e possui a mesma variedade de indumento que o pecíolo, podendo ser inerme ou armada na face abaxial. As folhas possuem 5-32 pares de pinas, com 9-55 pares de foliólulos, com ápice arredondado, obtuso ou agudo e base truncada, atenuada ou oblíqua. A nervura principal é excêntrica ou submarginal.

Inflorescências: podem ser axilares ou terminais, compostas de unidades básicas do tipo glomérulo (Figura 2, L), cacho (Figura 2, M) ou espiga (Figura 2, N), reunidos em fascículos axilares ou fascículos dispostos em panículas terminais ou axilares.

Brácteas: geralmente caducas, lanceoladas ou espatuladas, glabras, tomentosas, estrigosas ou seríceas, freqüentemente apresentando margens ciliadas. Estão localizadas em posições variadas no pedúnculo do glomérulo ou da espiga. As estipelas são semelhantes às brácteas em forma e indumento, porém, de tamanho menor.

Flores: sésseis (Figura 2, O) ou pediceladas (Figura 2, P), actinomorfas, gamossépalas e gamopétalas. O cálice é geralmente tubuloso (Figura 2, O), podendo ser também campanulado (Figura 2, P), com os lobos geralmente partidos em cinco lacínias desiguais. Pode ser glabro, puberulento ou estrigoso. A corola é tubulosa (Figura 2, O) ou menos freqüentemente campanulada (Figura 2, P), com cinco lacínias simétricas. Pode ser glabra, estrigosa ou serícea. Androceu com 45–150 estames por flor, exsertos, livres desde a base, anteras dorsifixas, com presença (Figura 2, Q) ou ausência de glândulas no conectivo na pré-antese. O gineceu é unicarpelar; o ovário é estipitado, pluriovulado, glabro (Figura 2, R) ou com indumentos variados (Figura 2, S), com estípite de comprimento variado.

Frutos: são legumes, deiscentes, planos (Figura 2, U) ou cilíndricos (Figura 2, T), lineares ou fusiformes, base atenuada, ápice arredondado, agudo, emarginado ou retuso, apiculado. Quanto ao indumento, pode ser glabro, puberulento ou velutino. As margens são freqüentemente espessadas.

Sementes: numerosas, elípticas, marrons a marrom-avermelhadas, com pleurograma em forma de ferradura em ambas as faces (Figura 2, V).

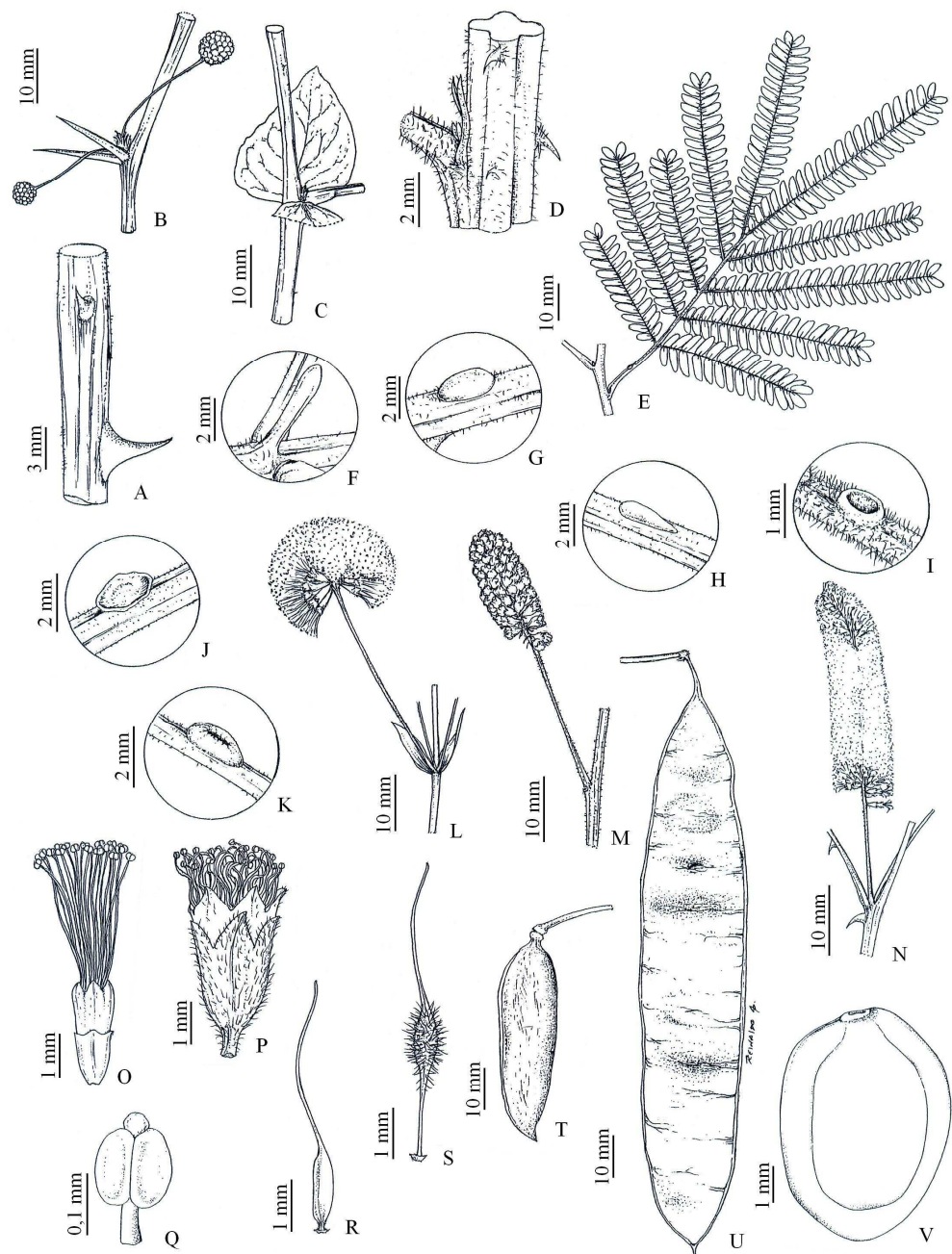


Figura 2: Aspectos morfológicos das espécies de *Acacia* em Minas Gerais. A. Ramo cilíndrico; acúleos incurvos (*A. polyphylla*). B. Ramo inerte; estípulas espinescentes (*A. farnesiana*). C. Estípulas cordiformes (*A. bahiensis*). D. Ramo 4-anguloso; acúleos recurvos seriados nos ângulos; estípulas lanceoladas (*A. martiusiana*). E. Folha bipinada (*A. langsdorffii*). F. Nectário extrafloral estipitado, cilíndrico (*A. bahiensis*). G. Nectário extrafloral séssil, verruciforme-oblongo (*A. lacerans*). H. Nectário extrafloral séssil, verruciforme-obovado (*A. martii*). I. Nectário extrafloral séssil, cupuliforme (*A. martiusiana*). J. Nectário extrafloral séssil, pateliforme (*A. polyphylla*). K. Nectário extrafloral séssil, cônico (*A. riparia*). L. Glomérulo (*A. bahiensis*). M. Cacho (*A. grandistipula*). N. Espiga (*A. monacantha*). O. Flor séssil; cálice e corola tubulosos (*A. monacantha*). P. Flor pedicelada, cálice e corola campanulados (*A. grandistipula*). Q. Antera com glândula no conectivo (*A. tenuifolia*). R. Ovário glabro (*A. farnesiana*). S. Ovário com indumento (*A. monacantha*). T. Legume cilíndrico (*A. farnesiana*). U. Legume plano (*A. langsdorffii*). V. Semente com pleurograma (*A. farnesiana*).

3.1.4. Chave para identificação das espécies de *Acacia* ocorrentes em Minas Gerais

1. Estípulas espinescentes; legumes cilíndricos **3.1.4.2. *A. farnesiana***
- 1'. Estípulas não espinescentes; legumes planos
 2. Ramos angulosos; acúleos seriados longitudinalmente nos ângulos
 3. Flores reunidas em espigas ou cachos
 4. Pinas 5-6 pares; foliólulos 6-10 pares por pina; nectário extrafloral curtamente estipitado, cupuliforme; flores pediceladas reunidas em cachos **3.1.4.3. *A. grandistipula***
 - 4'. Pinas 8-23 pares; foliólulos 20-50 pares por pina; nectário extrafloral sésil, verruciforme; flores sésseis, reunidas em espigas
 5. Pinas 8-10 pares; foliólulos 20-30 pares por pina, seríceos **3.1.4.17. *A. velutina***
 - 5'. Pinas 16-23 pares, foliólulos 40-50 pares por pina, glabros **3.1.4.4. *A. lacerans***
 - 3'. Flores reunidas em glomérulos
 6. Ramos 4-angulosos, hispídeos ou velutinos; face abaxial dos foliólulos glabra
 7. Pinas 3-11 pares; nectário extrafloral 1, pateliforme-oblongo..... **3.1.4.6. *A. lewisii***
 - 7'. Pinas 12-25 pares; nectário extrafloral (1-)2, pateliforme ou cupuliforme **3.1.4.9. *A. martiusiana***
 - 6'. Ramos 5-angulosos, glabros; face abaxial dos foliólulos serícea **3.1.4.15. *A. serra***
 - 2'. Ramos cilíndricos; acúleos esparsamente distribuídos nos ramos ou ausentes
 8. Flores reunidas em espigas **3.1.4.10. *A. monacantha***
 - 8'. Flores reunidas em glomérulos ou cachos
 9. Ramos armados; acúleos retos ou incurvos **3.1.4.11. *A. polyphylla***
 - 9'. Ramos inermes ou armados; acúleos recurvos quando presentes
 10. Nectários extraflorais sésseis
 11. Nectários extraflorais ausentes na ráquis; flores reunidas em cachos..... **3.1.4.13. *A. pteridifolia***
 - 11'. Nectários extraflorais presentes na ráquis; flores reunidas em glomérulos
 12. Pinas 6-10 pares; foliólulos 2-4 mm de largura

13. Foliólulos convexos, seríceos, face abaxial sem tufo de tricomas na base da nervura principal **3.1.4.5. *A. langsdorffii***
- 13'. Foliólulos planos, glabros a glabrescentes, face abaxial com tufo de tricomas na base da nervura principal **3.1.4.14. *A. riparia***
- 12'. Pinas 10-20 pares; foliólulos com 0,5 a 1,5 mm de largura
14. Nervura principal dos foliólulos excêntrica; nectário extrafloral pateliforme **3.1.4.16. *A. tenuifolia***
- 14'. Nervura principal dos foliólulos submarginal; nectário extrafloral verruciforme **3.1.4.8. *A. martii***
- 10'. Nectários extraflorais estipitados
15. Face abaxial dos foliólulos sem tufo de tricomas na base da nervura principal; glomérulos 10 a 12 mm de diâmetro **3.1.4.12. *A. polyphylla* var. *giganticarpa***
- 15'. Face abaxial dos foliólulos com tufo de tricomas na base da nervura principal; glomérulos 18 a 30 mm de diâmetro
16. Estípulas cordiformes, 8-20 x 6-20 mm; foliólulos glabros **3.1.4.1. *A. bahiensis***
- 16'. Estípulas lanceoladas, 5 x 2 mm, foliólulos seríceos **3.1.4.7. *A. limae***

3.1.5. Descrição das espécies

3.1.5.1. *Acacia bahiensis* Benth., *Trans. Linnean Soc. London* 30 (3): 525. 1875.
 Figura 3: A, B, C e D.

Arbustos ou árvores de 4(-10)m alt. Ramos cilíndricos, canaliculados, glabros, armados; acúleos retos ou recurvos, 0,5-1 cm compr. Estípulas 8-20 x 6-20 mm, cordiformes, glabras, persistentes. Folhas bipinadas, pecioladas; pecíolo 0,6–2,1 cm compr., cilíndrico, canaliculado, glabro ou glabrescente; pinas 4-9 pares; ráquis foliar 4–11,5 cm compr., cilíndrica, canaliculada, vilosa ou serícea, inerme, com parafilídios; foliólulos 9–28 pares por pina, 4-13 x 1,5-4 mm, oblongo-falcados, planos, base oblíqua, ápice agudo ou arredondado, glabros, margem ciliada, nervura principal excêntrica, com um tufo de tricomas na sua base, na face abaxial; nectário extrafloral estipitado, cilíndrico, imediatamente abaixo do primeiro par de pinas e entre os últimos pares. Unidade básica

da inflorescência do tipo glomérulo, 18-21 mm diâm., reunidos em fascículos dispostos em panículas terminais; pedúnculo do glomérulo 2–3,5 cm compr., tomentoso ou viloso; brácteas caducas, 1-2 mm compr., lanceoladas, glabras, no terço superior do pedúnculo. Flores sésseis; cálice tubuloso, 2,5–3,5 mm compr., glabro; lacínias 1-1,5 mm compr.; corola tubulosa, 4–5,5 mm compr., glabra; lacínias 0,5 – 1 mm compr.; estames 96–116, ca. 10 mm compr., antera sem glândula no conectivo na pré antese; ovário estipitado, ca. 1 mm compr., tomentoso, estípite ca. 2 mm compr. Legumes 10,5–12 × 2–3 cm, planos, lineares, base atenuada, ápice apiculado, apículo 3-6 mm compr., glabros, marrons, margens espessadas; sementes 8-10 x 6-7 mm, elípticas, marrom-escuras.

Nomes populares: Espinheiro, violeiro, coração-de-mulato, unha-de-gato, calumbí-branco, pau-de-fuso, calumbí-preto, calumbí-de-fuso, arrebenta-foice, espinheiro-branco-de-âmago-vermelho, rompe gibão, unha-de-gato-do-miolo-vermelho (Rico-Arce 2007; Queiroz 2009).

Distribuição: América do Sul, Brasil, ocorrendo nos estados da Bahia, Pernambuco (Rico-Arce 2007), Rio Grande do Norte e Minas Gerais (Queiroz 2009). Em Minas Gerais, foi encontrada ao Norte do Estado (Figura 4), em áreas de Caatinga.

Floração e frutificação: Floresce em outubro e frutifica em novembro, porém, devido ao pequeno número de exemplares examinados, a floração e frutificação podem ser ampliadas.

Utilização: espécie visitada por *Apis mellifera* L. (Carvalho & Marchini 1999; Aguiar *et al.* 2002).

Estado de Conservação: Espécie ameaçada de extinção, na categoria em perigo, por apresentar a distribuição geográfica restrita a poucas localidades ao norte do Estado, ocorrendo somente em áreas de Caatinga.

Comentários: *Acacia bahiensis* é facilmente reconhecida pelas estípulas cordiformes e pelo nectário estipitado logo abaixo ao primeiro par de pinas e entre os últimos pares. Assemelha-se a *A. grandistipula*, da qual difere pelos nectários estipitados cilíndricos e

pelas unidades da inflorescência glomeriformes (enquanto *A. grandistipula* possui nectários cupuliformes curtamente estipitados e unidades da inflorescência espiciformes). Outra diferença está no hábitat das espécies, pois *A. bahiensis* ocorre em Caatinga e *A. grandistipula* em áreas de Floresta Atlântica.

Material examinado: BRASIL. MINAS GERAIS: Capitão Enéas, serra do queijo, 17/I/2010, st., *R. Duque-Brasil, V. Ferreira Jr, J. Pacheco & D. Arruda s.n.* (VIC); Januária, Distrito de Fabião, caminho para o Janelão a partir do Abrigo Bichos, 15°00'-14°57'S 44°24'-44°30'W, 25/X/1997, fl., *J. A. Lombardi 2092* (HUEFS); Medina, 03/IV/1979, fl., *L. Rizzini 1136* (RB); Missoes, Pedreira a 7Km de Ita, 14°54'S 044°06'W, 14/XI/1991, fr., *R. F. Vieira et al. 1046* (HUEFS).

3.1.5.2. *Acacia farnesiana* (L.) Willd., *Sp. Pl.* 4(2): 1083. 1806. Figura 3: E, F, G e H.

Arbustos ou arvoretas com até 4m alt. Ramos cilíndricos, glabros ou glabrescentes, inermes. Estípulas espinescentes, 2-14 mm compr., geminadas, retas, glabras ou glabrescentes, persistentes. Folhas bipinadas, pecioladas; pecíolo 0,7–2 cm compr., cilíndrico, canaliculado, glabrescente ou hispido; pinas 3-7 pares; ráquis foliar 3–5 cm compr., cilíndrica, canaliculada, hispida, inerme, sem parafilídios; foliólulos 12–21 pares por pina, 4-6 × 1-1,5 mm, lineares, planos, base oblíqua, ápice agudo ou obtuso, glabros, margem ciliada, nervura principal excêntrica, sem tufo de tricomas na sua base; nectário extrafloral sésseil, pateliforme ou cupuliforme, na região mediana do pecíolo e entre o último par de pinas. Unidade básica da inflorescência do tipo glomérulo, 6–11 mm diâm., reunidos em fascículos axilares; pedúnculo do glomérulo 2-3 cm compr., hispido; brácteas caducas, 1-1,5 mm compr., lanceoladas, velutinas, na base do glomérulo. Flores sésseis; cálice tubuloso, 1-1,5 mm compr., glabro ou estrigoso nas lacínias; lacínias ca. 0,5 mm compr.; corola tubulosa, 2-3 mm compr., glabra; lacínias ca. 0,5 mm compr.; estames 45-70, 5-11mm compr., antera sem glândula no conectivo na pré-antese; ovário estipitado, 1–1,5 mm compr., glabro, estípite menor que 1mm comp. Legumes 4-8 x 1,2-1,7 cm, fusiformes, cilíndricos, base atenuada, ápice apiculado, apículo 2-3 mm compr., glabros, castanho- escuros; sementes numerosas, 6-9 × 4-6 mm, elípticas, castanhas.

Nomes populares: Coronha, espinheiro-de-avelino, calumbí, clorana, arapiraca esponjeira, espinilho, esponja (Burkart 1979; Silva 1999; Queiroz 2009).

Distribuição: É uma espécie de distribuição ampla no Neotrópico, ocorrendo desde o México até o nordeste do Brasil, geralmente associada a áreas secas com clima fortemente sazonal (Queiroz 2009). Em Minas Gerais, ocorre do norte ao sul do Estado, em áreas de Cerrado, Caatinga e Floresta Atlântica, geralmente cultivada. Entretanto, foi encontrada ocorrendo naturalmente em áreas de Caatinga (Figura 4).

Floração e frutificação: Floresce e frutifica ao longo de todo o ano.

Utilização: Sua madeira é indicada para dormentes, moirões, esteios, eixos e rodas, rolos para moendas, construção civis, peças de resistência, cabos de instrumentos, bem como para lenha e carvão (Lorenzi 1992). É usada como ornamental (Burkart 1979; Lorenzi 1992), e as raízes, a casca e as folhas são reputadas como parasiticidas (Lorenzi 1992). As flores são inseticidas e usadas em perfumaria (Burkart 1979, Lewis 1987, Lorenzi 1992). Esta espécie também é citada como medicinal (Neto & Moraes 2003), sendo suas vagens e folhas utilizadas para febre, gripe, diarreia, dor de cabeça, rouquidão, garganta inflamada, derrame (Franco & Barros 2005). Segundo Sprent (2001), esta espécie possui capacidade de nodulação.

Estado de Conservação: Espécie não considerada ameaçada de extinção.

Comentários: *Acacia farnesiana* é a única espécie de Minas Gerais que apresenta estípulas espinescentes e fruto cilíndrico, fusiforme.

Material examinado: BRASIL. MINAS GERAIS: Água Limpa, XI/1969, fr., *P.L. Krieger* 7567 (VIC); Arcos, 2/I/2004, fr., *P.H.A. Melo & W.O. Silva* 1038 (HUEFS); Barbacena, 05/I/1950, fr., s.c. (UB 39); Belo Horizonte, Jardim Botânico, 05/VI/1934, fl./fr., *M. Barreto* 6475 (SP), 11/II/1999, fl., *A. Garcia s.n.* (BHQB 2150), 30/VI/2000, fl. fr., *M.G.C. Fernandes s.n.* (BHQB 2636); Francisco Badaró, 31/V/1990, fl., *F. S. Lima* 257 (PAMG 24883); Itacarambi, 26/VIII/2003, fl., *I. R. Andrade s.n.* (VIC 21750); Janaúba, 24/X/1979, fl., *E.C. Tenório s.n.* (RB 363784); Janaúria, 24/VI/1932, fl., *P. Campos Porto* 2508 (RB); Juiz de Fora, 25/IV/1984, fl., *L. Krieger s.n.* (CESJ 20170); Lagoa Santa, VII/1960, fr., *L. Roth s.n.* (RB 128930); Lavras, 15/VI/1938, fl., *E.P. Heringer* 54 (ESAL); Manga - Jaíba, IV/1974, fl., *G.M. Magalhães & M.B. Ribeiro* 1105 (PAMG), IX/1974, fr., *G.M. Magalhães & M.B. Ribeiro* 3699 (PAMG), 7/XIII/2005, fl. fr., s.c. (HUEFS 101969); Medina, 30/III/1976, fr., *G. Davidse & W.G. D'Arcy* 11574 (HUEFS); Mociminho, 24/IX/1996, st., *O. Araujo Filho, A. F. Silva & J.A. Meira Neto s.n.* (VIC 16975); Tombos, 20/VI/1941, fl., *J.E. Oliveira s.n.* (BHCB 66470); Viçosa, campus UFV, 08/V/1987, fl. fr., *M.F. Vieira* 585 (VIC).

Material complementar examinado: BRASIL. BAHIA: Ilha de Ibiraba, 29/IV/1997, fl., S. M. Faria, & H.C. Lima 1351 (RB). GOIÁS: São Domingos, 6/VI/2000, fl., M.L. Fonseca, C.A. Oliveira, E. Cardoso & N.R. Oliveira 2312 (RB).

3.1.5.3. *Acacia grandistipula* Benth., *London J. Bot.* 1: 511. 1842. Figura M, N, O, P e Q.

Arbusto escandente ou árvore até 10m alt. Ramos 4-angulosos, hispídeos, armados; acúleos recurvos, seriados nos ângulos, ca. 2 mm compr. Estípulas 30-60 × 20-30 mm, reniformes, glabrescentes, caducas. Folhas bipinadas, pecioladas; pecíolo ca. 3 cm compr., cilíndrico, canaliculado, hispídeo; pinas 5-6 pares; ráquis foliar 14-16 cm compr., cilíndrica, canaliculada, hispídea, armada, com parafilídios; foliólulos 6-10 pares por pina, 1,5-2,5 × 7-9 mm, oblongos, planos, base oblíqua, ápice agudo, margem ciliada, nervura principal excêntrica, sem tufo de tricomas na sua base; nectário extrafloral curtamente estipitado, cupuliforme, na porção mediana no pecíolo. Unidade básica da inflorescência do tipo cacho, 20-30 mm compr., reunidos em fascículos dispostos em panículas terminais; pedúnculo do cacho 2-2,5 cm compr., tomentoso; brácteas ca. 1mm, vilosas, no terço superior do pedúnculo. Flores pediceladas; cálice tubuloso a campanulado, 2,5-3 mm compr., seríceo; lacínias ca. 0,5 mm compr.; corola tubulosa, 3,5-4 mm compr., glabra; lacínias ca. 0,5 mm compr.; estames 80-95, 4-6 mm compr., antera sem glândula no conectivo na pré-antese; ovário estipitado, ca. 1 mm compr., viloso, estípite ca. 0,5 mm compr. Legumes 15-22 × 3-5 cm, lineares, base atenuada, ápice arredondado, apiculado, apículo 5-8 mm, glabros, marrons, margens espessadas; sementes 5-10 × 6-8 mm, elípticas, marrom-avermelhadas.

Nomes populares: não encontrados.

Distribuição: América do Sul, Brasil, ocorrendo nos Estados do Paraná, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Espírito Santo (Rico-Arce 2007). Em Minas Gerais, é encontrada ao Sudeste do Estado (Figura 4), próxima do Rio de Janeiro e Espírito Santo, em áreas de Floresta Atlântica.

Floração e frutificação: Floresce em maio e novembro, porém, devido ao pequeno número de exemplares examinados, a floração pode ser ampliada. Sem dados sobre a frutificação.

Utilização: espécie visitada por abelhas (Apoidea-Hymenoptera) (Baylão-Júnior 2008) e também utilizada na dieta de alguns animais (Pereira 2006).

Estado de Conservação: Espécie não considerada ameaçada de extinção.

Comentários: Distingue-se das demais espécies encontradas em Minas Gerais, principalmente, por apresentar estípulas reniformes. Juntamente com *A. pteridifolia*, são as únicas espécies de *Acacia* com flores pediceladas encontradas em Minas Gerais. Sua semelhança com *Acacia bahiensis* já foi discutida nos comentários desta espécie.

Material examinado: BRASIL. MINAS GERAIS: Alto Caparaó, Parque Nacional, 28/I/2000, fl., *L.S. Leoni 4353* (VIC); Caratinga, fazenda Montes Claros, Estrada do Matão, 22/III/1991, fl., *C.V. Mendonça Filho et al. 149* (BHCB); Marliéria, PERD, 23/IX/1998, fr., *R.L.C. Bortoluzzi, Rogério e Marquinhos 252* (VIC), 25/XI/1998, fl., *R. L.C. Bortoluzzi, F.C.P. Garcia, Sr. Waldemar & Rogério 344* (VIC), 27/XI/2001, fl., *S.R.D.F da S. Nunes, R.M. Pereira, E.D. Almeida, A.M. Cordeiro 117* (VIC), 30/X/2001, st., *S.R.D.F da S. Nunes, R.M. Pereira, W.Q. dos Santos, E.D. Almeida 111* (VIC); Viçosa, 26/XI/1958, fl., *H.S. Irwin 2154* (VIC).

Material complementar examinado: BRASIL. ESPÍRITO SANTO: Domingo Martins, 14/XI/2008, fl., *H.C. Lima 7012* (RB). RIO DE JANEIRO: Santa Maria Madalena, Parque Estadual do Desengano, 24/VI/1987, fr., *H.C. Lima 3001* (RB).

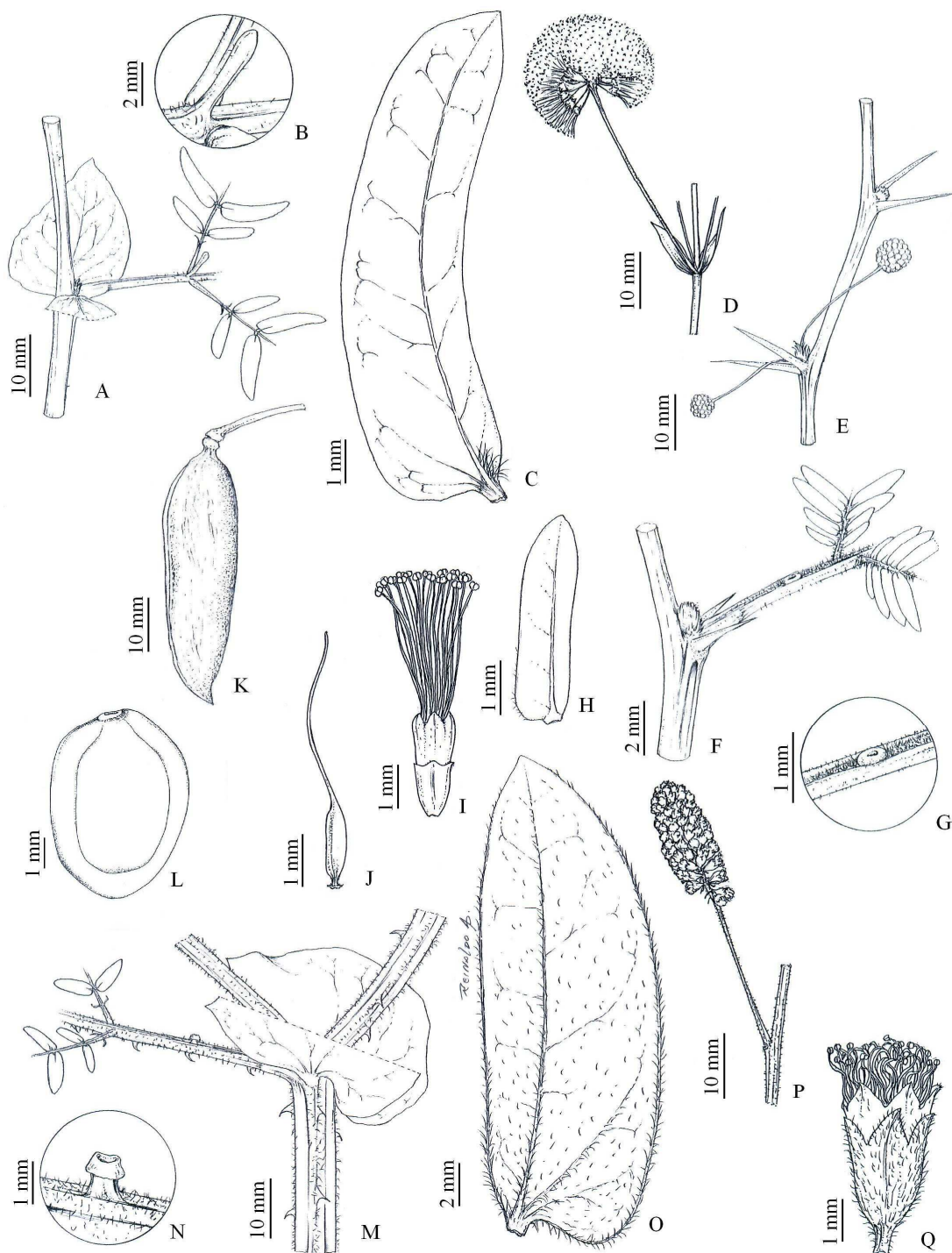


Figura 3: *Acacia bahiensis* Benth. A. Ramo. B. Detalhe do nectário peciolar. C. Foliólulo. D. Glomérulo (*J. A. Lombardi 2092*). *Acacia farnesiana* (L.) Willd. E e F. Ramo. G. Detalhe do nectário peciolar. H. Foliólulo. I. Flor. J. Ovário. K. Fruto. L. Semente (*Mello Barreto 6475*). *Acacia grandistipula* Benth. M. Ramo. N. Detalhe do nectário peciolar. O. Foliólulo. P. Cacho. Q. Flor. (*H. S. Irwin 2154*).

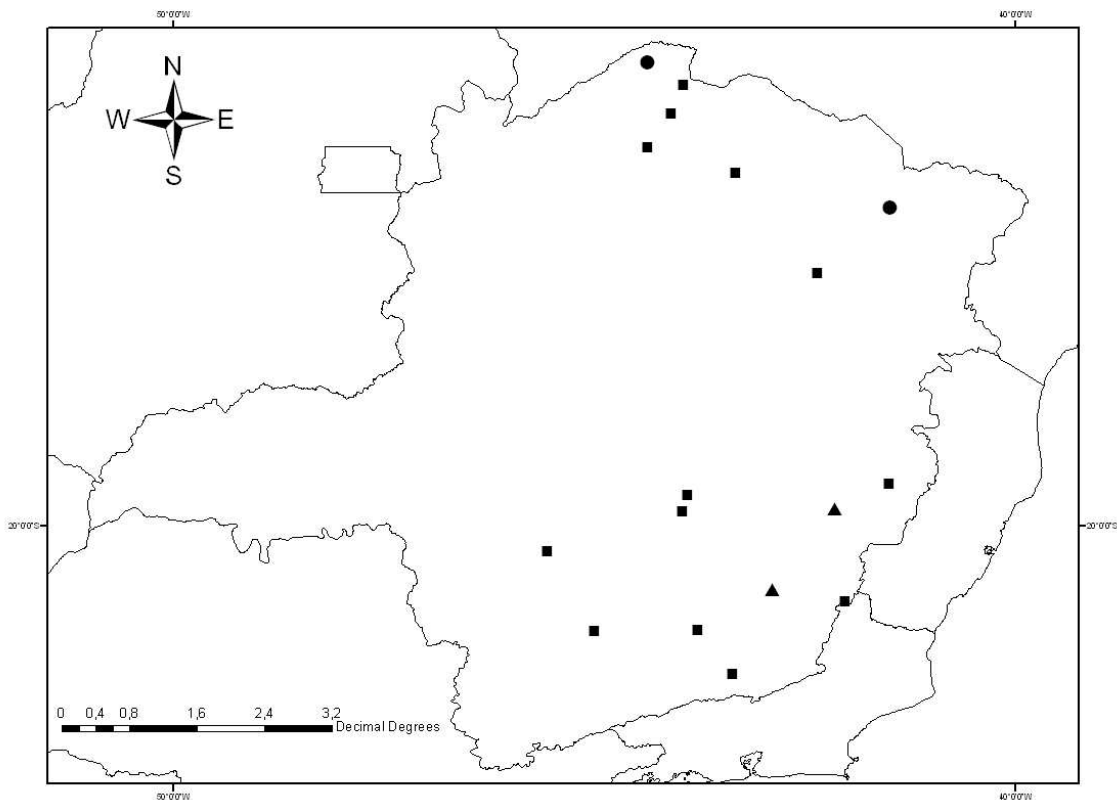


Figura 4: Distribuição de *Acacia bahiensis* (●), *A. farnesiana* (■) e *A. grandistipula* (▲) em Minas Gerais.

3.1.5.4. *Acacia lacerans* Benth., *London J. Bot.* 1: 511. 1842. Figura 6: A, B e C.

Lianas. Ramos 4-5angulosos, glabrescentes, armados; acúleos recurvos, seriados nos ângulos, ca. 2 mm compr. Estípulas 3-5 mm compr., lanceoladas, glabrescentes, caducas. Folhas bipinadas, pecioladas, pecíolo 1,5-2,5 cm compr., cilíndrico, glabrescente; pinas 16-23(-28) pares; ráquis foliar 10-12,5 cm compr., cilíndrica, glabrescente, armada, com parafilídios; foliólulos 40-50 pares por pina, 4-4,5 × 1 mm, lineares, planos, base atenuada, ápice agudo, glabros, margem ciliada, nervura principal excêntrica; nectário extrafloral verruciforme, oblongo, no terço inferior do pecíolo e pateliforme, entre o último par de pinas. Unidade básica da inflorescência do tipo espiga, 30-50 mm compr., reunidas em fascículos dispostos em panículas terminais; pedúnculo da espiga 0,8-1 cm compr., puberulento; brácteas caducas, ca. 2mm compr., lanceoladas, glabrescentes, na base do pedúnculo. Flores sésseis; cálice tubuloso, 2,5-3 mm compr., puberulento; lacínias ca. 0,5 mm compr.; corola tubulosa, 3-4 mm compr., glabrescente, seríceas nas lacínias; lacínias ca. 1,5 mm compr.; estames 120, 6-7 mm compr., antera sem glândula no conectivo na pré-antese; ovário estipitado, ca. 1,5 mm

compr., viloso, estípites ca. 1 mm compr. Frutos 11-18 x 1,5-3 cm, planos, base atenuada, ápice apiculado, apículo ca. 4 mm, puberulentos, marrons, margens espessadas; sementes 6-8 x 5-7 mm, elípticas, marrom-escuras.

Nomes populares: arranha gato (Lima *et al.* 1994).

Distribuição: América do Sul, Brasil, ocorrendo nos estados da Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Santa Catarina (Rico- Arce 2007). Encontrada na região central de Minas Gerais, no Município de Ouro Preto (Figura 5).

Floração e frutificação: Segundo Lima *et al.* (1994), *A. lacerans* floresce de novembro a março e frutifica de abril a agosto.

Utilização: Desconhecida até o momento.

Estado de Conservação: Espécie ameaçada de extinção no estado, na categoria criticamente em perigo, devido a apenas um espécime ter sido encontrado.

Comentários: Caracteriza-se pelo nectário verruciforme, oblongo, no terço inferior do pecíolo; pela unidade da inflorescência do tipo espiga; e pelos ramos 4-angulosos, densamente armados de acúleos recurvos nos ângulos.

Material examinado: BRASIL. MINAS GERAIS: Ouro Preto, s.d., fl., *Vasconcellos s.n.* (SP 18971).

Material complementar examinado: BRASIL. RIO DE JANEIRO: Guapimirim, 23/I/2006, fl., *H.C. Lima & R.D. Ribeiro 6396* (RB); Itatiaia, 20/VIII/2005, fr., *A.F.N. Brandes & I. Aximoff 38* (RB); Macaé, 26/VI/1986, fr., *R. Ribeiro 897* (RB); Miguel Pereira, 22/V/2007, fr., *H.C. Lima 6611* (RB); Nova Friburgo, s.d., fr., *H.C. Lima 3809* (RB); 02/VII/1979, fl.fr., *C.M.B. Correia 38* (RB); 12/XII/1990, fl., *L. Sylvestre 389* (RB); 27/I/2006, fl., *R. Ribeiro, H.C. Lima & W. Silva 578* (RB); Petrópolis, 02/VII/1979, fl., *Duche* (RB 23228). SÃO PAULO: Ubatuba, 08/I/1985, fl., *Al Gentry & E. Zardini 49339* (RB).

3.1.5.5. *Acacia langsdorffii* Benth., *London J. Bot.* 1: 521. 1842. Figura 6: D, E, F, G e H.

Arbustos ou árvores com até 4m alt.. Ramos cilíndricos, glabrescentes, inermes ou armados; acúleos 1-4 mm compr., esparsos, recurvos. Estípulas não observadas. Folhas

bipinadas, pecioladas; pecíolo 1,2-2,2 cm compr., cilíndrico, canaliculado, viloso; pinas 3–6 pares; ráquis foliar 1,5-4,1 cm compr., cilíndrica, canaliculada, vilosa, armada, com parafilídios; foliólulos 11-30 pares por pina, 4-10 × 2-4 mm, oblongos, último par obovado, convexos, base truncada, ápice agudo, último par arredondado, seríceos, mais densamente na face abaxial, margem ciliada e revoluta, nervura principal excêntrica, sem tufo de tricomas na sua base; nectário extrafloral, séssil, discóide, na região mediana do pecíolo e entre o último par de pinas. Unidade básica da inflorescência do tipo glomérulo, 7-11 mm diâm., reunidos em fascículos dispostos em panículas terminais ou axilares; pedúnculo do glomérulo 1-3 cm compr., tomentoso; brácteas caducas, ca. 1 mm compr., espatuladas, tomentosas, no terço inferior do pedúnculo. Flores sésseis; cálice campanulado, 1,5-2,5 mm compr., estrigoso; lacínias 0,5-1 mm compr.; corola campanulada, 3-4 mm compr., estrigosa; lacínias 1-1,5 mm compr.; estames, 60-70, ca. 6 mm compr., anteras com glândula no conectivo na pré-antese; ovário estipitado, 1-1,2 mm compr., viloso, estípite ca. 1 mm compr. Legumes 8-12 × 1,3-2,1 cm, planos, lineares, base atenuada, ápice apiculado, apículo 1 mm compr., velutinos, pardos, margens espessadas; sementes 4-5,6 x 4-5,6 mm, elípticas, marrom-avermelhadas.

Nome popular: Unha-de-gato, lambe-beiço, toca-d'onça (Queiroz 2009).

Distribuição: América do Sul (Brasil e Bolívia). No Brasil, ocorre nos estados do Piauí, Ceará, Pernambuco e Minas Gerais (Rico-Arce 2007). Encontrada do Centro ao Norte de Minas Gerais (Figura 5), em regiões de Cerrado e Caatinga.

Floração e frutificação: Floresce e frutifica ao longo de todo o ano.

Utilização: Espécie visitada por *Apis mellifera* L. (Carvalho & Marchini 1999). Suas folhas e cascas do caule são utilizadas como medicinal para gripe, dor de na coluna e ferimentos (Franco & Barros 2005).

Estado de Conservação: Espécie não considerada ameaçada de extinção.

Comentários: *Acacia langsdorffii* difere das demais espécies de Minas Gerais principalmente pelo pequeno número de pares de pinas (3-6), e por apresentar os foliólulos oblongos com margem revoluta e base truncada.

Material examinado: BRASIL. MINAS GERAIS: Curvelo - Cordisburgo, 24/VIII/1985, fr., *H. Saturnino s.n.* (PAMG 14906); Diamantina, Biribiri, Caminho dos escravos, 22/X/2004, fl., *E. H. Silva & C. V. Mendonça s.n.* (VIC); Francisco de Sá, Salinas, 20/XI/1990, fl., *M. Brandão 17686* (PAMG); Gameleira, 20/X/1991, fr., *M. Brandão 20388* (PAMG); Grão Mogol, 09/V/1979, fr., *H.C. Lima s.n.* (RB 200242); Itinga, 7/VII/2003, fr., *I. R. Andrade, et al. s.n.* (BHQB 3813); Jaíba, estrada para Mocambinho, 27/XI/2003, fl., *M. Bacelar, s.n.* (BHQB 4207), 14/II/2009, fr., *J. M. Fernandes 996* (VIC), 14/II/2009, fl., *J. M. Fernandes 997* (VIC); Manga, 19/VII/1990, fr., *P.H.A. Pequeno s.n.* (SPF 118245), 19/VIII/1990, fr., *P. H. A. Pequeno et al. s.n.* (BHQB 21968), 23/X/1990, fr., *M. B. Horta et al. s.n.* (BHQB 21936), 30/IV/1991, fr., *T. Sposito 66* (BHQB); Mocambinho, reserva da Gleba A, 14/X/1996, fl. fr., *O. Araujo Filho, A. F. Silva & J.A. Meira Neto s.n.* (VIC 16911), margem da estrada para Matias Cardoso, 29/X/1996, fl., *O. Araujo Filho, A. F. Silva & J.A. Meira Neto s.n.* (VIC 16909); Montalvania, estrada para Pontal, 17/II/1977, fr., *Mendes Magalhães 758* (PAMG), 1/VII/1977, fr., *Mendes Magalhães 753* (PAMG); Montes Claros, 15/V/1977, fl., *P.E.Gibbs, R. Abbott & J.B. de Andrade s.n.* (SP 153412); Montes Claros – Francisco de Sá, s.d., fl., *H.M. Saturnino 1440* (PAMG); Montes Claros - Juramento, 10/XII/1983, fl., *H.M. Saturnino 756* (PAMG); Montes Claros - Janaúba, 17/II/1987, fr., *M. Brandao 11955* (PAMG); Montezuma, 10/II/2009, fr., *V. Terra & J. M. Fernandes 486* (VIC); Minas Novas, 12/X/1987, fl. fr., *J.R.Stehmann & G. Pedralli* (BHQB 14480); Rio Pardo de Minas, 22/V/2005, fr., *A.C. Servilha 4288* (CEN); Serra de Itacambira, 2/III/1993, fr., *M. Brandão 21875* (PAMG); Taiobeiras, 3/XII/1988, fl., *Equipe Engevix s.n.* (BHQB 14898), 6/XII/1988, fl., *Equipe Engevix s.n.* (BHQB 14917); Virgem da Lapa, 20/XI/1959, fl., *Mendes Magalhães 17492* (RB).

Material complementar examinado: BAHIA: Caetité, 28/X/1993, fl., *L.P. de Queiroz & N.S. Nascimento 3620* (RB); Iaçu, 17/XII/1981, fl., *G.P. Lewis, A.M. de Carvalho & J.L. Hage 845* (RB); Jacobina- Morro do Chapéu, 22/II/1993, fr., *J.G. Jardim et al. 30* (RB); Itajubaquara, 02/XII/1977, fl., s.c. (RB 224845); Lucinio de Almeida, 23/X/2001, fl., *S.M. de Faria, J.L. de Oliveira & J.P. da Silva s.n.* (RB 372176).

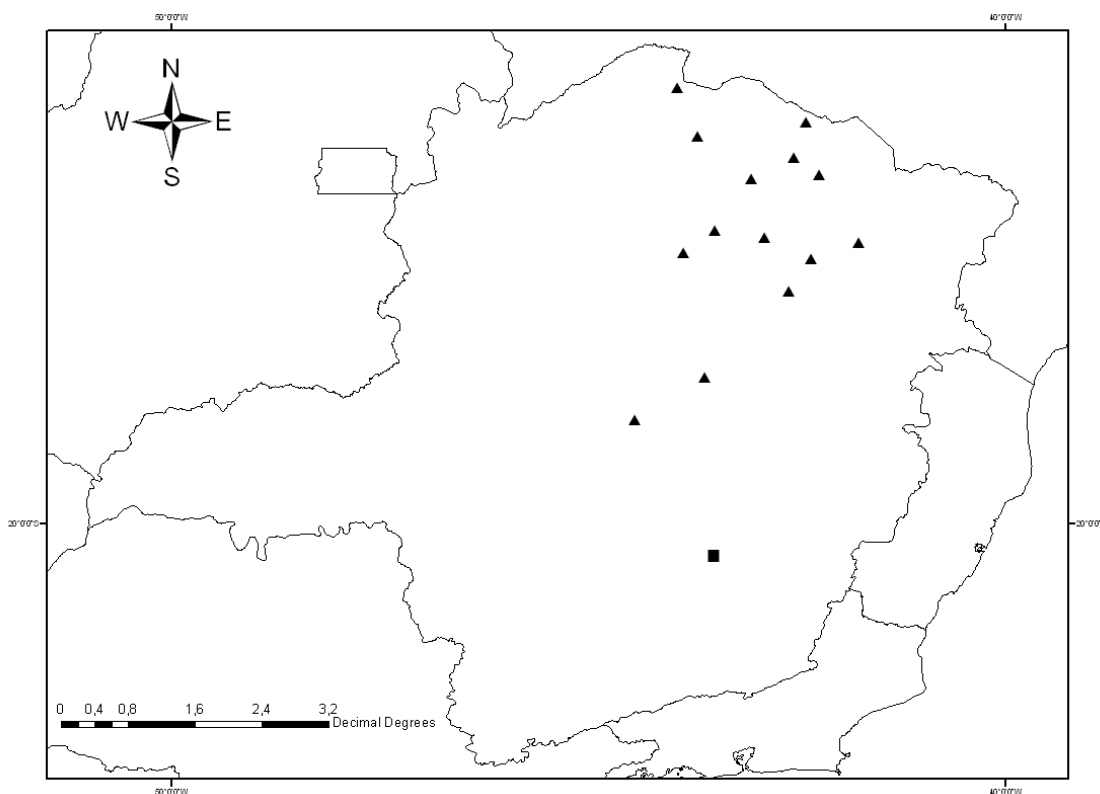


Figura 5: Distribuição de *Acacia lacerans* (■) e *A. langsdorffii* (▲) em Minas Gerais.

3.1.5.6. *Acacia lewisii* Bocage & Miotto, *Bradea* 11: 12. 2005. Figura I, J e K.

Arbustos escandentes. Ramos 4-angulosos, glabrescentes ou hispídeos, armados; acúleos ca. 3 mm compr., seriados nos ângulos, recurvos. Estípulas 3 mm, espatuladas, glabras caducas. Folhas bipinadas, pecioladas; pecíolo 1-1,6 cm compr., cilíndrico, canaliculado, glabrescente ou tomentoso; pinas 6-11 pares; ráquis foliar 6,5-8,5 cm compr., cilíndrica, canaliculada, glabrescente ou tomentosa, armada, com parafilídios; foliólulos 30-44 pares por pina, 3-6 × 1 mm, linear-falcados, planos, base oblíqua, ápice agudo ou arredondado, glabros, margem ciliada, nervura principal excêntrica, com um tufo de tricomas na sua base, na face abaxial; nectário extrafloral pateliforme-oblongo, na porção mediana do pecíolo e entre os últimos pares de pinas. Unidade básica da inflorescência do tipo glomérulo, 7-8 mm diâm., reunidos em fascículos dispostos em panículas terminais ou axilares; pedúnculo do glomérulo 3-4 mm compr., tomentoso; brácteas caducas, ca. 2 mm compr., lanceoladas, glabras, margem ciliada, na base do pedúnculo. Flores sésseis; cálice campanulado, 1-2 mm compr., puberulento; lacínias menores que 1 mm compr.; corola campanulada, 1,5-2 mm compr., glabras; lacínias ca. 0,5 mm compr.; estames 65-75, 3,5 mm compr., antera sem glândula no conectivo na pré-antese; ovário estipitado, ca. 1 mm compr., glabro, estípite ca. 0,5 mm compr.

Legumes 10-12,5 × 2-2,3 cm, linear, base atenuada, ápice arredondado, apiculado, apículo 2 mm compr., glabros, verdes, margens espessadas; sementes não observadas.

Nomes populares: Não encontrados.

Distribuição: Espécie endêmica do semi-árido, encontrada nos estados da Bahia e Minas Gerais (Du Bocage & Miotto 2005). Em Minas Gerais, ocorre ao norte do Estado (Figura 7), em áreas de Caatinga e Cerrado.

Floração e frutificação: Segundo Du Bocage & Miotto (2005), floresce de novembro a dezembro e frutifica em janeiro, maio a julho.

Utilização: Desconhecida até o momento.

Estado de Conservação: Espécie ameaçada de extinção, na categoria criticamente em perigo, devido ao pouco material encontrado e a distribuição geográfica restrita a poucas localidades.

Comentários: Esta espécie é muito semelhante a *A. martiusiana*, diferindo-se desta por apresentar nectários pateliforme-oblongos e folhas com 6-11 pares de pinas, enquanto *A. martiusiana* possui nectários sésseis, cupuliformes ou pateliformes, e folhas com 12-25 pares de pinas.

Material examinado: BRASIL. MINAS GERAIS: Mato Grande, Turmalina, 07/I/1998, fl., *André F. Carvalho* 485 (VIC); Pedra Azul, 28/V/1999, fl., *A. Salino & P.O. Morais* 4709 (BHCB).

Material complementar examinado: BAHIA: Caetité, 13/III/1981, fr., *S.N. da Silva* 192 (RB); Guaraçu, 14/III/1984, fr., *J.E.M. Brazão* 274 (RB). PARANÁ: Curitiba, 08/IV/1984, fl., *G. Hatschbach* 47716 (RB).

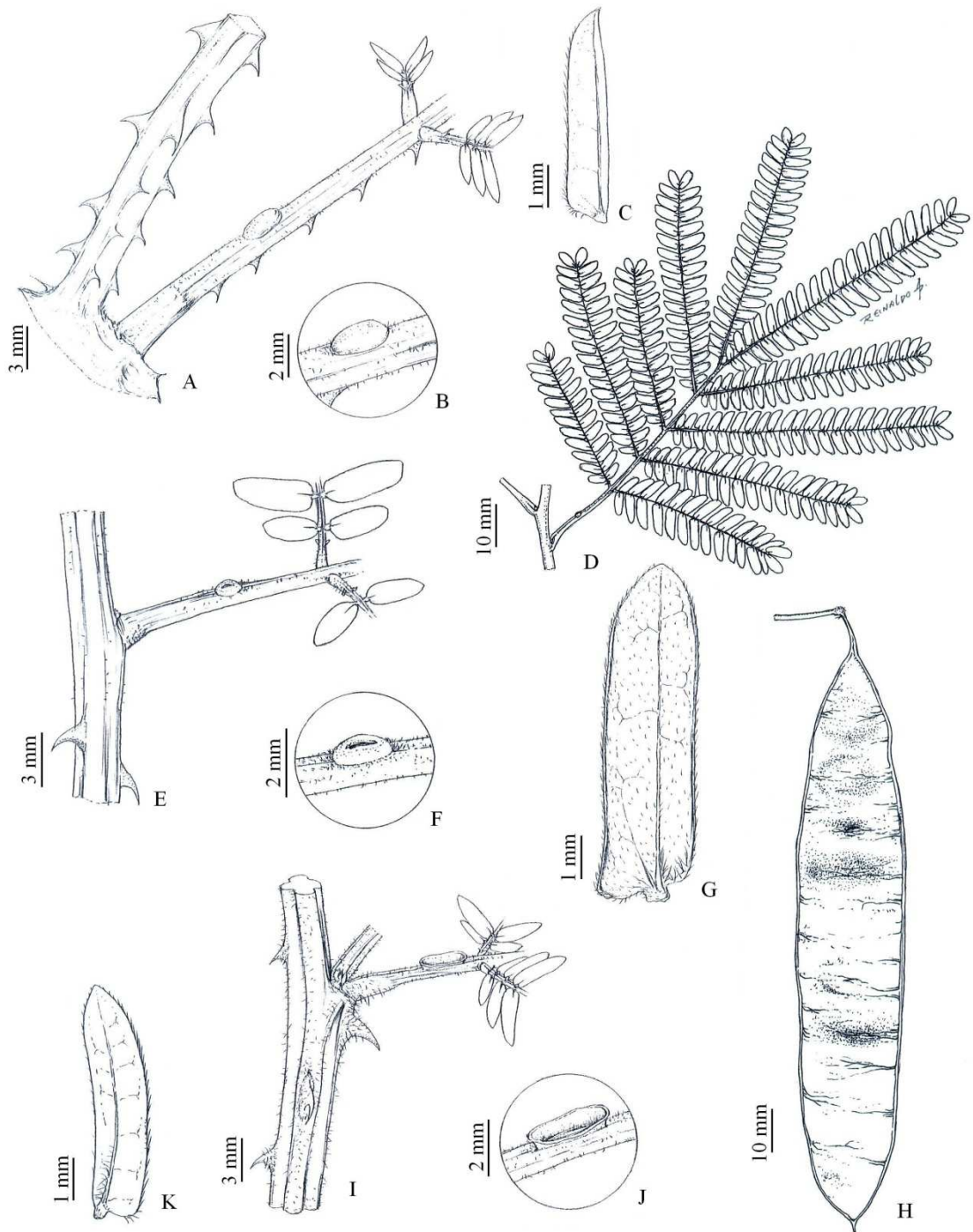


Figura 6: *Acacia lacerans* Benth. A. Ramo. B. Detalhe do nectário peciolar. C. Foliólulo (S. de Vasconcelos 18971). *Acacia langsdorfii* Benth. D. Folha. E. Ramo. F. Detalhe do nectário peciolar. G. Foliólulo. H. Fruto (Terra, V. 488). *Acacia lewisii* Bocage & Miotto I. Ramo. J. Detalhe da glândula peciolar. K. Foliólulo (A. Salino 4709 & P. O. Morais).

3.1.5.7. *Acacia limae* Bocage & Miotto, *Rodriguésia* 57(1): 134. 2006. Figura 8: A, B e C.

Arbustos 2-4m alt. Ramos cilíndricos, puberulentos a hispídeos, canaliculados, armados; acúleos, recurvos, 0,5-3 mm compr. Estípulas 5 x 2 mm, lanceoladas, seríceas, caducas. Folhas bipinadas, pecioladas; pecíolo 1-2,5 cm compr., cilíndrico, canaliculado, puberulento ou tomentoso; pinas 6-8 pares; ráquis foliar 4-6 cm compr., cilíndrica, canaliculada, puberulenta ou hispída, armada ou inerme, com parafilídios; foliólulos 11-19 pares por pina, 3-10 x 1,5-2,5 mm, oblongo-falcados, planos, base truncada, ápice agudo, glabrescentes ou seríceos, margem ciliada, nervura principal excêntrica, com um tufo de tricomas na sua base, na face abaxial; nectário extrafloral estipitado, cilíndrico, no terço superior do pecíolo e entre os últimos pares de pinas. Unidade básica da inflorescência do tipo glomérulo, 25-30 mm diâm., reunidos em fascículos dispostos em panículas terminais ou axilares; pedúnculo do glomérulo 1-4 cm compr., viloso ou hispído; brácteas caducas, 1,5 mm compr., lanceoladas, glabrescentes ou seríceas, no terço superior do pedúnculo. Flores sésseis; cálice tubuloso, 2,5-6 mm compr., glabro; lacínias desiguais, 1-2 mm compr.; corola tubulosa, 7-8 mm compr., glabra; lacínias ca. 1 mm compr.; estames 70-100, ca. 15 mm compr., antera sem glândula no conectivo na pré-antese; ovário estipitado, ca. 1,5 mm compr., glabro, estípíte 1-1,5 mm compr. Legumes 8-13 x 1,5-3 cm, lineares, base atenuada, ápice agudo, glabros ou puberulentos, marrons, margens espessadas; sementes 8-10 x 6-8 mm, elípticas, marrom-avermelhadas.

Nomes populares: Não encontrados.

Distribuição: Endêmica do Brasil, ocorrendo nos estados de Pernambuco, Minas Gerais e Bahia (Du Bocage & Miotto 2006; Queiroz 2009). Em Minas Gerais, ocorre ao norte do Estado (Figura 7), em áreas de Caatinga.

Floração e frutificação: Floresce e frutifica de novembro a fevereiro.

Utilização: Desconhecida até o momento.

Estado de Conservação: Espécie ameaçada de extinção na categoria vulnerável, pois os materiais encontrados restringem-se a poucas localidades, ocorrendo somente em áreas de Caatinga.

Comentários: Esta espécie é muito próxima a *A. riparia*, diferindo desta pelos nectários estipitados e cilíndricos e pelos foliólulos glabrescentes ou seríceos, enquanto *A. riparia* possui nectários sésseis e cônicos e foliólulos glabros.

Material examinado: BRASIL. MINAS GERAIS: Jaíba, 27/XI/1984, fl., *Teixeira e Carvalho s.n.* (BHCB 7342), 14/II/2009, fl., *J.M. Martins 998* (VIC); Janaúba, 08/XI/1984, fl. fr., *Webster & Werneck 2890* (SP), 07/I/2003, fl., *Queiroz, L.P. et al. 7479* (HUEFS); Matias Cardoso, 27/II/1984, fl., *Teixeira & Carvalho s.n.* (RB 363788); Mamonas, 13/II/2009, fr., *V. Terra & J.M. Fernandes 502* (VIC); Mato Verde, 09/II/2009, fl., *V. Terra & José M. Fernandes 474* (VIC), 09/II/2009, st., *V. Terra & J.M. Fernandes 476* (VIC); Monte Azul, 13/X/2007, fl., *J. Paula-Souza 9467* (SPF).

Material complementar examinado: BAHIA: Chapada Diamantina, 08/XI/1990, fr., *H.C. Lima et al. 3908* (RB); Jussiape, 26/III/1977, fr., *R.M. Harley 20014* (RB).

3.1.5.8. *Acacia martii* Benth. in Hook., *London J. Bot.* 1:519. 1842. Figura 8: D, E e F. Arbustos ou arvoretas. Ramos cilíndricos, glabros, inermes ou armados com acúleos 1-2 mm compr., retos. Estípulas 5-8 mm compr., lanceoladas, seríceas, caducas. Folhas bipinadas, pecioladas; pecíolo 2,5-3,5 cm compr., cilíndrico, canaliculado, glabrescente; pinas 11-12 pares; ráquis foliar 10-12 cm compr., cilíndrica, canaliculada, glabrescente, inerme, com parafilídios; foliólulos 55-80 pares por pina, 3,5–6 × 1 mm, lineares, planos, base truncada, ápice agudo, glabros, margem ciliada, nervura principal submarginal, sem tufo de tricomas na sua base; nectário extrafloral séssil, verruciforme-ovovado, no terço inferior do pulvino e pateliformes entre os dois últimos pares de pinas. Unidade básica da inflorescência do tipo glomérulo, 4-8 mm diâm., reunidos em fascículos dispostos em panículas terminais ou axilares; pedúnculo do glomérulo 1-1,5 cm compr., hispido; brácteas caducas, 1 mm compr., lanceoladas, glabras, no terço inferior do pedúnculo. Flores sésseis; cálice campanulado; ca. 1,5 mm compr., glabro ou levemente hispido nas lacínias; lacínias ca 0,5 mm compr.; corola campanulada; ca. 2 mm compr., glabra ou levemente serícea; lacínias ca. 0,5 mm compr.; estames 80-100, 4-5 mm compr., antera com glândula no conectivo na pré-antese; ovário estipitado, 0,5-1 mm compr., seríceo ou viloso, estípite ca. 1 mm compr. Legumes 9-11 x 2,5-3 cm,

lineares, base atenuada, ápice arredondado, apiculado, apículo ca. 2mm, glabros, marrons, margens espessadas; sementes 4-6 × 3-5 mm, elípticas, pretas.

Nomes populares: Não encontrados.

Distribuição: América do Sul: Argentina, Brasil e Paraguai. No Brasil, distribui-se nos Estados de Goiás, Minas Gerais e São Paulo (Rico-Arce 2007). Em Minas Gerais, ocorre ao Norte do estado (Figura 7), em áreas de Cerrado.

Floração e frutificação: Floração não observada. Frutifica em maio, porém, devido ao pequeno número de exemplares examinados, a frutificação pode ser ampliada.

Utilização: Desconhecida até o momento.

Estado de Conservação: Ameaçada de extinção no estado, na categoria criticamente em perigo, devido a apenas um material ter sido encontrado no Estado.

Comentários: Semelhante à *Acacia tenuifolia*, diferindo desta pelo nectário extrafloral sésil, verruciforme-obovado e pela nervura principal submarginal, enquanto *A. tenuifolia* possui foliólulos com nervura principal excêntrica e nectário sésil, pateliformes ou cupuliformes.

Material examinado: BRASIL. MINAS GERAIS: Grão Mogol, 11/V/1979, fr., *H.C. Lima 1014* (VIC).

Material complementar examinado: BRASIL. MATO GROSSO: 26/VI/1946, fr., *H. Veloso 1276* (RB); Corumba, 20/V/1992, fr., *S.M. Faria & E.D.B Lopes s.n.* (RB 316550); 20/V/1992, fr., *S.M. Faria & E.D.B Lopes s.n.* (RB 316551).

3.1.5.9. *Acacia martiusiana* (Steud.) Burkart, *Fl. Illustr. Catarin.* LEGU: 30. 1979.
Figura 8: I, J e K.

Lianas ou arbustos com até 2 m alt. Ramos 4-angulosos, hispídeos a velutinos, armados; acúleos recurvos, seriados nos ângulos, 1-2 mm compr. Estípulas 2-3 mm, lanceoladas, puberulentas ou hispídas, caducas. Folhas bipinadas, pecioladas; pecíolo 0,7-1,5 cm compr., cilíndrico, canaliculado, hispídeo ou velutino; pinas 12-25 pares; ráquis foliar 6–

17 cm compr., cilíndrica, canaliculada, tomentosa ou velutina, armada, com parafilídios; foliólulos 22-55 pares por pina, 2-4 × 0,5-1 mm, lineares, planos, base truncada, ápice agudo ou arredondado, glabros, margem ciliada, nervura principal excêntrica, sem tufo de tricomas na sua base; nectários extraflorais (1-) 2, sésseis ou curtamente estipitados, pateliformes ou cupuliformes, na metade superior do pecíolo e entre todos ou entre a maioria dos pares de pinas. Unidade básica da inflorescência do tipo glomérulo, 0,8-1,2 cm diâm., reunidos em fascículos dispostos em panículas terminais e axilares; pedúnculo do glomérulo 0,7-1 cm compr., tomentoso a hispido; brácteas caducas, 1-2 mm compr., lanceoladas, seríceas ou híspidas, na metade ao terço superior do pedúnculo. Flores curtamente pediceladas; cálice campanulado ou tubuloso, 1,5-2 mm compr., seríceo; lacínias 0,5-1 mm compr.; corola campanulada ou tubulosa, 2,5-3,5 mm compr., glabra na base e serícea nas lacínias; lacínias ca. 1 mm compr.; estames 60-90, 6-7 mm compr., antera sem glândula no conectivo na pré-antese; ovário estipitado, ca. 1 mm compr., glabro, estípite 1-1,5 mm compr. Legumes 9-14 × 1,5-2,5 cm, lineares, base atenuada, ápice arredondado, apiculado, apículo 1-4 mm compr., glabros ou puberulentos, castanho-escuros, margens espessadas; sementes 5-7 x 4-5 mm, elípticas, marrons-avermelhadas.

Nomes populares: unha-de-gato, serra-goela, arranha-gato (Queiroz 2009).

Distribuição: América do Sul: Bolívia, Brasil, Colômbia, Guiana Francesa e Paraguai. (Rico-Arce 2007). No Brasil, ocorre em Goiás, Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Santa Catarina e Paraná (Burkart 1979; Queiroz 2009). É típica da porção sudeste-sul da Floresta Pluvial Atlântica, ocorrendo principalmente nas áreas de vegetação secundária e orla de mata (Lima *et al.* 1994). Em Minas, ocorre do sul ao norte do Estado (Figura 9), em áreas de Cerrado e Floresta Atlântica.

Floração e frutificação: Floresce de dezembro a março e frutifica de julho a agosto.

Utilização: As folhas, lenho e raiz desta espécie são utilizadas para lenha e também como medicinal, para dor de dente e como apurativo do sangue (Fernandes 2007).

Estado de Conservação: Espécie não considerada ameaçada de extinção.

Comentários: *Acacia martiusiana* pode ser facilmente reconhecida pelos ramos 4-angulosos enegrecidos e com indumento hispido muito denso, amarelado, e pela presença de, geralmente, dois nectários no pecíolo e vários na ráquis foliar. Sua semelhança com *A. lewisii* já foi discutida nos comentários desta espécie. É encontrada em herbários e em algumas literaturas (Martius 1876; Lewis 1987) como *A. adhaerens* Benth., tendo sido sinonimizada por Burkart (1979).

Material examinado: BRASIL. MINAS GERAIS: Araponga, serra do Brigadeiro, 26/III/1995, fl., *L.S. Leoni* 2851 (VIC); Diamantina, Biribiri, 16/XII/2004, fl. fr., *E.H. Silva & C.V. Mendonça* 229 (DIA), 18°13'15"S 43°35'22"W, 8/I/2003, fl., *L.P. Queiroz, E. R. de Souza, J. Costa, A. S. Conceição* 7589 (HUEFS), P.E. do Biribiri, 15/I/2008, fl., *V. F. Dutra* 364 (VIC); Divisópolis, 06/II/2002, fl., *P. Fiaschi, J.R. Pirani, M. Groppo Jr. & A.C. Marcato* 993 (SPF); Medina, 16/I/0000, fl., *G. Pabst & E. Pereira* 8341 (RB); Caratinga, 8/VII/1987, fr., *I.R. Andrade & L.V. Costa* 135 (BHCB); Gouveia, 22/I/2003, fl., *R. Mello Silva* 2456 (SPF); Grão Mogol, 13/XII/1989, fl., *J.R. Pirani et al. s.n.* (SPF 67709); Itacambira, 09/I/1986, fl., *R. Melo Silva et al. s.n.* (SPF 41269); Itamarandiba, 01/XII/1984, fl., *B. Stannard, J. D. P. Oliveira & R. M. Harley s.n.* (SPF 36251); Juiz de Fora, Morro do Imperador, 21/XI/2002, fl., *D.S. Pifano, R.M. Castro & J.F.S. Pessoa* 435 (BHCB), 29/VIII/2001, fr., *D. S. Pifano & A. S. M. Valente s.n.* (HUEFS 59157), Parque da Lajinha, 5/VI/2004, fr., *A. F. Cabral, I. L. Rodrigues, O. J. Bastos, G. T. M. Barino s.n.* (HUEFS 88828); Mamonas, 13/II/2009, fl., *V. Terra & J. M. Fernandes* 503 (VIC); Mariana, PEI, 16/VI/2005, fr., *L. C. Lima, F. C. P. Garcia & M. E. F. de Araújo* 268 (VIC), 17/II/2005, fl., *L. C. Lima, S. da C. Ferreira & M. E. F. de Araújo* 304 (VIC), 18/X/2005, fr., *L. C. Lima, M. P. Andrade & M. E. F. Araújo* 393 (VIC); Marliéria, PERD, 24/II/1999, fl., *R. L. C. Bortoluzzi, F. C. P. Garcia, Sr. Waldemar & Rogério* 492 (VIC), 01/X/2001, fr., *S. R. D. F. da S. Nunes; R. M. Pereira; E.D. Almeida; W.Q. dos Santos* 100 (VIC); Mato Grande, 07/I/1998, fl., *André Carvalho* 492 (VIC); Minas Novas, 14/II/1988, fl., *G. Melo s.n.* (VIC 10300); Montes Claros, 30/I/1965, fl., *R.P. Belém s.n.* (UB 35); Morada Nova de Minas, 15/VIII/1975, fr., *Mitzi B. Ferreira* 5181 (PAMG); Muriaé, margens do rio Glória, 21/III/1998, fl., *A. Salino* 4102 (BHCB); Nova Lima, 20°04'13,6"S 43° 57'41,5"W, 22/II/2001, fl., *Sposito & L.M. Versieux* 107 (BHCB); Ouro Preto, 13/XII/1990, fl., *H.C. Lima* 4092 (VIC); Paracatu, 15/5/2009, fr., *J. M. Fernandes* 1030 (VIC); Perdizes, Mata da Zilda, Est. Ambiental Galheiro, 12/IV/2003, fl., *S. Mendes, G.M. Araújo, R. Arruda & E.H. Amorim* 704 (BHCB); Rio Pardo de Minas, s.d., fr., *Bernard* 31 (PAMG); Santana do Riacho, 01/III/1981, fl., *I. Cordeiro, J.R. Pirani, M.C.E do Amaral e S. Mayo s.n.* (SP 179126); São Gonçalo do Rio Abaixo, 9/1/1989, fl., *J.R. Stehmann & G. Perdigão s.n.* (RB 364628); São Tomé das Letras, 11/II/1986, fl., *C. Farney & S.A. Geromel* 1097 (RB); Tombos, Fazenda da Cachoeira, 9/VII/1935, fr., *F.C. Hoehne s.n.* (BHCB 66474); Viçosa, 07/I/1931, fr., s.c. (VIC 289), 18/XII/1934, fl., s.c. (RB 111886), mata do Paraíso, 24/VIII/2001, fr., *Garcia, F. C. P. & Correa, I. M.* 844 (VIC).

Material complementar examinado: BRASIL. BAHIA: Macarás, 13/VII/1979, fr., S.A.Mori & R.M. King 12177 (RB). BRASÍLIA: Distrito Federal, 16/V/1979, fr., E.P. Heringer, J.E. de Paula, R.C. de Mendonça 1419 (RB). ESPÍRITO SANTO: Aracruz, Vila de Itaparica, 03/IV/2007, fr., J.E. Meireles, H.C. de Lima, R.D. Ribeiro & F. Fillardi 532 (RB). GOIÁS: Caldas Novas, s.d., fr., T.A.B. Dias 507 (RB).

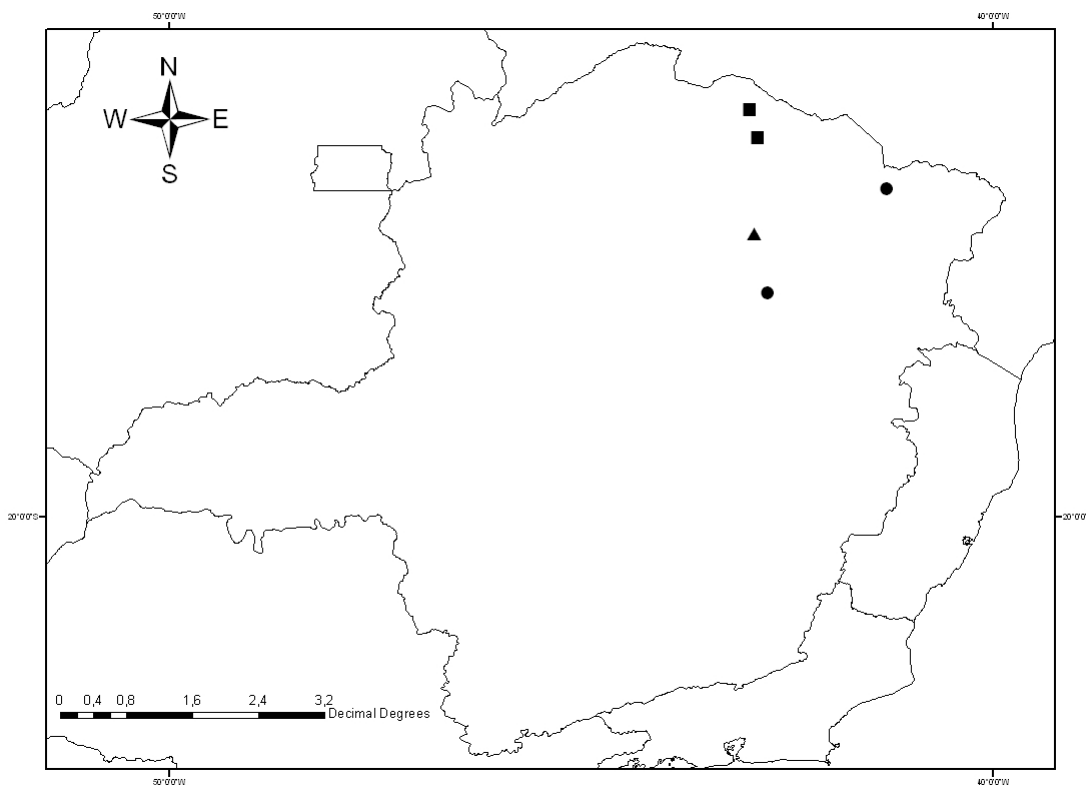


Figura 7: Distribuição de *Acacia lewisii* (●), *A. limae* (■) e *A. martii* (▲) em Minas Gerais.

3.1.5.10. *Acacia monacantha* Willd., Enum. Pl. (Willdenole) 2: 1056. 1809. Figura 8: L, M, N, O, P e Q.

Árvores com ca. 5m alt. Ramos cilíndricos, glabros, inermes ou com acúleos recurvos menores que 1mm compr. Estípulas ca. 4 mm, lanceoladas, estriadas, seríceas na base, caducas. Folhas bipinadas, pecioladas; pecíolo 1,5-2 cm compr., cilíndrico, canaliculado, tomentoso; pinas 5-8 pares; ráquis foliar 3-6,5 cm compr., cilíndrica, canaliculada, tomentosa, inermes ou armada, com parafilídios; foliólulos 25-39 pares por pina, 3-6 x 1-1,5 mm, oblongos, planos, base truncada, ápice arredondado, glabros, margem ciliada, nervura principal excêntrica, sem tufo de tricomas na sua base; nectário extrafloral séssil, cupuliforme, logo abaixo ao primeiro par de pinas e entre o último par. Unidade básica da inflorescência do tipo espiga, 20-40 mm compr., reunidas em

fascículos axilares; pedúnculo da espiga 0,5-1,7 cm compr., tomentoso; brácteas não observadas. Flores sésseis; cálice campanulado, 1-1,5 mm compr., hispido; lacínias menores que 0,5 mm compr.; corola campanulada, 1,5-2,5 mm compr., glabra; lacínias 0,5-1 mm compr.; estames 70-90, 4-5 mm compr., antera sem glândula no conectivo na pré-antese; ovário estipitado, ca. 1 mm compr., viloso, estípite ca. 1,5 mm compr. Legumes 8-14 x 1,5-2 cm, planos, lineares, base atenuada, ápice apiculado, apículo 2-4 mm compr., puberulentos, marrons, margens salientes; sementes 8-10,5 mm, arredondadas, marrom-avermelhadas.

Nome popular: espinheiro-preto (Queiroz 2009).

Distribuição: América do Sul: Argentina, Brasil, Venezuela e Bolívia. No Brasil, ocorre na Bahia, Minas Gerais e São Paulo. Em Minas Gerais, ocorre ao norte do Estado (Figura 9), em áreas de Floresta Atlântica e Caatinga.

Floração e frutificação: No material examinado, foram encontrado apenas exemplares com flores em novembro e dezembro. A frutificação é citada por Queiroz (2009) como ocorrendo de abril a junho.

Utilização: Desconhecida até o momento.

Estado de Conservação: Ameaçada de extinção, na categoria vulnerável, devido a sua distribuição geográfica estar restrita a algumas localidades e ao pouco material encontrado desta espécie.

Comentários: Distingue-se das demais espécies de *Acacia* que ocorrem em Minas Gerais pelos nectários sésseis, cupuliformes, logo abaixo do primeiro par de pinas e pelas estípulas lanceoladas e estriadas.

Material examinado: BRASIL. MINAS GERAIS: Berilo, 30/XI/1991, fl., *M.G.C. & S.T.S.* (BHCB 26424); Coronel Murta, 12/XI/1981, fl., *O. Salgado 230* (RB); Estrada para Lajedão, 1/VII/2003, fl., *I.R. Andrade, et al. s.n.* (BHZZ 3816), Januária, 24/X/1972, fl., *Ratter et al. s.n.* (R 2357), 03/XI/1978, fl., *L. Krieger s.n.* (RB 273091).

Material complementar examinado: BRASIL. BAHIA: Encruzilhada, s.d., fr., *J.E.M. Brasão s.n.* (RB 200636).

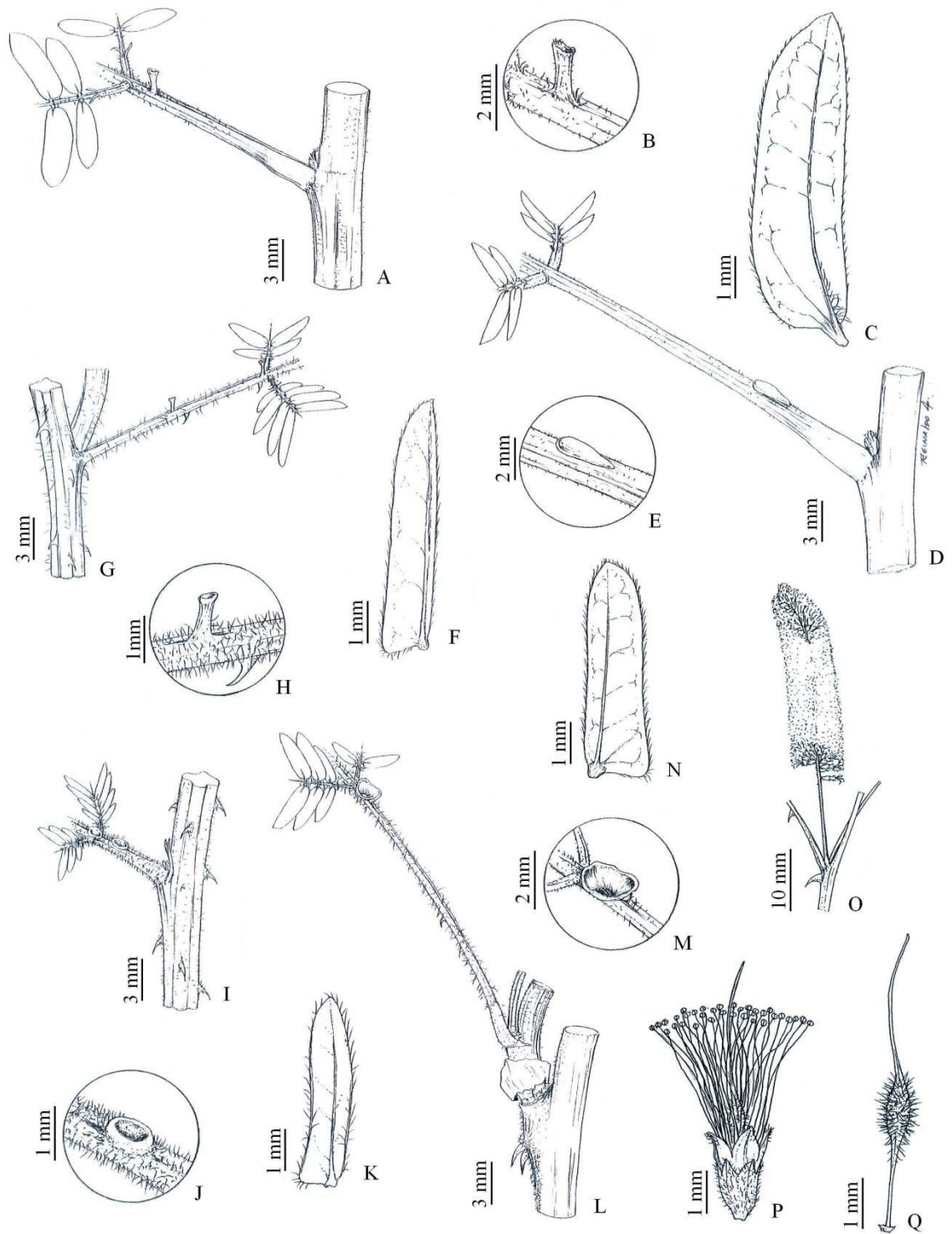


Figura 8: *Acacia limae* Bocage & Miotto. A. Ramo. B. Detalhe da glândula peciolar. C. Foliólulo (Queiroz, L. P. 7479). *Acacia martii* Benth. D. Ramo. E. Detalhe da glândula peciolar. F. Foliólulo (H. C. de Lima 1014). *Acacia martiusiana* (Steud.) Burk. I. Ramo. J. Detalhe da glândula peciolar séssil. K. Foliólulo (IBGE 1152). *Acacia monacantha* Willd. L. Ramo. M. Detalhe da glândula peciolar. N. Foliólulo. O. Inflorescência. P. Flor. Q. Ovário (L. Kriega 16121).

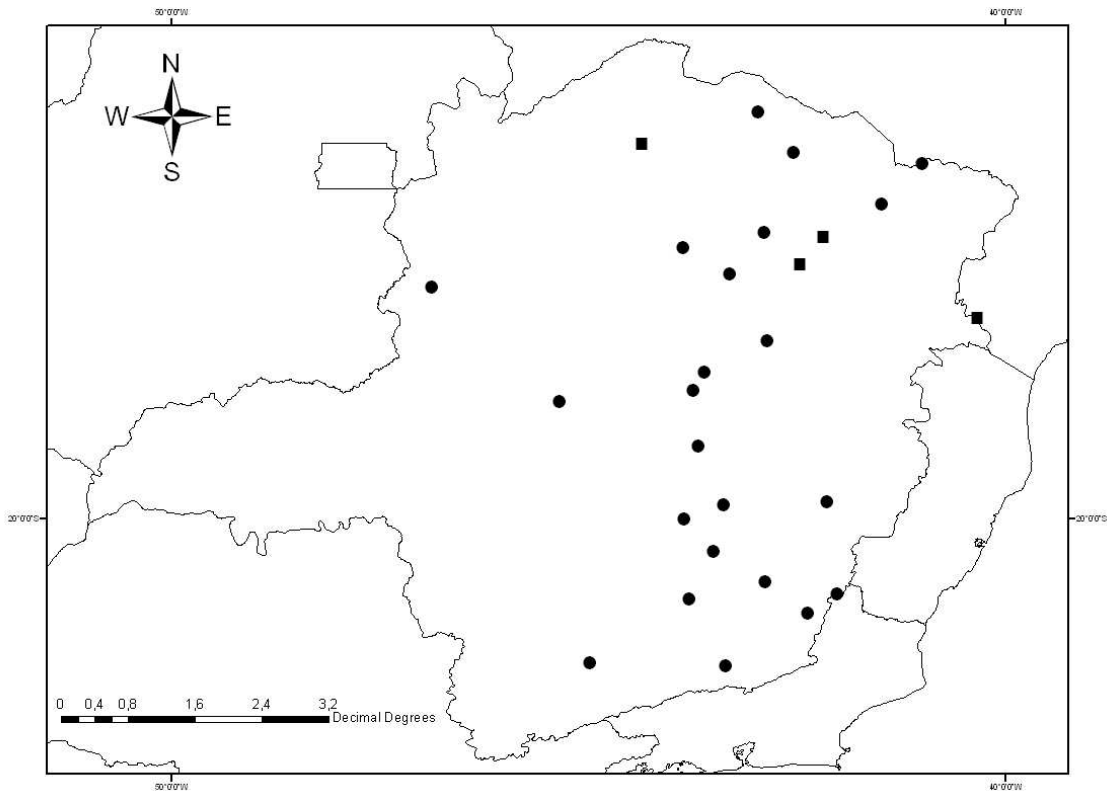


Figura 9: Distribuição de *Acacia martiusiana* (●) e *A. monacantha* (■) em Minas Gerais.

3.1.5.11. *Acacia polyphylla* DC., *Cat. Pl. Horti Monsp.* 74. 1813. Figura 10: A, B e C.

Árvores com até 17m alt. Ramos cilíndricos, canaliculados, glabrescentes ou tomentosos armados; acúleos retos ou incurvos, 2-7 mm compr. Estípulas 6-7 mm, lanceoladas, estriadas, margem ciliada, caducas. Folhas bipinadas, pecioladas; pecíolo 1,5-3,5 cm compr., cilíndrico, canaliculado, puberulento ou tomentoso; pinas 5-8 pares; ráquis foliar 8-13,5 cm compr., cilíndrica, canaliculada, puberulenta ou hispida, inerme, com parafilídios; foliólulos 14-30 (-40) pares por pina, 7-14 × 2-4 mm, oblongos, planos, base oblíqua ou truncada, ápice agudo, seríceos, mais densamente na face abaxial, margem ciliada, nervura principal excêntrica, algumas vezes apresentando um tufo de tricomas na sua base, na face abaxial; nectário extrafloral séssil, pateliforme, no terço inferior do pecíolo e entre o último par de pinas. Unidade básica da inflorescência do tipo glomérulo, 7-10 (-20) mm diâm., reunidos em fascículos dispostos em panículas terminais e axilares; pedúnculo do glomérulo 0,8-2 cm compr., puberulento ou tomentoso; brácteas caducas, 1-2 mm compr., lanceoladas, estrigosas, na metade do pedúnculo. Flores curtamente pediceladas; cálice tubuloso a campanulado, 1,5-2,5 mm

compr., esparsamente seríceo; lacínias 0,5 mm compr.; corola tubulosa, 3-4 (-5) mm compr., serícea; lacínias ca. 1 mm compr.; estames, 90-150, 6-8 mm compr., antera sem glândula no conectivo na pré-antese; ovário estipitado, ca. 1 mm compr., viloso, estípite 1-2,5 mm compr. Legumes 12-16 x 2-2,5 cm, lineares, base atenuada, ápice arredondado ou retuso, apiculado, apículo ca. 1 mm compr., glabros ou puberulentos, castanho avermelhados, margens espessadas; sementes 7-9 x 5-8 mm, elípticas, castanho escuras.

Nomes populares: monjoleiro, juqueri-guau, paricá branco, paricarana, espinheiro, paracaxi, cujuba, espinho d'anta (Silva 1990).

Distribuição: América Central: Belize, Costa Rica, El Salvador, Guatemala, México e Panamá. América do Sul: Argentina, Brasil, Bolívia, Colômbia, Paraguai, Peru, Venezuela, Suriname e Equador (Rico-Arce 2007). No Brasil, ocorre desde a Amazônia até a região sudeste (Burkart 1979). Em Minas Gerais, ocorre em todo o Estado (Figura 11), em áreas de Caatinga, Cerrado e Floresta Atlântica.

Floração e frutificação: floresce e frutifica ao longo de todo o ano.

Utilização: Madeira própria para marcenaria, torno, obras internas, caixotaria, sombra, etc, sendo a casca também empregada em curtumes, como fornecedora de tanino (Burkart 1979; Brandão *et al.* 2002). Como medicinal, é considerada adstringente, servindo para lavar feridas e úlceras (Brandão *et al.* 2002; Silva & Albuquerque 2005). Além desses usos medicinais, suas folhas são citadas por Burkart (1979) como febrífugas. Trata-se de uma planta pioneira, de crescimento rápido, utilizada para recompor áreas degradadas (Burkart 1979).

Estado de Conservação: Espécie não considerada ameaçada de extinção.

Comentários: *Acacia polyphylla* diferencia-se das demais espécies de *Acacia* de Minas Gerais por apresentar porte arbóreo, podendo chegar a 17m de altura; e pelos acúleos retos ou incurvos. É encontrada em herbários e em algumas literaturas (Martius 1876; Lewis 1987; Silva 1990) como *A. glomerosa* Benth., tendo sido sinonimizada por Rico-Arce (2001).

Material examinado: BRASIL. MINAS GERAIS: Araguari, 13/IV/1981, fl., *G. Hatschbach 43856* (RB); Araxá, 18/II/1944, fl., *Mello Barreto 11556* (BHCB); Arcos, 20°15'21.3"S, 045°39'45.3"W, 15/II/2004, fl., *P.H.A. Melo, & D.T. Souza 1061* (RB); Belo Horizonte, 11/III/1934, fr., *Mello Barreto 6447* (BHCB), III/1962, fl., *Rizzini s.n.* (RB 114072), Reserva FZB/BH, 14/I/2003, fl., *F. Faria, 84* (VIC); Brasilândia de Minas, 6/II/2002, fl., *S.M. Soares 402* (BHCB), *s.d.*, *M. Pompeu & S. Matoso 13* (BHCB); Cabeceira Grande, 14/II/2002, fl., *B.M.T. Walter s.n.* (CEN 43506); Campina Verde, 19°32'31"S, 49°31'39"W, 15/I/2005, fl., *J. Paula-Souza, V.C. Souza, M.S. Ferrucci, A.R. Duarte & J.G. Rando 3874* (HUEFS); Campo Florido, 27/II/1987, fl., *G.M. Araújo s.n.* (VIC); Capelinha, 15/II/1989, fl., *Pedralli, Oliveira & Carvalho s.n.* (RB 363781); Capinópolis, mata do Rio Paranaíba, 1/V/1975, fr., *Mendes Magalhães s.n.* (PAMG 4277); Capitão Enéas, 17/V/2001, fr., *Laca s.n.* (PAMG); Caratinga, Fazenda Montes Claros, 8/I/1991, fl., *C.V. Mendonça Filho et al. 132* (BHCB), Mata do Jaó, 20/I/1994, fl., *C.V. Mendonça et al. 236* (BHCB), estação Biológica de Caratinga, Mata do Jaó, 2/IV/2003, fr., *F.R. Couto 243* (BHCB); Carmópolis de Minas, 20° 27'589"S, 44° 36'535"W, 13/VII/2004, fr., *L. Echternacht & T. Dornas 637* (BHCB); Chapada do norte, 19/V/1990, fl., *F.S. Lima s.n.* (PAMG 24803); Conceição das Alagoas, 09/VI/1988, fr., *Pedralli & Stehmann s.n.* (RB 379657); Conquista, 6/I/1989, fl., *Elias 02* (PAMG); Conselheiro Mata, 23/V/1990, fr., *M. Bacelar 300* (PAMG); Cordisburgo, 1/4/1963, fl., *E. Pereira 7507* (RB); Corinto, fazenda Canabrava, 19/II/1990, fl., *M. Bacelar 18* (PAMG); Coromandel, 16/V/2009, fr., *J.M. Fernandes 1034* (VIC); Coronel Pacheco, Estação Experimental de Água Limpa, 5/V/1976, fr., *M.B. Ferreira 9228* (PAMG); Descoberto, Reserva Biológica da Represa do Grama, 1/I/2001, fl., *L.D. Meireles s.n.* (HUEFS 58650); Descoberto, Reserva Biológica da Represa do Grama, 11/I/2001, fl., *R.M. Castro, F.R.G. Salimena, L.F.A. Fazza & P.H. Nobre 114* (HUEFS); Diamantina, 01/III/1989, fl., *L.V. Costa 481* (BHCB); Felixlândia, Terrenos da Mannesman, 23/II/1976, fl., *M.B. Ferreira 5407* (PAMG), 23/II/1976, fl., *M.B. Ferreira 5412* (PAMG); Florestal, 06/VI/1981, fl., *R.S. Ramalho, J.C. Silva & L.C. Marangon s.n.* (RB 228436); Igarapava, 10/VI/1988, fr., *G. Pedralli & J.R. Stehmann s.n.* (RB 376599); Iguatama, mata do rio Bambuí, 20/VI/2001, fr., *J.F. Macedo 4292* (PAMG), 20°15'54"S, 045°40'13"W, 10/IX/2003, fr., *P.H.A. Melo 850* (BHCB); Ingáí, 1/VI/2000, fr., *R.T. Batel s.n.* (ESAL 16823); Itacarambi, fl., *M. Brandão 19032* (PAMG); Itaruma, divisa com São Paulo, 30/III/1985, fl., *M. Brandão 11205* (PAMG); Jaíba, 20/VI/1974, fr., *M. Magalhães s.n.* (PAMG 4237), fr., *P. Emílio 12* (PAMG), 16/X/1990, fl., *Brandão & Laca 17610* (PAMG); Janaúba, 20/VI/2001, fr., *Laca s.n.* (PAMG 54819); Janaúba, 20/VI/2001, fr., *Laca 1400* (PAMG), 30/XI/1986, fl., *H. Saturnino 1279* (PAMG); Januária, Vale do Peruaçu, 15°06'45"S, 44°15'36"W, 14/II/1998, fr., *A. Salino & A. Gotschalg 4014* (BHCB), Vale do Peruaçu, 15°06'45"S e 44°15'36"W, 14/II/1998, fl., *A. Salino & A. Gotschalg 3986* (HUEFS), 21/VII/1997, fr., *A. Salino & J.R. Stehmann 3343* (HUEFS), 9/III/1993, fl., *B.A.S. Pereira s.n.* (IBGE 31230); Juramento, 2/III/1993, fl., *M. Brandão 21876* (PAMG); Joaquim Felício, Rio da Onça, 18/I/1996, fl., *G. & M. Hatschbach 64385* (BHCB); Juiz de Fora, Museu Mariano Procópio, 11/III/1988, fr., *B.B.S. Coelho & L. Krieger s.n.* (CESJ 23489); Lagoa Santa, 01/II/1996, fr., *A.E. Brina & L.V. Costa s.n.* (BHCB 36490), 27/III/1995, fl., *A.E. Brina & L.V. Costa s.n.* (BHCB 36489); Lavras, 08/IV/1939, fl., *E.P. Heringer s.n.* (SP 41115), 04/V/1984, fl., *E. Siqueira s.n.* (ESAL 04377); Leopoldina, 18/I/1985, fl., *E. Zardini & C. Farney 49674* (RB); Mariana, 15/X/2003, fr., *S.M. Faria 2489* (RB); Matheus Leme, Juatuba, 16/II/1940, fl., *J.M.S. Gouvea s.n.* (BHCB 66468); Matias Cardoso, 06/X/1984, fl., *Teixeira &*

Carvalho s.n. (RB 363789); Matozinho, APA Carste de Lagoa Santa, 2/III/1996, fl., *A.E. Brina & L. V. Costa s.n.* (BHCB 36488), 01/VII/1995, fr., *A.E. Brina & L.V.Costa s.n.* (BHCB 36491), Fazenda Cauaia, 16/V/1996, fr., *A.E. Brina & L.V.Costa s.n.* (BHCB 36486), 27/4/2006, fr., *G. Ceccantini 2775* (SPF); Matozinhos, 07/III/2007, fl., *J.C.F. Melo Jr. 622* (SPF); Medina, 26/V/1999, fr., *A. Salino & P.O.Morais 4666* (BHCB), região do reservatório do Córrego Ribeirão, 26/V/1999, fr., *A. Salino & P.O. Morais 4673* (BHCB), Vale do Jequitinhonha, 1/III/1996, fl., *A. E. Brina s.n.* (BHCB 36472); Milho verde, Rio Jequitinhonha, 15/2/1991, fl., *M.M. Arbo s.n.* (SPF 71620); Minas Novas, 28/VI/1989, fr., *Pedralli & Oliveira s.n.*(RB 379656); Mocaminho, 1/IV/1992, fr., *J. Macedo 1761* (PAMG), 08/III/1989, fl., *J.F. Macedo 365* (PAMG); Monte Alegre de Minas, Fazenda Represa, 19/VI/2005, fr., *P.P. Damaso, J.N.Nakajima, E.K.O.Hattori 140* (VIC); Monte Belo, fazenda Lagoa, 29/VII/1986, fl., *M.C.W. 969* (BHCB), 28/II/1986, fr., *M.C.W. 891* (BHCB); Monte Carmelo, 08/VI/1940, fr., *Mendes Magalhães 257* (SP); Monte Rei, 28/XI/2007, fl., *R.M. Santos 1941* (ESAL); Montes Claros, 30/XII/1983, fl., *M.L. Gavilanes 1161* (PAMG), Glaucilandia, 23/VIII/1984, fr., *M. Brandão 10719* (PAMG), 9/III/1986, fl., *H. M. Saturino 1114* (PAMG 15228); Nova Ponte, 26/VI/1996, fr., *E. Tameirão Neto 2041* (BHCB); Prudente de Morais, fazenda Santa Rita, 02/V/1977, fl., *F. Silva s.n.* (PAMG 5851); Pains, fazenda amargoso, 16/IV/2003, fr., *P.H.A. Melo 576* (RB); Palmital, 16/XI/1994, *D. Alvarenga s.n.* (IBGE 32474); Paracatú, margem do riacho das Pedras, 11/V/1977, fl., *M.B. Ferreira 5846* (PAMG); Paracatu, rodovia BR 40 entre Paracatu e João Pinheiro, 4/III/1989, fl., *B.M.T. Walter, B.J. Dias, R.C. Mendonça & M.P. Neto s.n.* (IBGE 22845); Paraopeba, 28/II/1955, fl., *E.P. Heringer s.n.* (SP 77823); Paraopeba, 08/IX/1964, fl. fr., *I.F.M. Válido s.n.* (SP 80155); Patrocínio, Fazenda PAMG, 16/III/1978, fl., *M.B. Ferreira 7208* (PAMG); Pau Furado, 09/I/2009, fl., *J.M. Fernandes 910* (VIC); Perdizes, 20/II/1996, fl., *L. Martens s.n.* (SPF 110210); Pirapora, 24/VI/1932, fr., *P. Campos Porto s.n.* (RB 29710); Porteirinha, morro da torre de telefone, 15°42'24" 43°2'19"W, 8/IV/2002, fr., *T. Ribeiro, T. Jost & Tourinho 394* (HUEFS); Pratinha, 19°41'05"S 46°25'21", 2/III/1989, fl., *B.M.T. Walter, B.J. Dias, R.C. Mendonça & M. P. Neto s.n.* (IBGE 22750); Retiro, 17/III/1994, fl., *V.C. Souza 5544* (SPF); Rio Pardo de Minas, *s.d.*, fl., *Bernard 19* (PAMG), *s.d.*, *Bernard 29* (PAMG); Santa Luzia, Sanatório Hugo Werneck, 17/VII/1941, fr., *Mello Barreto 11184* (BHCB), Vespasiano, 25/III/1933, fl., *Mello Barreto 6400* (BHCB), 19/XI/1933, fr., *Mello Barreto 6450* (SP); Santa Vitória, 03/V/1995, fr., *D.A. Carvalho s.n.* (ESAL 14641); São Gonçalo do Rio Preto, 14/II/1989, fl., *Pedralli, Oliveira & Carvalho s.n.* (RB 363782); São João Nepomuceno, Serra dos Núcleos, 11/II/2003, fl., *A. Valente, K. Antunes, R.O. Garcia, D.S. Pífano, R.M. Castro 249* (VIC); Sete Lagoas, 13/VII/1950, fr., *Mendes Magalhães 5300* (BHCB), 19/II/1968, fl., *J.B. Silva 206* (PAMG), 19/II/1968, fl., *J.B. Silva 206* (PAMG), IPEACO, 17/II/1975, fl., *M.B. Ferreira 9693* (PAMG), 20/VIII/1975, fr., *M.B. Ferreira 5234* (PAMG), 24/VIII/1982, fr., *L.H.S. Cunha 777* (PAMG), Mata da Pontinha, 23/I/1997, fl., *M. Brandão 27776* (PAMG); Três Pontas, 16/II/1991, fl., *C.V. Mendonça Filho s.n.* (SPF 117823); Triângulo Mineiro, Vale do Rio Araguari, Estrada Vale-Indianópolis, 28/I/1991, fl., *A.L.P. Mota 79* (HUFU); Triângulo Mineiro, Vale do Rio Araguari, Mata Edson Mendes, 11/III/1992, fl., *A.L.P. Mota 1120* (HUFU), 12/III/1993, fl., *A.L.P. Mota 1565* (HUFU); Tupaciguara, 23/VI/2001, fr., *Laca 46* (PAMG); Uberaba, 30/I/1981, fl., *I. Cordeiro s.n.* (SPF 22605); Unaí, 19/II/1991, fl., *B.A.S. Pereira 1677* (HUEFS), 19/II/1991, fl., *B.A.S. Pereira s.n.* (SP 249644), 20/I/1984, fl., *B.A.S. Pereira 907* (SP), 27/III/2002, fl., *G. Pereira-Silva s.n.* (CEN 44853), Estrada para Cabeceiras, 11/IX/1977, fr., *M. B. Ferreira 5877* (PAMG), margem da rodovia BR-251, 20/I/1984, fl., *B.A.S. Pereira 907*

(IBGE), margem do Rio Preto, 31/VIII/1990, fr., *B.A.S. Pereira & E.C.Lopes s.n.* (IBGE 26555), vale do Rio Areia, 29/III/1998, fl., *A.C. Sevilha 1765* (IBGE); Vazante, estrada Lagamar, 05/X/1992, fr., *S.M. Faria, E.C. & R. Mendonça s.n.* (RB 316527); Viçosa, 10/III/1980, fl., *R. Ramalho s.n.* (IBGE 13992).

3.1.5.12. *Acacia polyphylla* DC. var. *giganticarpa* G. P. Lewis, *Kew Bull.* 51(3): 591 (1995). Figura 10: D, E e F.

Arbustos. Ramos cilíndricos, glabros, inermes ou armados com acúleos retos, ca. 3mm compr. Estípulas ca. 7 mm compr., lanceoladas, glabras, caducas. Folhas bipinadas, pecioladas; pecíolo 2,5-4 cm compr., cilíndrico, glabrescente; pinas 4 pares; ráquis foliar 8-10 cm compr., cilíndrica, glabrescente ou tomentosa, inermes, com parafilídios; foliólulos 6-9 pares por pina, 20-30 × 10-13 mm, oblongos ou oblongo-falcados, planos, base oblíqua, ápice agudo, seríceos, margem ciliada, nervura principal excêntrica, sem tufo de tricomas na sua base; nectário extrafloral curtamente estipitado, cupuliforme, no terço inferior do pecíolo e entre o último par de pinas. Unidade básica da inflorescência do tipo glomérulo, 10-12 mm diâm., reunidos em fascículos dispostos em panículas terminais ou axilares; pedúnculo do glomérulo 1-2 cm compr., glabrescente ou tomentoso; brácteas não observadas. Flores sésses; cálice campanulado, 2-2,5 mm compr., seríceo; lacínias irregulares, 0,5-1 mm compr.; corola campanulada, 4-4,5 mm compr., serícea; lacínias 2 mm compr.; estames 90-110, ca. 6 mm compr., antera sem glândula no conectivo na pré-antese; ovário estipitado, ca. 1 mm compr., viloso, estípite ca. 2 mm compr. Legumes 10-30 x 5-6,5 cm, lineares, base atenuada, ápice arredondado, apiculado, apículo ca. 3 mm compr., glabros ou puberulentos, castanho avermelhados, margens espessadas; sementes não observadas.

Nomes populares: Mucitaiba-mongo, mucitaba-mongo, braúna-mongo (Rico-arce 2007).

Distribuição: Endêmica do Brasil, sendo encontrada nos estados da Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais e Rio de Janeiro (Rico-Arce 2007). Em Minas Gerais, ocorre ao nordeste do Estado, próximo a Bahia e Espírito Santo (Figura 11), em área de Floresta Atlântica.

Floração e frutificação: Frutificação não observada. Material florido, porém, sem data de coleta.

Utilização: Desconhecida até o momento.

Estado de Conservação: Espécie ameaçada de extinção no estado, na categoria criticamente em perigo, devido a apenas um espécime ter sido encontrado.

Comentários: espécie facilmente diferenciada das demais, principalmente pelo tamanho e formato dos foliólulos. Essa variedade é conhecida apenas pelo *typus* e por algumas coletas entre 1949 e 1963, depositadas no exterior.

Material examinado: BRASIL. MINAS GERAIS: Teófilo Otoni, s.d., fl., *J. Matos & H. Bicalho 11056* (SP).

Material complementar examinado: BRASIL. BAHIA: Buerarema, 07/II/1986, fr., *T.S. dos Santos 3983* (RB); Itapebi, 23/VII/2008, fr., *R.D. Ribeiro, H.C. Lima, F. Fillardi & A.G. da Silva 1005* (RB); Santa Cruz Crabália, 10/XII/1987, st., *F.S. Santos 767* (RB). ESPÍRITO SANTO: Santa Tereza, 03/XII/1988, fl., *L. Kollman, E. Bausen & W. Pizziolo 1224* (RB).

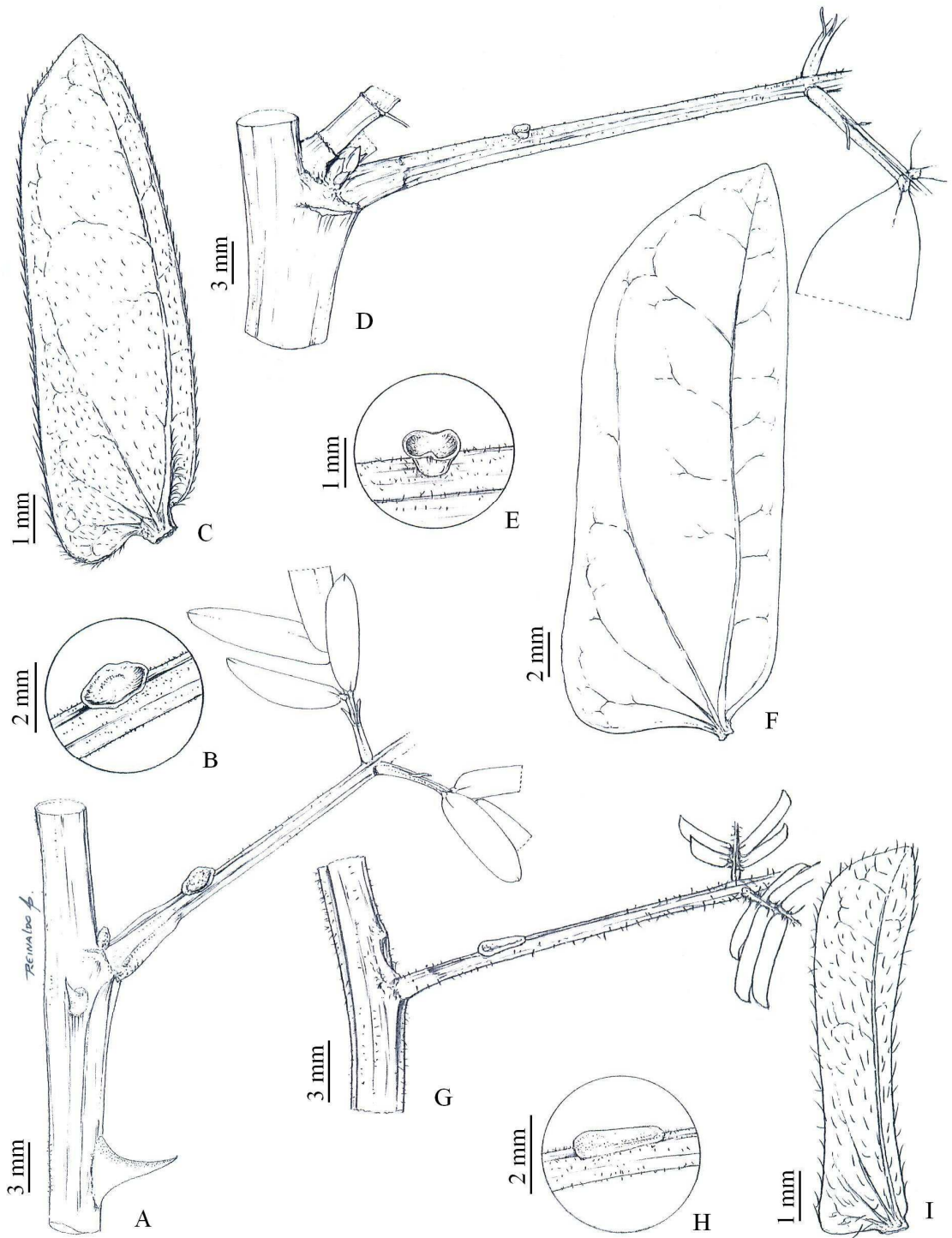


Figura 10: *Acacia polyphylla* DC. A. Ramo. B. Detalhe da glândula peciolar. C. Foliólulo (*Terra*, V. 478). *Acacia polyphylla* DC. var. *giganticarpa* G.P. Lewis. D. Ramo. E. Detalhe do nectário peciolar. F. Foliólulo (*J. Mattos 1056 & H. Bicalho*). *Acacia pteridifolia* Benth. G. Ramo. H. Detalhe da glândula do pecíolo. I. Foliólulo (*C. V. Mendonça 218*).

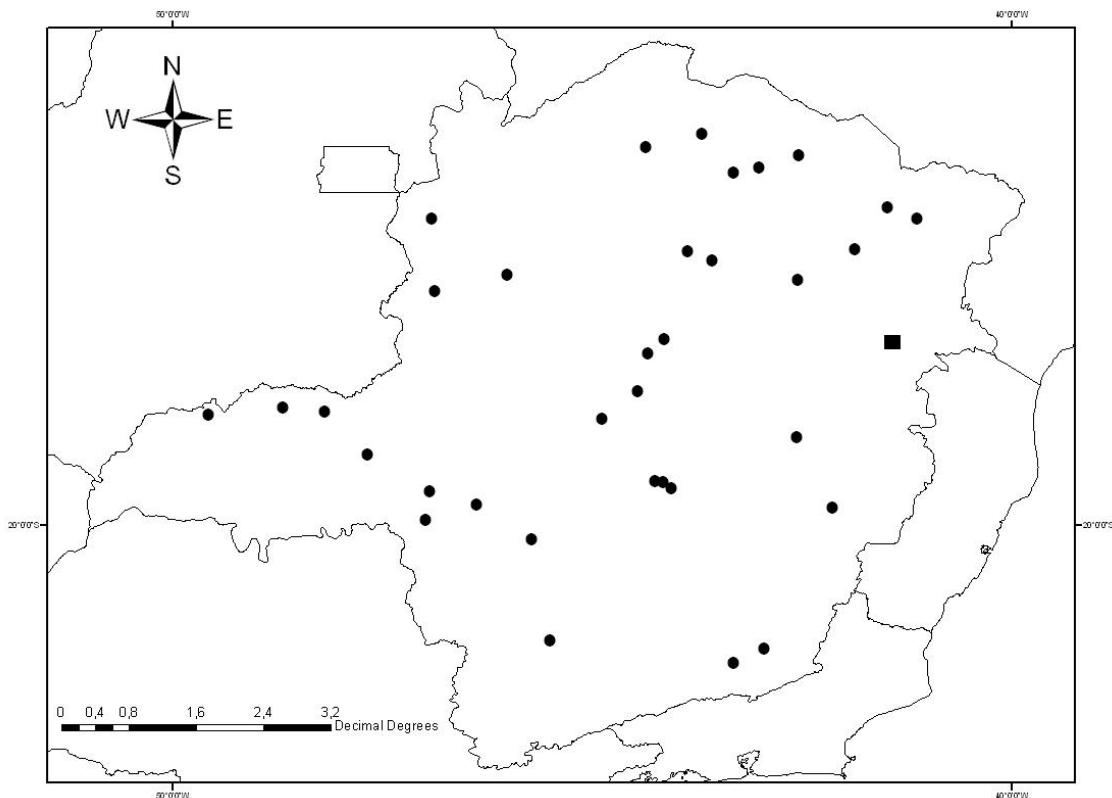


Figura 11: Distribuição de *Acacia polyphylla* (●) e *A. polyphylla* var. *giganticarpa* (■) em Minas Gerais.

3.1.5.13. *Acacia pteridifolia* Benth., Hook., *London J. Bot.* 1: 521. 1842. Figura 10: G, H e I.

Arbustos escandentes. Ramos cilíndricos, glabros a hispídeos, armados; acúleos recurvos menores que 1 mm compr. Estípulas ca. 4 mm compr., lanceoladas, glabras caducas. Folhas bipinadas, pecioladas; pecíolo 1,5-6 cm compr., cilíndrico, canaliculado, glabrescente; pinas 4-6 pares; ráquis foliar 2-6 cm compr., cilíndrica, canaliculada, tomentosa, armada, com parafilídios; foliólulos 16-31 pares por pina, 4-10 x 1-2 mm, linear-falcados, planos, base truncada, ápice agudo, glabros na face adaxial, glabrescentes ou seríceos na face abaxial, margem ciliada, nervura principal excêntrica, sem tufo de tricomas na sua base; nectário extrafloral séssil, pateliforme-obovado, na metade inferior do pecíolo. Unidade básica da inflorescência do tipo cacho, 1-3 cm comp., reunidos em fascículos dispostos em panículas terminais ou axilares; pedúnculo do cacho 1-1,5 cm compr., hispídeo; brácteas caducas, ca. 2 mm compr., lanceoladas, glabras, margem ciliada, na metade superior do pedúnculo. Flores pediceladas; cálice tubuloso, 2-2,5 mm compr., glabro; lacínias ca. 0,5 mm compr., ciliadas; corola

tubulosa, 3-4 mm compr., glabra; lacínias ca. 1 mm compr.; estames ca. 110, ca. 5 mm compr., antera sem glândula no conectivo na pré-antese; ovário estipitado, ca. 1,5 mm compr., seríceo, estípite ca. 2 mm compr. Legumes 15-25 x 2,5-3 cm, lineares ou linear-falcados, base atenuada, ápice apiculado, apículo ca. 1 mm compr., glabros, castanhos, margens espessadas; sementes 10-15 x 5-10 mm, elípticas, castanho-avermelhadas.

Nomes populares: não encontrados.

Distribuição: Endêmica do sudeste do Brasil, ocorrendo nos estados do Rio de Janeiro e Minas Gerais (Rico-Arce, 2007). Em Minas Gerais ocorre em áreas de Floresta Atlântica, próxima ao Espírito Santo (Figura 12).

Floração e frutificação: a floração ocorre em janeiro e a frutificação em março e abril.

Utilização: Desconhecida até o momento.

Estado de Conservação: Espécie ameaçada de extinção na categoria criticamente em perigo, devido às poucas coletas e a estas serem restritas a um único município.

Comentários: *Acacia pteridifolia* diferencia-se das demais espécies de *Acacia* de Minas Gerais pela ausência de nectários na ráquis e pelo nectário pateliforme-obovado, localizada no terço inferior do pecíolo. Juntamente com *A. grandistipula*, são as únicas duas espécies de *Acacia* em Minas Gerais que apresentam flores pediceladas.

Material examinado: BRASIL. MINAS GERAIS: Caratinga, Fazenda Montes Claros; 7/I/1991, fl., C. V. Mendonça Filho et al. 131 (BHCB), Fazenda Montes Claros, 23/III/1991, fr., C. V. Mendonça Filho et al. 160 (BHCB), Mata do Jaó, 20/IV/1992, fr., C. V. Mendonça Filho 218 (BHCB), 19/9/1992, st., S.M. Faria & C.V. Mendonça 496 (RB).

Material complementar examinado: BRASIL. RIO DE JANEIRO: Búzios, 18/II/2004, fr., R.D. Ribeiro & H.G. Dantas 119 (RB); Rio de Janeiro, 05/VII/1994, fr., R. Marquete, E. Medeiros & R. Matheus 1866 (RB); 23/IX/1979, st., J.P.P. Carauta 3255 (RB).

3.1.5.14. *Acacia riparia* Kunth., *Nov. Gen. t Sp.* (H.B.K.) 6: 218. 1824. Figura 13: A, B e C.

Arbustos com até 2m alt. Ramos cilíndricos, canaliculados, glabros, armados; acúleos recurvos, 2-4 mm compr. Estípulas não observadas. Folhas bipinadas, pecioladas; pecíolo 1-2 cm compr., cilíndrico, canaliculado, glabrescente ou puberulento, pinas 6-10 pares; ráquis foliar 4-9 cm compr., cilíndrica, canaliculada, glabrescente ou puberulenta, armada, com parafilídios; foliólulos 15-30 pares por pina, 4-8 x 2 mm, oblongo-falcados, planos, base truncada, ápice agudo ou arredondado, glabros, margem ciliada, nervura principal excêntrica, com um tufo de tricomas na sua base, na face abaxial; nectário extrafloral sésil, cônico, no terço superior do pecíolo e entre o último ou os dois últimos pares de pinas. Unidade básica da inflorescência do tipo glomérulo, 15-20 mm diâm., reunidos em fascículos dispostos em panículas terminais ou axilares; pedúnculo do glomérulo 0,8–1,3 cm compr., viloso; brácteas caducas, 1,5 mm compr., lanceolada, seríceas, no terço superior do pedúnculo. Flores sésseis; cálice tubuloso, 2–3 mm compr., glabro, esparsamente seríceo nas lacínias; lacínias ca. 1,5 mm compr.; corola tubulosa, 3,5-4 mm compr., glabra; lacínias ca. 1 mm compr.; estames 50-70, 8-9 mm compr., antera sem glândula no conectivo na pré-antese; ovário estipitado, ca. 10 mm compr., glabro, estípite ca. 1 mm compr. Legumes 9-12 x 1,3-1,6 cm, lineares, base atenuada, ápice apiculado, apículo ca. 3 mm compr., pulverulento, marrons, margens espessadas; sementes 6-8 x 4-6 mm, elípticas, marrom-escuras.

Nomes populares: unha-de-gato, unha-de-gato-branco, jurema-branca (Queiroz 2009).

Distribuição: Caribe: Porto Rico, Trinidad; América Central: Costa Rica, El Salvador, México e Panamá; América do Sul: Argentina, Bolívia, Brasil, Colômbia, Equador, Peru (Rico-Arce 2007). Em Minas Gerais, ocorre mais ao norte do Estado (Figura 12), em áreas de Cerrado e Caatinga.

Floração e frutificação: floresce e frutifica ao longo de todo o ano.

Utilização: Desconhecida até o momento.

Estado de Conservação: Espécie não considerada ameaçada de extinção.

Comentários: Diferencia-se das demais espécies de *Acacia* de Minas Gerais principalmente pelo nectário séssil, cônico. Assemelha-se a *Acacia limae* e suas diferenças já foram descritas nos comentários desta.

Material examinado: BRASIL. MINAS GERAIS: Berizal, Rio Taboeiras, 19/II/1998, fl., *E. Tameirão Neto* 2693 (BHCB); Catas Altas, 9/XII/1972, fl., *J. Badini s.n.* (OUPR 20030); Diamantina, 13/I/1947, fl., *D. Romaiz 611* (RB); Diamantina, 16/III/1970, fl., *Irwin et al. s.n.* (UB 27634); Grão Mogol, 16°33'31"S 42° 53'06"W, 19/V/2001, fr., *M. Groppo Jr., A.C. Marcato & P. Soffiatti 789* (HUEFS), 07/IX/1990, fr., *J.R. Pirani et al. s.n.* (SPF 68586); Janaúba, fl., *Allem & Werneck s.n.* (CEN 8623); Janaúria, próximo ao Rio Pandeiros, 9/XI/1989, fl., *B.M.T. Walter, J.A. Ratter, P.E. Nogueira da Silva & M.C. Silva Jr. s.n.* (IBGE 28309); Montezuma, 10/II/2009, bt., *V. Terra & J.M. Fernandes 483* (VIC), 10/II/2009, fr., *V. Terra & J.M. Fernandes 487* (VIC); Pirapora, 27/VI/1932, fr., *P. Campo Porto s.n.* (RB 29714); Rio Pardo de Minas, 22/V/2005, fr., *Sevilha 4283* (CEN); Salinas, 16°11'46"S 42°20'18"W, 7/IV/2002, fr., *Jost, T., T. Ribeiro & R. Tourinho 458* (HUEFS).

Material complementar examinado: BRASIL. BAHIA: Barra da Estiva, 21/VI/1978, fr., *P. Vaillant 18* (RB); Boninal, 20/VI/1978, fl., *J.E. Brazão 29* (RB); Caitité, 13/IV/1980, fr., *R.M. Harley 21345* (RB); 28/V/1993, fr., *L.P. de Queiroz & N.S. Nascimento 3643* (RB); Lagoinha, Serra do Curral Feio, 04/III/1974, fr., *R.M. Harley 16721* (RB); 05/III/1974, fr., *R.M. Harley 16802* (RB); Milagres, 06/III/1977, fl., *R.M. Harley 19446* (RB); Paulo Afonso, 31/I/2006, fl., *M.M.M. Lopes, A. Amorim, E. Gross, S.C. Sant'Ana & S. França s.n.* (RB 430527).

3.1.5.15. *Acacia serra* Benth., Hook., London J. Bot. 1:519. 1842. Figura 13: D, E e F.

Arbusto escandente. Ramos 5-angulosos, glabros, armados; acúleos recurvos, seriados nos ângulos, 2-4 mm compr. Estípulas ca. 7 mm, lanceoladas, glabras, caducas. Folhas bipinadas, pecioladas; pecíolo 2,5-4 cm compr., cilíndrico, canaliculado, glabrescente; pinas 17-32 pares; ráquis foliar 14-31 cm compr., cilíndrica, canaliculada, glabrescente, armada, com parafilídios; foliólulos 30-64 pares por pina, 3-6 x 1 mm, linear-falcados, planos, base truncada, ápice agudo, glabros na face adaxial e esparsamente seríceos na face abaxial, margem ciliada, nervura principal excêntrica, sem tufo de tricomas na sua base; nectário extrafloral séssil, verruciforme-oblongo, no terço inferior do pecíolo e entre os últimos pares de pinas. Unidade básica da inflorescência do tipo glomérulo, ca. 15 mm diâm., reunidos em fascículos dispostos em panículas terminais e axilares; pedúnculo do glomérulo 0,6-1 cm compr., tomentoso; brácteas não observadas. Flores sésseis; cálice tubuloso, 1,5-2 mm compr., glabrescente; lacínias ca. 0,5 mm compr.; corola tubulosa, 3,5-4 mm compr., glabrescente; lacínias ca. 1 mm compr.; estames ca.

100, ca. 6 mm compr., antera com glândula no conectivo na pré-antese; ovário estipitado, ca. 1 mm compr., viloso, estípite ca. 2 mm compr. Legumes 10-11 x 2,5-3 cm, lineares, base atenuada, ápice arredondado ou emarginado, glabros, amarelados, margens espessadas; sementes não observadas.

Nomes populares: não encontrados.

Distribuição: Espécie pouco representada em herbários. É endêmica do estado de Minas Gerais (Rico-Arce 2007). Encontrada em região de Floresta Atlântica, no sudeste do Estado (Figura 12).

Floração e frutificação: floresce em março e frutifica em julho.

Utilização: Desconhecida até o momento.

Estado de Conservação: Espécie ameaçada de extinção, na categoria criticamente em perigo, devido ao pouco material encontrado e a distribuição geográfica restrita a algumas localidades, não tendo sido recoletada desde 1930.

Comentários: Caracteriza-se pelos ramos 5-angulosos densamente armados de acúleos seriados nos ângulos e pelo nectário séssil, oblongo, na base do pecíolo.

Material examinado: BRASIL. MINAS GERAIS: Dionísio, 26/VII/1992, fr., *E. Tameirão Neto* 847 (BHCB); Marliéria, Parque Estadual do Rio Doce, 30/III/1996, fl., *J.A. Lombardi et al.* 1199 (BHCB), Viçosa, 29/X/1930, fl., *s.c.* (VIC).

Material complementar examinado: BRASIL: GOIÁS: Cocalzinho, 24/III/2002, fl., *M.A. da Silva, M.L. Fonseca, F.C.A. oliveira & E. Cardoso* 5205 (RB).

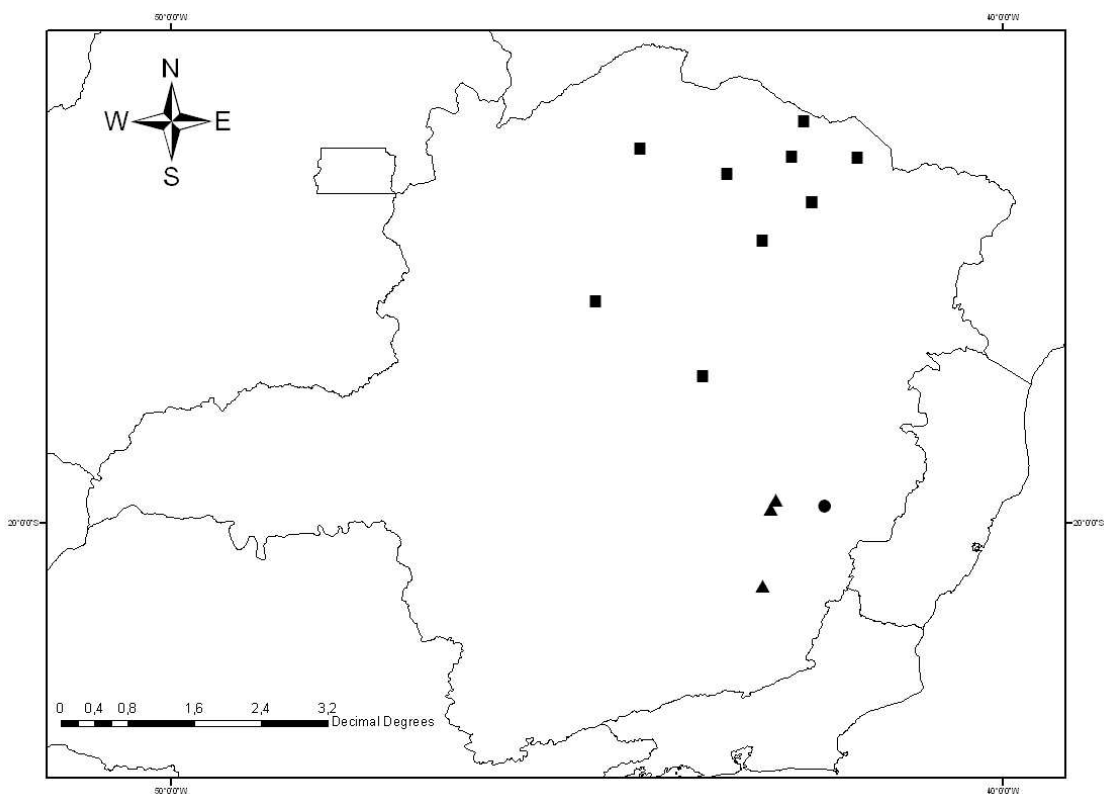


Figura 12: Distribuição de *Acacia pteridifolia* (●), *A. riparia* (■) e *A. serra* (▲) em Minas Gerais.

3.1.5.16. *Acacia tenuifolia* (L.) Willd., *Species Plantarum* 4 (2): 1091. 1806. Figura 13: G, H e I.

Arbustos escadentes ou árvores com até 9m alt. Ramos cilíndricos, glabrescentes a hispídeos, armados; acúleos recurvos 1-3 mm compr. Estípulas 2-6 mm compr., lanceoladas, seríceas ou estrigosas, margem ciliada, caducas. Folhas bipinadas, pecioladas; pecíolo 1-3 cm compr., cilíndrico, canaliculado, puberulento ou hispídeo; pinas 10-20 pares; ráquis foliar 3,5-14,2 cm compr., cilíndrica, canaliculada, tomentosa ou hispída, inerme ou armada, com parafilídios; foliólulos 23-55 pares por pina, 2-6 x 0,5-1,5 mm, lineares, planos, base truncada, ápice agudo ou acuminado, glabros, margem ciliada, nervura principal excêntrica, sem tufo de tricomas na sua base; nectário extrafloral séssil, pateliforme, no terço inferior do pecíolo e entre o último ou os últimos pares de pinas. Unidade básica da inflorescência do tipo glomérulo, 3-10 mm diâm., reunidos em fascículos dispostos em panículas terminais ou axilares; pedúnculo do glomérulo 0,5-5 cm compr., tomentoso ou hispídeo; brácteas caducas, 1 mm compr., espatuladas, seríceas, no meio do pedúnculo. Flores sésseis; cálice campanulado ou tubuloso; 1-2 mm compr., glabro ou levemente estrigoso nas lacínias; lacínias 0,5-1 mm

compr.; corola campanulada ou tubulosa; 1-3 mm compr., glabra ou levemente estrigosa; lacínias ca. 1 mm compr.; estames 60-105, 4-5 mm compr., antera com glândula no conectivo na pré-antese; ovário estipitado, 0,5-1 mm compr., seríceo ou tomentoso, estípite 0,5-1 mm compr. Legumes 9-19,5 x 2,2-5 mm, oblongos ou lineares, base atenuada, ápice arredondado ou emarginado, apiculado ou não, se apiculado, apículo 1-1,5 mm compr., glabrescentes a puberulentos, pardos, margens espessadas; sementes 7-9 x 4-8 mm, elípticas, marrom avermelhadas.

Nomes populares: unha-de-gato, serra-goela (Queiroz 2009).

Distribuição: Caribe: Cuba, Guadalupe, Martinica; América Central: Costa Rica, El Salvador, México e Panamá; América do Sul: Bolívia, Brasil, Colômbia, Equador, Guiana Francesa, Guiana, Peru, Suriname (Rico-Arce 2007). Em Minas Gerais, ocorre ao longo de todo o Estado (Figura 14), em áreas de Cerrado, Caatinga e Floresta Atlântica.

Floração e frutificação: floresce e frutifica ao longo de todo o ano.

Utilização: Espécie usada como madeira (Florentino *et al.* 2007), medicinal (Silva & Albuquerque 2005) e para construção (Bortolotto 2006).

Estado de Conservação: Espécie não considerada ameaçada de extinção.

Comentários: *Acacia tenuifolia* se diferencia das demais espécies de Minas Gerais pelos seus foliólulos glabros e pelos acúleos recurvos, de extremidade avermelhada, geralmente agrupados nos nós. Se assemelha a *A. lewissi*, e suas diferenças já foram descritas nos comentários desta. É encontrada em herbários e em algumas literaturas (Martius 1876; Lewis 1987 & Silva 1990) como *A. paniculata* Willd., tendo sido sinonimizada por Rico-Arce (2001).

Material examinado: BRASIL. MINAS GERAIS: Aimorés, Pedra do Resplendor, 21/X/1997, fl., *M.F. Vasconcelos s.n.* (BHCB 39988); Amoroso, Fazenda Santa Terezinha, 07/XII/1944, fl., *A. Macedo 615* (RB); Arcos, Fazenda Faroeste, 23/IX/2003, fl., *P.H.A. Meki 949* (RB); Barroso, mata do Baú, 17/IX/2001, fr., *L.C.S. Assis & M.K. Ladeira 241* (VIC), 28/XII/2002, fl., *L.C.S. Assis, G.E.P Silva & M. S. Magalhães 639* (VIC), 05/IV/2003, fr., *L.C.S. Assis & M.S. Magalhães 780* (VIC); Belo Horizonte,

bairro Betânia, 05/XII/1997, fl., *C.V. Mendonça Filho* 374 (VIC), Campus UFMG, 29/11/1993, fl., *J.F. Macedo s.n.* (BHCB 28184), 10/VIII/1995, fr., *J.A. Lombardi & I.G. Temponi* 921 (BHCB), Estação ecológica UFMG, 29/XI/1993, fl., *J.F. Macedo* 2197 (PAMG), Estrada de Vespasiano Km 17, 19/XI/1933, fl., *Mello Barreto* 6414 (BHCB); FZB/BH - Mata do pau d'óleo, 15/V/1997, fr., *P. de Paula, L.M. s.n.* (VIC 21749), Jardim Botânico, 23/X/1933, fl., *Mello Barreto* 6399 (BHCB), Morro das Pedras, 16/VIII/1942, fr., *M. Magalhães* 3323 (BHCB), Reserva da Copasa/Barreiro, 10/XII/1998, fl., *J.C. Moreira s.n.* (BHCB 44795), 23/III/1933, fl., *M. Barreto* 6399 (SP), 06/III/1934, fr., *A. Sampaio* 7480 (SP); Boa Esperança, XII/1993, fl., *M.L. Gavilanes* 5858 (PAMG); Cabeceira Grande, 14/II/2002, fl., *A.C. Sevilha* 2108 (CEN); Caratinga, 23/V/1984, fr., *M. A. Lopes & P. M. Andrade* 193 (BHCB), 23/V/1984, fr., *M. Andrade* 193 (RB), Estrada Piedade S. A. Manhuaçu, 21/IX/1992, fr., *C.V. Mendonça & S.M. Faria* 276 (BHCB), Fazenda Montes Claros, estrada do Rafael, 5/I/1991, fl., *C.V. Mendonça Filho & J. R. Sthemann* 142 (BHCB), Mata Jaó, 5/I/1991, fl., *C.V. Mendonça Filho & J. R. Sthemann* 141 (BHCB), 23/III/1991, fr., *C.V. Mendonça Filho et al.* 164 (BHCB); Caratinga, Fazenda Montes Claros/ Jaó, próximo a trilha do "Sagüi", 20/IV/1992, fr., *C.V. Mendonça et al.* 215 (BHCB), 11/XI/1993, fr., *C.V. Mendonça* 305 (BHCB); Carmópolis de Minas, estação ecológica da Mata do Cedro, 17/V/2004, fr., *L. Echternacht & T. Dornas* 421 (BHCB), 28/XI/2004, fl., *L. Echternacht & M.A. Faleiros* 718 (BHCB), 20°27'302"S, 44°37'212"W, 11/XII/2004, fl., *L. Echternacht, T. Dornas, R.C. Mota & T.E. Almeida* 770 (BHCB); Conceição do Mato Dentro, 07/VI/1980, fr., *N.L. Menezes, J. Semir, M.G. Sajo, A. Furlan, J.R. Pirani, N.M. Castro & M.T.U. Rodrigues s.n.* (SP 179594); Coromandel, 10/VIII/1989, fr., *M. Brandão* 1549 (PAMG), Coronel Pacheco, 24/XII/1940, fl., *E.P. Heringer s.n.* (RB 44812); Cristália, Povoado de Cabra, 29/XI/1991, fl., *M.G.C, S.T.S.* 806 (BHCB); Desembargador Drummond, 22/XI/1941, fl., *M. Magalhães* 763 (BHCB); Entre Rios, fazenda da Pedra Branca, 01/I/1950, fl., *L. Roth & P. Krieger s.n.* (RB 146867); Esperança, 1916, fl. fr., *P. Campos Porto s.n.* (RB 7862); Francisco de Sá, 01/IX/1992, fl., *M.L. Gavilanes s.n.* (PAMG 43631), 2/IX/1990, fl., *D. D'Ángelo Neto* 181 (ESAL); Ibiá, 23/VI/2001, fr., *Laca* 37 (PAMG); Ibituruna, arredores do Rio das Mortes, 14/VI/2001, fr., *R. C. Mota* 444 (BHCB); Itacambira, estrada Pau D'óleo, 16°57'47"S 43°52'18"W, 20/X/2001, fl., *J.A. Lombardi, J.H.A. Dulith & J. Semir* 4462 (BHCB); Januária, 30/XII/1953, fl., *M. Magalhães* 6091 (RB), distrito de Fabião, fl., *J.A. Lombardi* 2098 (BHCB), 15°06'45"S 44°15'36"W, 14/II/1998, fr., *A. Salino & A. Gotschalg* 3999 (HUEFS); Jequeri, 19/XI/1997, fl., *A. Salino* 3756 (BHCB 39587); Lagoa Santa, 20/XI/1933, fl., *M. Barreto* 6415 (BHCB); Lavras, 09/XII/1980, fl., *H.F. Leitão, G. Sheperd, F.R. Martins s.n.* (VIC), 10/X/1986, fl., *M.L. Gavilanes s.n.* (PAMG 13988), 03/X/1986, fl., *M.L. Gavilanes & B. Queiroz* 2266 (ESAL); Marliéria, 15/II/1992, fl., *C.V. Mendonça* 289 (BHCB); Medina, 26/V/1999, fr., *A. Salino 4667 & P.O. Morais* (BHCB); Mocambinho, 18/V/2001, fr., *Laca* 1574 (PAMG); Onça do Pitangui, 1990, fr., *E.M. Teixeira & A.E. Brina s.n.* (BHCB 35728), Ouro Preto, 1/XII/1977, fl., *J. Badini s.n.* (OUPR 19990); Pains, fazenda Amargoso, 08/XII/2003, fl., *P.H.A. Melo & G.P. Santos* 995 (HUEFS), 16/IV/2003, fr., *P.H.A. Melo* 577 (HUEFS); Perdizes, Mata da Aparecida, 22/XI/1994, fl., *E. Tameirão Neto & M.S. Werneck* 1500 (BHCB); Presidente Vargas, Desembargador Drummond, 22/XI/1941, fl., *Mendes Magalhães* 763 (BHCB); Rio do Prado, 07/IX/1959, fr., *Mendes Magalhães* 15570 (RB); Sabará, 1990, fr., *E.M. Teixeira & A.E. Brina s.n.* (BHCB 35729); Santa Luzia, 03/V/1934, fr., *Mello Barreto* 6457 (SP); São João Del Rei, 19/X/2006, fr., *G. Del-Vechio s.n.* (RB 443801); Serra da Candonga, 05/II/2009, fr., *J.M. Martins* 946 (VIC); Tombos, Fazenda São Pedro, 21/I/1936, fl., *Mello Barreto* 6455 (BHCB);

Viçosa , 29/X/1930, fl., s.c. (VIC 242), 03/XII/1934, fl., *J.G. Kuhlmann* (VIC 2189), 13/XII/1934, fl., *J.G.K. s.n.* (RB 138851), Mata do Paraíso, 12/IX/2001, fr., *F.C.P. Garcia & I. M Corrêa* 865 (VIC n°), 29/V/2003, fr., *M. Lopes s.n.* (VIC).

3.1.5.17. *Acacia velutina* DC., *Prodr.* (DC.) 2: 459. 1825. Figura 13: J, K e L.

Lianas. Ramos 5-angulosos, puberulentos ou hispídeos, armados; acúleos recurvos, seriados nos ângulos, ca. 1 mm compr. Estípulas ca. 7 mm, lanceoladas, glabrescentes, caducas. Folhas bipinadas, pecioladas; pecíolo 2-3 cm compr., cilíndrico, canaliculado, glabrescente ou hispídeo; pinas 8-10 pares; ráquis foliar 5-6 cm compr., cilíndrica, canaliculada, glabrescente ou hispída, armada, com parafilídios; foliólulos 20-30 pares por pina, 8-12 x 2-3 mm, lineares, planos, base truncada, ápice agudo, seríceos, margem ciliada, nervura principal excêntrica, com um tufo de tricomas na sua base, na face abaxial; nectário extrafloral séssil, verruciforme-obovado, no terço inferior do pecíolo e cônicos entre os últimos pares de pinas. Unidade básica da inflorescência do tipo espiga, 30-40 mm compr., reunidas em fascículos dispostos em panículas terminais ou axilares; pedúnculo da espiga ca. 1,5 cm compr., tomentoso; brácteas não observadas. Flores sésseis; cálice tubuloso, ca. 2 mm compr., glabrescente; lacínias ca. 0,5 mm compr.; corola tubulosa, 4-5 mm compr., serícea nas lacínias; lacínias ca. 1,5 mm compr.; estames 90-115, ca. 10 mm compr., antera com glândula no conectivo na pré-antese; ovário estipitado, ca. 1 mm compr., viloso, estípite ca. 1,5 mm compr. Legumes 10-22 x 3-3,5 cm, lineares, base atenuada, ápice agudo, glabros ou puberulentos, marrons, margens espessadas; sementes 8-12 x 5-8 mm, elípticas, marrons.

Nome popular: vamos-junto, unha de gato, garapiá (Burkart 1979).

Distribuição: América do Sul: Argentina, Brasil, Bolívia e Paraguai (Rico-Arce 2007). No Brasil, distribui-se principalmente nas regiões Sul e Sudeste do Brasil (Queiroz, 2009). Está sendo aqui apresentada uma nova citação de ocorrência para Minas Gerais, onde ocorre em Cerrado (Figura 14).

Floração e frutificação: Floresce em maio e frutifica de maio a julho.

Utilização: Importante como planta melífera (Burkart 1979).

Estado de Conservação: Espécie ameaçada de extinção, na categoria criticamente em perigo, devido a ser encontrada em uma única região no estado, apenas em área de Cerrado.

Comentários: Assemelha-se a *Acacia monacantha*, e suas diferenças já foram descritas nos comentários desta.

Material examinado: BRASIL. MINAS GERAIS: Arcos, 27/VI/2004, fr., *P.H.A. Melo & L.H.L. Coelho 1224* (RB); Pains, 28/V/2005, fl., *P.H.A. Melo & E.A. Melo Jr. 1361* (RB), 12/VII/2006, fr., *R.A. Borges & P.H. Bernardo 230* (RB).

Material complementar examinado: BRASIL. ESPÍRITO SANTO: Águia Branca, 17/I/2008, fl., *M.C. Souza, M.M. Saavedra, R.F. Monteiro & C.N. Fraga 611* (RB); Mimoso do Sul, 02/IV/2001, fl., *F.B. Pereira s.n.* (RB). RIO DE JANEIRO: Ibitioca, 27/V/2008, fr., *R.C. Forzza, L.M. Neto & M. Saaverda 5130* (RB); Rio de Janeiro, Morro São João, 16/XII/2005, fr., *H.C.Lima & R.D. Ribeiro 6393* (RB).

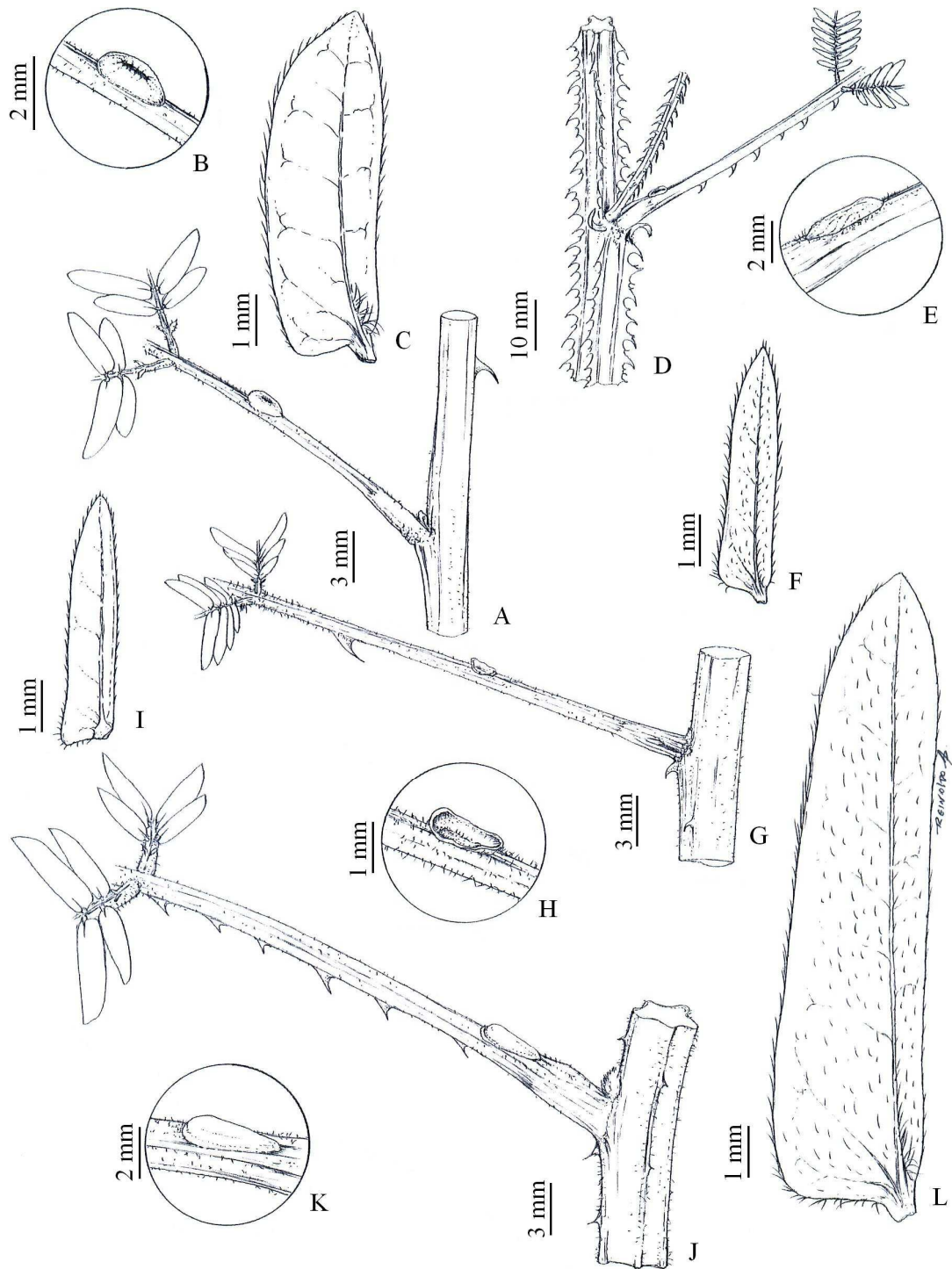


Figura 13: *Acacia riparia* Kunth. A. Ramo. B. Detalhe da glândula do pecíolo. C. Foliólulo (*Terra*, V. 485). *Acacia serra* Benth. D. Ramo. E. Detalhe da glândula do pecíolo. F. Foliólulo (*J. A. Lombardi 1199*). *Acacia tenuifolia* (L.) Willd. G. Ramo. H. Detalhe da glândula do pecíolo. I. Foliólulo (*A. Salino 3756*). *Acacia velutina* DC. J. Ramo. K. Detalhe da glândula do pecíolo. L. Foliólulo (*P. H. A. Melo 1224 & L. H. L. Coelho*).

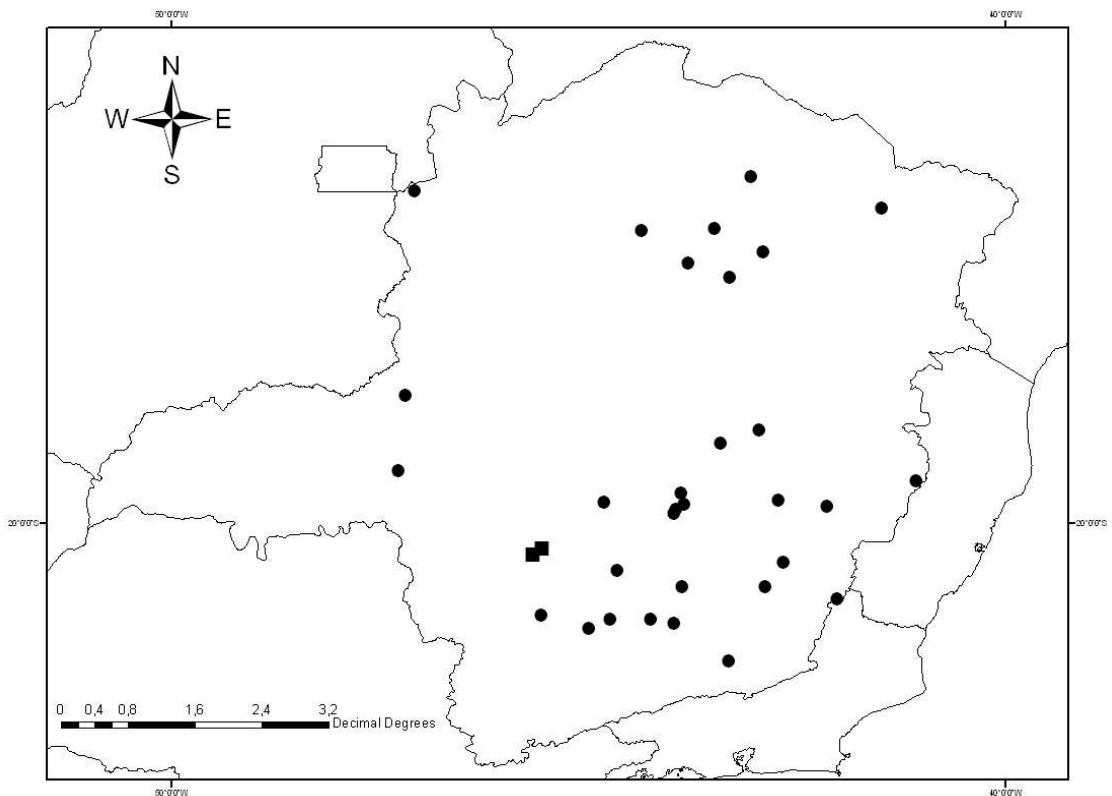


Figura 14: Distribuição de *Acacia tenuifolia* (●) e *A. velutina* (■) em Minas Gerais.

3.1.6. Espécies não confirmadas para Minas Gerais

Martius (1876) e Rico-Arce (2007) citaram *Acacia lasiophylla* Benth. e *A. pedicellata* Benth. como ocorrentes em Minas Gerais. Ambas as espécies referidas por Martius (1876) carecem da informação de material examinado. Rico Arce (2007) argumentou que estas espécies são pouco coletadas e representadas nos herbários. *Acacia lasiophylla* foi citada por Rico-Arce (2007) como endêmica de Minas Gerais, havendo necessidade de examinar tal material (depositado no herbário K, na Inglaterra) para a confirmação desta espécie para o estado. Caso isso ocorra, deve se tratar de uma espécie rara para Minas Gerais, pois não foi encontrado nenhum espécime corresponde a tal descrição. Com relação à *Acacia pedicellata*, Rico-Arce (2007) citou somente o *typus* como material examinado, este oriundo de Brasília, sem citação de material examinado de Minas Gerais e nem de literatura sobre a informação desta espécie para o estado. Neste caso, pode ter havido um equívoco quanto a informação de ocorrência de *A. pedicellata* em Minas Gerais.

3.2. Utilização das espécies

As espécies de *Acacia* de Minas Gerais são utilizadas de formas variadas (Tabela 2). Os usos mais frequentes são como plantas medicinais e como plantas melíferas, seguidos pelo uso de sua madeira, principalmente para construção civil e como lenha. Espécies como *A. bahiensis*, *A. langsdorffii*, *A. martii* e *A. monacantha* são indicadas para o uso em Sistemas Agroflorestais (SAFs) consorciados, por serem plantas de porte arbustivo à arbóreo com pouco ou nenhum armamento (o que facilita o manuseio) possibilitando, devido às flores geralmente atraírem muitos polinizadores, a atração destes para as demais plantas em cultivo.

Tabela 2: Utilização das espécies de *Acacia* de Minas Gerais: Ca- carvão; Cc- construção civil; Al- serve de alimento para animais; Cur- espécie utilizada em curtumes; Le- lenha; Me- melífera; Med- medicinal; Or- ornamental; So- espécie utilizada para sombra.

Espécies	Nomes populares	Categorias de uso
<i>Acacia bahiensis</i> Benth.	Espinheiro, violeiro, coração-de-mulato, unha-de-gato, calumbí-branco, pau-de-fuso, calumbí-preto, calumbí-de-fuso, arrebenta-foice, espinheiro-branco-de-âmago-vermelho, rompe gibão, unha-de-gato-do-miolo-vermelho.	Me
<i>Acacia farnesiana</i> (L.) Willd.	Coronha, espinheiro-de-avelino, calumbí, clorana, arapiraca esponjeira, espinilho, esponja.	Ca; Cc; Le; Med; Or
<i>Acacia grandistipula</i> Benth.	–	Me; Cc
<i>Acacia lacerans</i> Benth.	Arranha gato.	–
<i>Acacia langsdorffii</i> Benth.	Unha-de-gato, lambe-beiço, toca-d'onça.	Me; Med
<i>Acacia lewisii</i> Bocage & Miotto	–	–
<i>Acacia limae</i> Bocage & Miotto	–	–
<i>Acacia martii</i> Benth.	–	–
<i>Acacia martiusiana</i> (Steud.) Burk.	Unha-de-gato, serra-goela, arranha-gato.	Le; Med

<i>Acacia monacantha</i> Willd.	Espineiro-preto.	–
<i>Acacia polyphylla</i> DC.	Monjoleiro, juqueri-guau, paricá branco, paricarana, espineiro, paracaxi, cujuba, espinho d'anta.	Cc; Cur; Med; So
<i>Acacia polyphylla</i> DC. var. <i>giganticarpa</i> G.P. Lewis	Mucitaiba-mongo, mucitaba-mongo, braúna-mongo.	–
<i>Acacia pteridifolia</i> Benth.	–	–
<i>Acacia riparia</i> Kunth.	Unha-de-gato, unha-de-gato-branco, jurema-branca.	–
<i>Acacia serra</i> Benth.	–	–
<i>Acacia tenuifolia</i> (L.) Willd.	Unha-de-gato, serra-goela.	Cc; Med
<i>Acacia velutina</i> DC.	Vamos-junto, unha de gato, garapiá.	Me

Algumas espécies australianas são capazes de formar uma estrutura ectomicorrízica e micorrizas arbusculares e também de nodular, fato este que também ocorre com espécies de *Acacia* na África e no Brasil (Sprent 2001). Essas espécies são extremamente eficientes crescendo em solos pobres em nutrientes e também tem sido eficientes na recuperação de solos (Sprent 2001). Não existem estudos sobre quais as espécies brasileiras possuem esta capacidade de nodulação sendo que, das espécies de *Acacia* em Minas Gerais, apenas *Acacia farnesiana* é referida por Sprent (2001) como possuindo capacidade de nodulação, sendo que a grande maioria das espécies deste gênero são citadas por este mesmo autor como possuindo a capacidade de nodular e fixar nitrogênio.

Esse fato demonstra a necessidade de testar a nodulação nessas espécies e a possibilidade deste gênero ser usado na recuperação de solos, sabendo-se que, a exemplo de *A. polyphylla*, que trata-se de uma planta pioneira e de crescimento rápido (Burkart 1979), outras espécies do gênero podem ser utilizadas para recompor áreas degradadas.

3.3. Padrões de distribuição geográfica

Foram definidos oito padrões de distribuição geográfica para as 17 espécies de *Acacia* ocorrentes em Minas Gerais (Tabela 3): Ampla distribuição, Neotropical, América do Sul ocidental-centro-oriental, Brasil Oriental Nordeste-Sudeste-Sul, Brasil Atlântico Sudeste-Nordeste, Brasil Atlântico Sudeste-Sul, Endêmico Sudeste, Endêmico Minas Gerais.

Tabela 3: Padrões de distribuição geográfica das espécies de *Acacia* de Minas Gerais. ca: Caatinga; ce: Cerrado e fa: Floresta atlântica.

Espécies	Padrões de Distribuição Geográfica	Biomias
<i>Acacia bahiensis</i> Benth.	Brasil Atlântico Sudeste-Nordeste	ca
<i>Acacia farnesiana</i> (L.) Willd.	Ampla distribuição	ca, ce, fa
<i>Acacia grandistipula</i> Benth.	Brasil Atlântico Sudeste-Sul	fa
<i>Acacia lacerans</i> Benth.	Brasil Oriental Nordeste-Sudeste-Sul	fa
<i>Acacia langsdorffii</i> Benth.	América do Sul ocidental-centro-oriental	ca, ce
<i>Acacia lewisii</i> Bocage & Miotto	Brasil Atlântico Sudeste-Nordeste	ca, ce
<i>Acacia limae</i> Bocage & Miotto	Brasil Atlântico Sudeste-Nordeste	ca
<i>Acacia martii</i> Benth.	América do Sul ocidental-centro-oriental	ce
<i>Acacia martiusiana</i> (Steud.) Burk.	América do Sul ocidental-centro-oriental	ca, ce, fa
<i>Acacia monacantha</i> Willd.	América do Sul ocidental-centro-oriental	ca, fa
<i>Acacia polyphylla</i> DC.	Neotropical	ca, ce, fa
<i>Acacia polyphylla</i> DC. var. <i>giganticarpa</i> G.P. Lewis	Brasil Atlântico Sudeste-Nordeste	fa
<i>Acacia pteridifolia</i> Benth.	Endêmico Sudeste	fa
<i>Acacia riparia</i> Kunth.	Neotropical	ca, ce
<i>Acacia serra</i> Benth.	Endêmico Minas Gerais	fa
<i>Acacia tenuifolia</i> (L.) Willd.	Neotropical	ca, ce, fa
<i>Acacia velutina</i> DC.	América do Sul ocidental-centro-oriental	ce

1. Ampla distribuição: *Acacia farnesiana* é a única espécie do gênero, em Minas Gerais, que se distribui na África, Ásia, Austrália, Caribe, América Central, Índia, Estados Unidos e América do Sul (Rico-Arce 2007), geralmente associada a áreas secas ou com clima fortemente sazonal (Queiroz 2009). *Acacia farnesiana* é encontrada desde

a Bahia até Santa Catarina (Burkart 1979; Oliveira-Filho 2006; Queiroz 2009) e, em Minas Gerais (Figura 4), ocorre em áreas de Cerrado, Floresta Atlântica e Caatinga.

2. Neotropical: *Acacia polyphylla*, *A. riparia* e *A. tenuifolia* apresentam este padrão de distribuição. Tal padrão abrange espécie distribuídas no México, América Central e América do Sul. *Acacia polyphylla* ocorre na América Central e do Sul (Rico-Arce 2007). É uma espécie semidecídua e heliófita, característica dos estágios iniciais de sucessão (Lorenzi 1992). No Brasil, é encontrada desde a Bahia até Santa Catarina (Burkart 1979; Oliveira-Filho 2006; Queiroz 2009) e, em Minas Gerais (Figura 11), ocorre em áreas de Cerrado, Floresta Atlântica e Caatinga. *Acacia riparia* e *A. tenuifolia* distribuem-se no Caribe, América Central e do Sul e, no Brasil, são citadas para a Amazônia, Bahia e Minas Gerais (Lewis 1987, Silva 1990, Oliveira-Filho 2006; Queiroz 2009). Em Minas Gerais, *Acacia riparia* ocorre no Cerrado e na Floresta Atlântica (Figura 12). *Acacia tenuifolia*, é uma espécie característica de florestas pluviais e estacionais, ocasionalmente ocorrendo em caatinga (Queiroz 2009). Em Minas Gerais está amplamente distribuída (Figura 14), ocorrendo em Cerrado, Caatinga e Floresta Atlântica.

3. América do Sul ocidental-centro-oriental: Com ampla distribuição na América do Sul, *Acacia langsdorffii*, *A. martii*, *A. martiusiana*, *A. monacantha* e *A. velutina* ocorrem desde a Venezuela até a Argentina. No Brasil, *A. langsdorffii* e *A. monacantha* são citadas para as regiões Nordeste e Sudeste (Lewis 1987; Oliveira-Filho 2006; Queiroz 2009); sendo que a primeira, ocorre principalmente em Caatinga, florestas estacionais e áreas de contato Caatinga-Cerrado, geralmente em solo arenoso ou pedregoso (Queiroz 2009) e *A. monacantha* em caatinga arbórea e florestas estacionais, sobre solos férteis (Queiroz 2009). Em Minas Gerais, *A. langsdorffii* é encontrada em Caatinga e Cerrado (Figura 3), e *A. monacantha* em Caatinga e Floresta Atlântica (Figura 5). *Acacia martiusiana* ocorre em Floresta Pluvial Atlântica, principalmente nas áreas de vegetação secundária e borda de mata (Burkart 1979; Lima *et al.* 2007), ocasionalmente é encontrada na Caatinga, especialmente em caatinga arbórea, em áreas transicionais para florestas estacionais (Queiroz, 2009), sendo citada no Brasil para os Estados de Santa Catarina, Paraná, Rio de Janeiro, São Paulo, Bahia e Minas Gerais (Lewis 1987; Lima *et al.* 1994; Queiroz 2004; Rico-Arce 2007). Em Minas Gerais é amplamente distribuída (Figura 9), sendo encontrada nos três biomas. *Acacia velutina* não apresenta um hábitat preferencial, já que ocorre no interior das matas situadas em

solos úmidos e rochosos, clareiras das matas, capoeiras, beiras de rio e bordas de mata (Burkart 1979) e, no Brasil, distribui-se principalmente nas regiões sul e sudeste (Burkart 1979; Queiroz 2009), tendo aqui, sua primeira citação de ocorrência para Minas Gerais. Neste Estado, é encontrada apenas na região dos municípios de Arcos e Pains (Figura 14), em Cerrado. *Acacia martii* distribui-se na Argentina, Paraguai e Brasil, sendo encontrada, no Brasil, nos Estados de Goiás, Minas Gerais e São Paulo. Em Minas Gerais, é pouco representada em herbários. O único espécime examinado para este trabalho data de 1979, em área de Cerrado, no município de Grão-Mogol (Figura 7). Queiroz (2004), em trabalho com a flora de Grão-Mogol, cita três espécies de *Acacia*, porém, não é citada a ocorrência de *A. martii*.

4. Brasil Oriental Nordeste-Sudeste-Sul: *Acacia lacerans* é a única espécie ocorrente em Minas Gerais que apresenta este padrão de distribuição. Segundo Lima *et al.* 1994 e Rico-Arce (2007), esta espécie ocorre exclusivamente no Brasil, nas regiões Nordeste (Bahia), Sudeste (Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Paulo) e Sul (Paraná e Santa Catarina). É característica de Floresta Pluvial Atlântica, onde é comum principalmente nas formações secundárias. Porém, em Minas Gerais, foi encontrada apenas um espécime, coletado na região de Ouro Preto (Figura 5), sem data e local de coleta. Estudos taxonômicos com Leguminosae realizados recentemente na região de Ouro Preto (Dutra *et al.* 2008; Lima *et al.* 2007), em campo rupestre e floresta, não amostraram essa espécie.

5. Brasil Atlântico Sudeste-Nordeste: entre as espécies com ocorrência na extensão sudeste-nordeste da costa atlântica brasileira estão *Acacia bahiensis*, *A. lewisii*, *A. limae* e *A. polyphylla* var. *giganticarpa*. Esta última ocorre, em Minas Gerais (Figura 11), em áreas de Floresta Atlântica. As demais espécies do padrão de distribuição Brasil Atlântico-Sudeste-Nordeste ocorrem tanto em Minas Gerais como nas demais regiões em áreas de Caatinga (Du Bocage & Miotto 2005, 2006; Queiroz 2009), exceto *A. lewisii* que é também encontrada no Cerrado. *Acacia bahiensis* tem sua distribuição geográfica em Minas Gerais ilustrada na figura 4. *Acacia lewisii* e *A. limae*, tem suas distribuições geográficas em Minas Gerais ilustradas na figura 7.

6. Brasil Atlântico Sudeste-Sul: *A. grandistipula* é a única espécie ocorrente em Minas Gerais que apresenta este padrão de distribuição. Ela é citada para o Espírito Santo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Paraná (Martius 1876; Rico-Arce 2007), tendo ocorrência

restrita a áreas de Floresta Atlântica *s.l.*. Sua distribuição geográfica está ilustrada na figura 4.

7. Endêmico Sudeste: Ocorrendo apenas no Sudeste brasileiro, *A. pteridifolia* é citada como endêmica de Minas Gerais e Rio de Janeiro (Martius 1876; Rico-Arce 2007). Em Minas Gerais, tal espécie é encontrada na Floresta Atlântica (Figura 12). Trata-se de uma espécie pouco amostrada em herbários. Os quatro espécimes de material examinado provêm de Caratinga, com coletas de 1991 e 1992. Possivelmente, é uma espécie restrita a essa região.

8. Endêmico Minas Gerais: *Acacia serra*, espécie encontrada em área de Floresta Atlântica, é a única endêmica de Minas Gerais. Apenas três amostras desta espécie foram encontradas em herbários. Um destes foi coletado no município de Viçosa (sem identificação do coletor), em 1930, e os outros dois, em Dionísio (*E. Tameirão Neto* 847) e Marliéria (*J.A. Lombardi 1199 et al.*) (Figura 12), municípios do entorno do Parque Estadual do Rio Doce (PERD), em 1992 e 1996, respectivamente, no Domínio da Floresta Atlântica, na Formação Floresta Estacional Semidecidual Submontana (Veloso *et al.* 1991). O material de Marliéria é referenciado como tendo sido coletado no interior do PERD, porém, a espécie não foi citada para o parque por Nunes (2003), no estudo das Mimosoideae do PERD.



Figura 15: Delimitação geográfica dos padrões de distribuição verificados para as espécies de *Acacia* de Minas Gerais, com exceção do padrão de distribuição amplo. 1: Neotropical. 2: América do Sul ocidental-centro-oriental. 3: Brasil Oriental Nordeste-Sudeste-Sul. 4: Brasil Atlântico Sudeste-Nordeste. 5: Brasil Atlântico Sudeste-Sul. 6: Endêmico Sudeste. 7: Endêmico Minas Gerais.

Dentre os padrões encontrados para *Acacia* de Minas Gerais, América do Sul ocidental-centro-oriental foi o padrão com o maior número de espécies (29.41%). Dos padrões restritos ao Brasil, 76,47% das espécies ocorrem em padrões que englobam o estado de Minas Gerais, demonstrando a alta riqueza do gênero nestas regiões, sendo que duas espécies são restritas a região sudeste, e uma delas, *A. serra*, endêmica de Minas Gerais.

Em Minas Gerais, as espécies de *Acacia* distribuíram-se nos três biomas existentes no estado: Floresta Atlântica, Cerrado e Caatinga. Das 17 espécies amostradas, *A. farnesiana*, *A. martiusiana*, *A. polyphylla* e *A. tenuifolia* ocorreram nos três biomas (Tabela 1). A Caatinga e a Floresta Atlântica foram os biomas que apresentaram maior riqueza de espécies, com dez espécies cada, seguidos pelo Cerrado, com nove espécies. As espécies encontradas exclusivamente na Floresta Atlântica foram *A. grandistipula*, *A. lacerans*, *A. polyphylla* var. *giganticarpa*, *A. pteridifolia* e *A. serra*. Dentre estas, *A. grandistipula* e *Acacia lacerans* ocorrem em Floresta Pluvial Atlântica, em altitudes de 500-900 m (Lima *et al.* 1994; Rico-Arce 2007). *Acacia pteridifolia* e *A. serra* ocorrem em Floresta Atlântica secundária e áreas descampadas, na beira da estrada, abaixo de 800m (Rico-Arce 2007). Nenhuma destas espécies é citada na literatura como ocorrendo em algum outro bioma.

As espécies exclusivas da Caatinga foram *A. bahiensis* e *A. limae*. Destas, *A. bahiensis* ocorre em Caatinga e florestas sazonalmente secas, com altitudes de 200 a 1000 metros (Rico-Arce 2007). Na caatinga, *A. bahiensis* é encontrada em várias fisionomias, principalmente em área de transição para florestas estacionais, mas não é rara em caatingas arbustivas mais abertas assim como em áreas degradadas (Queiroz 2009). *Acacia limae*, encontrada em Minas Gerais apenas em áreas de Caatinga, ocorre, além deste bioma, em florestas sazonalmente secas, floresta estacional e Cerrado (Rico-Arce 2007).

Acacia martii e *A. velutina* foram exclusivas do Cerrado. Poucas são as informações sobre *A. martii* na literatura. Nada se cita sobre seu habitat, tendo sido encontrada, em Minas Gerais, apenas no município de Grão Mogol, em área de Cerrado. *Acacia velutina*, segundo Rico-Arce (2007), ocorre em áreas secas, e foi citada para o estado da Bahia como ocorrendo em Caatinga arbórea (Queiroz 2009).

4. CONCLUSÕES

O estado de Minas Gerais é mais rico em termos de número de espécies do que Amazônia, Bahia e Santa Catarina, havendo também um aumento do número de espécies do gênero citadas para o estado, inclusive com uma nova citação de ocorrência: *A. velutina*.

Os três biomas encontrados neste Estado são importantes para a conservação da biodiversidade do gênero em Minas Gerais, sendo que a Floresta Atlântica foi o bioma com o maior número de espécies restritas (5).

As espécies de *Acacia*, em sua maioria, são utilizadas como medicinais, melíferas e madeiras, sendo também usadas na dieta de alguns animais, como ornamentais e para sombra. Muitas das espécies encontradas neste trabalho possuem seu uso ainda desconhecido, mostrando a necessidade de estudos etnobotânicos e sobre nodulação com este gênero não só em Minas Gerais, mas em todo o Brasil, pois o potencial destas espécies permanece subexplorado.

Acacia lacerans, *A. lewisii*, *A. martii*, *A. pteridifolia*, *A. serra* e *A. velutina* estão sendo indicadas para a lista de espécies ameaçadas de extinção em Minas Gerais, na categoria criticamente em perigo, pois tem sido pouco amostradas e suas distribuições são restritas a poucas ou apenas uma localidade no Estado. *Acacia bahiensis* é também indicada para a lista de espécies ameaçadas de Minas Gerais, na categoria em perigo, e *A. limae* e *A. monacantha* indicadas na categoria vulnerável.

Acacia lacerans, *A. martii*, *A. polyphylla* var. *giganticarpa* e *A. pteridifolia*, com distribuição restrita a algumas regiões no Estado, foram amostradas fora de unidades de conservação mostrando a necessidade de implementação de estratégias de conservação em áreas não protegidas. A ausência de coletas recentes, para muitas espécies, mostra a necessidade e a importância de levantamentos florísticos intensivos para verificar o estado de conservação de suas populações.

5. REFERÊNCIAS

- AGUIAR, C. M. L.; Monteiro, V. M.; Santos, G. M. M.; Resende, J. J.; França, F.; Melo, E. 2002. Plantas visitadas por *Apis mellifera* L. (Hymenoptera, Apidae) em uma área de Caatinga em Itatim, Bahia, Brasil. **Sitientibus Série Ciências Biológicas** 2:29-33.
- BARROSO, G. M.; Morim, M. P.; Peixoto, A. L. & Ichasso, C. L. F. 1999. **Frutos e sementes: morfologia aplicada à sistemática de dicotiledôneas**. UFV, Imprensa Universitária Viçosa, 443 p.
- BARROSO, G. M.; Peixoto, A. L.; Costa, C. G.; Ichaso, C. L. F.; Guimarães, E. F. & Lima, H. C. 1991. **Sistemática de Angiospermas do Brasil**. UFV, Imprensa Universitária, Viçosa, 377 p.
- BAYLÃO-JÚNIOR, H.F. 2008. **Flora Melitófila do Sítio Monumento, Cacaria, Piraí, RJ**. Monografia. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Instituto de Florestas. Seropédica- RJ. 32p.
- BENTHAM, G. 1842. Notes on Mimoseae, with a synopsis of species. **London Journal of Botany** 1: 494-528.
- BENTHAM, G. 1875. Revision of the suborder Mimoseae. **Transactions of the Linnaean Society of London** 30: 335-664.
- BORTOLOTTI, I. M. 2006. Etnobotânica nas comunidades do Castelo e Amolar, borda oeste do Pantanal brasileiro. Tese de doutorado. Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho. Rio Claro, São Paulo. 158p.
- BRANDÃO, M.; Buendia, J. P.; Macedo, J. F. 2002. **Árvores nativas e exóticas de Minas Gerais**. PAMG. 528p.
- BURKART, A. 1979. **Flora ilustrada catarinense. Leguminosas Mimosoideas**. I Parte. Herbário Barbosa Rodrigues. Itajaí- SC. 304 p.
- CARVALHO, C. A. L. & Marchini, L. C. 1999. Plantas visitadas por *Apis mellifera* L. no vale do rio Paraguaçu, Município de Castro Alves, Bahia. **Revista brasileira de Botânica**, São Paulo, 22: 333-338.
- CÉSAR, E. A.; Juchum, F. S. & Lewis, G. P. 2006. **Lista preliminar da Família Leguminosae na Região Nordeste do Brasil**. Kew. Vol.2. 209p.
- CHAPPIL, J.A. & Maslin, B.R. 1995. A phylogenetic assessment of tribe Acacieae. *In*: M.D. Crisp & J.J. Doyle (eds.). **Advances in Legume Systematic**. Phylogeny 7: 77-99. Royal Botanic Gardens, Kew.
- DRUMMOND, G.M.; Martins, C.S.; Machado, A.B.M.; Sebaio, F.A., Antonini, Y. 2005. **Biodiversidade em Minas Gerais: um atlas para sua conservação**. Belo Horizonte, Fundação Biodiversitas. 222p.
- DU BOCAGE, A. L. & Miotto, S. T. S. 2005. Duas novas espécies de *Acacia* Mill. (Leguminosae-Mimosoideae) para o Brasil. **Bradea** 11: 11-16.

- DU BOCAGE, A. L. & Miotto, S. T. S. 2006. *Acacia globosa* e *Acacia limae*, duas novas espécies de Leguminosae-Mimosoideae para o Brasil. **Rodriguésia** 57: 131-136.
- DUTRA, F. V.; Garcia, F. C. P. & Lima, H. C. 2008. Mimosoideae (Leguminosae) nos Campos Rupestres do Parque Estadual do Itacolomi, Minas Gerais, Brasil. **Rodriguésia** 59: 573-585.
- ELIAS, T. S. 1981. Mimosoideae. *In*: Polhill, R. M. & Raven, P. H. (eds.). **Advances in Legume systematics**. Royal Botanical Gardens, Kew. 1: 143-152.
- FERNANDES, J. M. 2007. **Taxonomia e etnobotânica de Leguminosae Adans. em fragmentos florestais e sistemas agloflorestais na Zona da Mata mineira**. Dissertação (Mestrado em Botânica). Universidade Federal de Viçosa. 223p.
- FIDALGO, O. & Bononi, V.L.R. 1989. **Técnicas de coleta, preservação e herborização do material botânico**. São Paulo, Instituto de Botânica (manual 4), São Paulo, 61p.
- FLORENTINO, A. T. N.; Araújo, E. L. & Albuquerque, U. P. 2007. Contribuição de quintais agroflorestais na conservação de plantas da Caatinga, Município de Caruaru, PE, Brasil. **Acta botânica brasílica** 21: 37-47.
- FRANCO, E. A. P. & Barros, R. F. M. 2005. Uso e diversidade de plantas medicinais no Quilombo Olho'Dágua dos Pires, Esperantina, Piauí. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, Botucatu 8(3): 78-88.
- GUINET, P. & Vassal, J. 1978. Hypotheses on the differentiation of the major groups in the genus *Acacia* (Leguminosae). **Kew Bulletin** 32: 509-527.
- HOLMGREN, P. K. & HOLMGREN, N. H. **Index Herbariorum**. Disponível em: <http://sweetgum.nybg.org/ih/>. Acesso em 08 jul. 2009.
- LEWIS, G. P., Schrire, B. D., Mackinder, B. A. & Lock, J. M. 2005. **Leguminosae of the World**. Royal Botanic Gardens, Kew. 577 p.
- LEWIS, G.P. 1987. **Legumes of Bahia**. Royal Botanic Gardens, Kew, 145-152.
- LIMA, M. P. M. & Guedes-Bruni, R. R. (orgs.). 1994. **Reserva Ecológica de Macaé de Cima, Nova Friburgo, RJ**. Aspectos Florísticos das Espécies Vasculares. Vol 2. Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 404p.
- LIMA, H.C. 2000. **Leguminosas arbóreas da Mata Atlântica-** uma análise da riqueza, padrões de distribuição geográfica e similaridades florísticas em remanescentes florestais do estado do Rio de Janeiro. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 122p.
- LIMA, L. C. P.; Garcia, F. C. P. & Sartori, A. L. B. 2007. Leguminosae nas florestas estacionais do Parque Estadual do Itacolomi, Minas Gerais, Brasil: ervas, arbustos, subarbustos, lianas e trepadeiras. **Rodriguésia** 58: 331-358.
- LORENZI, H. 1992. **Árvores brasileiras:** manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil. Nova Odessa, Plantarum. 382p.

- LUCKOW, M., Miller, J.T., Murphy, D.J.; Livshultz, T. 2003. A phylogenetic analysis of the Mimosoideae (Leguminosae) based on chloroplast DNA sequence data. *In*: B.B. Klitgaard & A. Bruneau (eds.). **Advances in Legume Systematics**. Higher Level Systematics, Royal Botanic Gardens, Kew. 10: 197-220.
- MARTIUS, C. F. P.; Eichler, A. W.; Urban, I. 1876. **Flora brasiliensis** 15: 391-406.
- MENDONÇA, M.P. & Lins, L.V. 2000. **Lista Vermelha das espécies ameaçadas de extinção da flora de Minas Gerais**. Fundação Biodiversitas, Fundação Zoobotânica de Belo Horizonte, Belo Horizonte.
- MILLER, J.T. & Bayer, R.J. 2001. Molecular phylogenetics of *Acacia* (Fabaceae: Mimosoideae) based on the chloroplast *matK* coding sequence and flanking *trnK* intron spacer regions. **American Journal of Botany** 88: 697-705.
- MILLER, J.T.; Grimes, J.W.; Murphy, D.J. Bayer, R.J.; Ladiges, P.Y. 2003. A phylogenetic analysis of the Acacieae and Ingeae (Mimosoideae: Fabaceae) based on *trnK*, *matK*, *psbA-trnH*, e *trnL/trnF* sequence data. **Systematic Botany** 28: 558-566.
- MORIM, M. P. 2006. Leguminosae arbustivas e arbóreas da floresta atlântica do Parque Nacional do Itatiaia, sudeste do Brasil: padrões de distribuição. **Rodriguésia** 57: 27-45.
- MURPHY, D.J. 2008. A review of the classification of *Acacia* (Leguminosae, Mimosoideae). **Muelleria** 26: 10-26.
- MYERS, N., Mittermeier, R.A., Mittermeier, C.G., Fonseca, G.A.B. & Kent, J. 2000. Biodiversity hotspots for conservation priorities. **Nature** 403: 853-858.
- NETO, G. G. & Morais, R. G. 2003. Recursos medicinais de espécies do Cerrado de Mato Grosso: Um estudo bibliográfico. **Acta botânica brasílica** 17: 561-583.
- NUNES, S. R. D. F. S. 2003. As Mimosoideae (Leguminosae) no Parque Estadual do Rio Doce. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Viçosa. 106p.
- OLIVEIRA-FILHO, A. T. 2006. **Catálogo das árvores nativas de Minas Gerais: mapeamento e inventário da flora nativa e dos reflorestamentos de Minas Gerais**. Editora UFLA. 423p.
- ORCHARD, A. E., Maslin, B.R. (1584). 2003. Proposal to conserve the name *Acacia* (Leguminosae: Mimosoideae) with a conserved type. **Taxon** 52: 362-363.
- PEDLEY, L. 1986. Derivation and dispersal of *Acacia* (Leguminosae), with particular reference to Australia, and the recognition of *Senegalia* and *Racosperma*. **Botanical Journal of the Linnaean Society** 92: 219-254.
- PEREIRA, L. C. M. 2006. **Área de vida e padrões de deslocamento de Brachyteles arachnoides (E. Geoffroy, 1806) (Primates: Atelinae) em um fragmento florestal no município de Castro, estado do Paraná, Brasil**. Universidade Federal do Paraná. 107p.

- POLHILL, R.M., Raven, P.H. & Stirton, C.H. 1981. Evolution and Systematics of the Leguminosae. *In*: R.M. Polhill & P.H. Raven (eds.). **Advances in Legume Systematics**. Royal Botanic Gardens, Kew. 1: 1-26.
- QUEIROZ, L. P. 2004. Flora de Grão-Mogol, Minas Gerais: Leguminosae. **Boletim de Botânica da Universidade de São Paulo** 22: 213-265.
- QUEIROZ, L. P. 2009. **Leguminosas da Caatinga**. Universidade Estadual de Feira de Santana. 467p.
- RARDFORD, A.E.; Dickison, W.C.; Massey, J.R.; Bell, C.R. 1974. **Vascular Plant Systematics**. Harper & Row, New York. 891p.
- RIBEIRO, R. D. & LIMA, H. C. 2009. Riqueza e distribuição geográfica de espécies arbóreas da família Leguminosae e implicações para conservação no Centro de Diversidade Vegetal de Cabo Frio, Rio de Janeiro, Brasil. **Rodriguésia** 60: 111-127.
- RICO-ARCE, M. L. 2001. El género *Acacia* (Leguminosae, Mimosoidae) em el estado de Oaxaca, México (Parte B). **Anales Del Jardín Botánico de Madrid** 58: 275-301.
- RICO-ARCE, M.L. 2007. **American species of *Acacia***. Royal Botanic Gardens, Kew. 207p.
- SANO, S.M. & Almeida, S.P. 1998. **Cerrado: ambiente e flora Planaltina: EMBRAPA-CPAC**. 556p.
- SILVA, A. C. O. & Albuquerque, U. P. 2005. Woody medicinal plants of the caatinga in the state of Pernambuco (Northeast Brazil). **Acta botânica brasílica** 19 (1): 17-26.
- SILVA, A. S. L. 1990. Contribuição ao estudo sistemático das espécies do gênero *Acacia* Mill. (Leguminosae- Mimosoideae) ocorrentes na Amazônia. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. **Série Botânica** 6: 159- 226.
- SMITH, G. F.; Van Wyk, A. E.; Luckow, M. & Schrire, B. 2006. Conserving *Acacia* Mill. with a conserved type. What happened in Vienna? **Taxon** 55: 223 – 225
- SPRENT, J. I. 2001. **Nodulation in legumes**. Royal Botanic Gardens, Kew. 146p.
- VASSAL, J. 1972. Apport des recherches ontogéniques et séminologiques à l'étude morphologique, taxonomique et phylogénique du genre *Acacia*. **Bulletin de la société d'histoire naturelle de Toulouse** 108: 105-247.